



**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO**

**Relatório**  
**da Prática de Ensino Supervisionada**  
em Ensino de Artes Visuais  
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário  
**O Rosto na Arte: O Retrato**

**Mestranda: Vânia Isabel Rodrigues Silva**

**Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu**

**Évora 2012**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada**  
**para a obtenção do grau de *Mestre***  
**em Ensino de Artes Visuais**  
**no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**  
**realizada nas Escolas:**  
**Escola Secundário/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz**  
**Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos**

**Vânia Isabel Rodrigues Silva**

**Orientador da Universidade:**

**Professor Doutor Leonardo Charréu**

**Professores Cooperantes das Escolas:**

**Professor Domingos Isabelinho**

**Professor Luís Silva**

**Professor Tomás Ferreira**

## **Agradecimentos**

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e a boa vontade daqueles a que agora me refiro. A todos os meus sinceros agradecimentos.

Ao Professor Doutor Leonardo Charréu, orientador da universidade, pelo tempo despendido na leitura e correcção deste relatório e pela sua disponibilidade e apoio ao longo destes dois anos.

Aos professores cooperantes das escolas: professor Domingos Isabelinho, professora Ana Mateus, professor Luís Silva e professor Tomás Ferreira pelo auxílio prestado durante a prática de ensino supervisionada.

À minha irmã e colega de estágio que esteve sempre ao meu lado nos bons e maus momentos da prática de ensino supervisionada e da execução do presente relatório, pelo seu apoio e amizade incondicional.

Aos meus pais pelo amor e afecto demonstrado em mais uma etapa importante na minha vida.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização deste relatório, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
para a obtenção do grau de  
*Mestre em Ensino de Artes Visuais*  
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**

## **Resumo**

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspectos inerentes à prática desenvolvida no ano lectivo de 2011 / 2012 nas Escolas Secundária/3 Rainha Santa Isabel em Estremoz e EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos.

O relatório integra um tema aprofundado que se intitula *O Rosto na Arte: O Retrato* e compreende cinco partes: Preparação científica, Pedagógica e Didáctica; Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens; Análise da Prática de Ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento Profissional.

Possui ainda quinze apêndices finais com informação citada e evidências significativas das actividades desenvolvidas na escola.

**Report of the Supervised Teaching Practice  
to achieve the Master's Degree in  
*Teaching of the Visual Arts*  
at the 3<sup>rd</sup> Cycle of Basic and Secondary Education**

## **Abstract**

This *Report* was prepared to achieve de Master Degree on *Teaching of the Visual Arts in the 3<sup>rd</sup> Cycle of Basic and Secondary Education*, and it is focused in the teaching practice developed in Secundária/3 Rainha Santa Isabel em Estremoz e EB 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos Schools, during the academic year 2011/2012. The report includes a deepened theme *The Face of Art: Portrait* and five chapters: Scientific, Educational and Teaching Preparation; Planning, Conducted Lessons and Learning Evaluation; Teaching Analysis; Participation in School Activities and Professional Development.

It also includes fifteen final appendices with quoted information and significant evidence of the schooling activities

## Índice Geral

Agradecimentos .....	I
Resumo .....	II
Abstract .....	III
Índice de Imagens .....	VIII
Índice de Gráficos .....	IX
Índice de Tabelas .....	X
Introdução .....	1

### I. Tema desenvolvido

O Rosto na Arte: Retrato.....	2
-------------------------------	---

<b>Resumo/abstract.....</b>	<b>2</b>
-----------------------------	----------

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
--------------------------	----------

<b>2.MISTÉRIO DO ROSTO .....</b>	<b>4</b>
----------------------------------	----------

<b>3.O DESENHO DE ROSTO: RETRATO .....</b>	<b>4</b>
--	----------

3.1.O Poder do Olhar no Retrato .....	6
---------------------------------------	---

3.2. Expressões do Rosto .....	7
--------------------------------	---

3.3. Auto-Retrato .....	8
-------------------------	---

3.4. Artistas do Auto-retrato .....	8
-------------------------------------	---

3.5. Auto - Retrato e Melancolia.....	10
---------------------------------------	----

3.6. O Desenho do Rosto como Percepção do Tempo.....	11
--	----

<b>4.REFERÊNCIAS HISTÓRICAS .....</b>	<b>12</b>
---------------------------------------	-----------

4.1. Primeiras Manifestações do retrato.....	12
--	----

4.2. Retrato no Renascimento .....	13
------------------------------------	----

4.2.1. Perfis Renascentistas.....	14
-----------------------------------	----

4.2.2. Realismo e retrato cortesão .....	14
--	----

4.2.3. Retrato Flamengo.....	14
------------------------------	----

4.3. Retratistas do Renascimento .....	15
--	----

4.4. Barroco: A idade de Ouro do retrato.....	16
---	----

4.5. Novas Visões do Retrato.....	17
-----------------------------------	----

4.5.1. Retrato Romântico .....	17
4.5.2. Retrato Impressionista .....	18
4.5.3. Retrato Expressionista e Caricatura .....	18
<b>5.CONCLUSÕES .....</b>	<b>20</b>
II. Relatório da Prática Pedagógica.....	21
Primeira fase da Prática Pedagógica: 1º semestre.....	21
<b>6.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>7.CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....</b>	<b>22</b>
7.1. Contextualização Histórica .....	22
7.2. Caracterização do Meio Ambiente .....	23
7.3. Dimensão humana.....	28
7.3.1. Estrutura Organizacional .....	28
7.3.2. Dimensão Física: Instalações.....	32
<b>8.CARACTERIZAÇÃO DA TURMA .....</b>	<b>33</b>
<b>9.CARACTERIZAÇÃO DA SALA .....</b>	<b>37</b>
<b>10.CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE DESENHO A.....</b>	<b>38</b>
10.1. Caracterização do Programa da Disciplina .....	38
<b>11.FORMAÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>41</b>
11.1. Observação das aulas do orientador pedagógico .....	41
11.2. Aula de grupo: 1ª aula.....	42
11.3. Observação das aulas da colega em estágio.....	43
<b>12.AÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA .....</b>	<b>44</b>
12.1. Atividades desenvolvidas com a Turma .....	44
<b>13.AULAS INDIVIDUAIS .....</b>	<b>46</b>
13.1. Primeira aula .....	46
13.2. Segunda Aula.....	47
<b>14.AULA SUPERVISIONADA .....</b>	<b>48</b>
<b>15.ANÁLISE CRÍTICA DAS AULAS.....</b>	<b>50</b>
15.1. Análise do Trabalho dos alunos.....	51
<b>16.AVALIAÇÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>17.PROJETO DESENVOLVIDO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR.....</b>	<b>53</b>

17.1. Proposta de Logótipo para a Escola.....	53
II. Relatório da Prática Pedagógica.....	55
Segunda fase da Prática Pedagógica: 2º semestre.....	55
<b>18.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>55</b>
<b>19.CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....</b>	<b>55</b>
19.1. Caracterização do meio envolvente .....	56
19.1.1. Demografia e população .....	57
19.1.2. Estrutura Económica.....	57
19.1.3. Grau de escolaridade da população.....	58
19.1.4. Ofertas do Meio .....	58
19.2. Dimensão humana.....	60
19.2.1. Estrutura Organizacional .....	60
<b>20.CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....</b>	<b>62</b>
<b>21.CARACTERIZAÇÃO DA SALA.....</b>	<b>68</b>
<b>22.CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL.....</b>	<b>69</b>
22.1. Caracterização do Programa da Disciplina .....	70
<b>23.FORMAÇÃO PEDAGÓGICA.....</b>	<b>72</b>
23.1. Observação das aulas do professor cooperante.....	72
23.2. Observação das aulas da colega em estágio.....	72
<b>24.AÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA.....</b>	<b>73</b>
24.1. Atividades desenvolvidas com a turma.....	73
<b>25.AULAS DE GRUPO.....</b>	<b>74</b>
<b>26.AULAS SUPERVISIONADAS.....</b>	<b>76</b>
26.1. Primeira aula supervisionada .....	76
26.2. Segunda aula supervisionada .....	77
<b>27.ANÁLISE CRÍTICA DAS AULAS.....</b>	<b>80</b>
27.1. Análise do trabalho dos alunos .....	81
<b>28.AVALIAÇÃO.....</b>	<b>82</b>
<b>29.PROJETO DESENVOLVIDO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR.....</b>	<b>83</b>
<b>30.ANÁLISE CRÍTICA DO ESTÁGIO.....</b>	<b>84</b>
<b>31.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>

<b>32.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>88</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>91</b>
Apêndice 1- Planificações.....	92
Apêndice 2- Ficha diagnóstica.....	100
Apêndice 3- Enunciado do exercício (Surrealismo) .....	101
Apêndice 4- Critérios de avaliação: competências e saberes.....	102
Apêndice 5- Critérios de avaliação: Atitudes e Valores .....	108
Apêndice 6- Trabalhos realizados pelos alunos.....	115
Apêndice 7- Projeto para a Comunidade Escolar .....	120
Apêndice 8- Planificações.....	122
Apêndice 9- Questionário aos alunos .....	127
Apêndice 10- Critérios de Avaliação: Competências e Saberes .....	128
Apêndice 11- Critérios de Avaliação:Atitudes e Valores .....	129
Apêndice 12- Fotografias de espaços da vila de Arraiolos (2ª atividade).....	130
Apêndice 13-Trabalhos dos alunos:Projeto Arte Pública .....	131
Apêndice 14-Enunciado do exercício do Workshop.....	134
Apêndice 15-Trabalho dos alunos (Workshop): Projeto Retrato.....	135

## Índice de Imagens

<i>Imagem 1-</i> Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel.....	34
<i>Imagem 2-</i> Logótipo da Escola.....	34
<i>Imagem 3-</i> Planta da sala da Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel.....	37
<i>Imagem 4-</i> Trabalhos dos alunos (caricaturas) .....	43
<i>Imagem 5-</i> Pintura S.João Baptista, Caravagio.....	47
<i>Imagem 6-</i> Trabalho de um aluno, Realismo.....	47
<i>Imagem 7-</i> Pintura S.João Baptista, Caravagio.....	48
<i>Imagem 8-</i> Trabalho de um Aluno, Cubismo.....	48
<i>Imagem 9-</i> Aula Assistida.....	50
<i>Imagem 10-</i> Trabalho de um Aluno, Surrealismo.....	50
<i>Imagem 11-</i> Logótipo da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....	53
<i>Imagem 12-</i> Proposta de Logótipo da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....	53
<i>Imagem 13-</i> Escola EB 2,3/S Cunha Rivara-Monoblocos.....	55
<i>Imagem 14-</i> Logótipo Escola EB 2,3/S Cunha Rivara.....	55
<i>Imagem 15-</i> Escola (Nova) EB 2,3/S Cunha Rivara.....	56
<i>Imagem 16-</i> Vila de Arraiolos.....	56
<i>Imagem 17-</i> Planta Monoblocos.....	61
<i>Imagem 18-</i> Planta da sala da Escola EB 2,3 Cunha Rivara.....	69
<i>Imagem 19-</i> Alunos a realizar o exercício.....	76
<i>Imagem 20-</i> Primeira aula supervisionada.....	77
<i>Imagem 21-</i> Trabalho de um aluno (sólido).....	77
<i>Imagem 22-</i> Segunda Aula supervisionada.....	79
<i>Imagem 23-</i> Trabalho de um aluno (castelo).....	79
<i>Imagem 24-</i> Projecto final (escola).....	81
<i>Imagem 25-</i> Projecto final (castelo).....	81
<i>Imagem 26-</i> Cartaz Workshop Retrato.....	83
<i>Imagem 27-</i> Workshop Retrato.....	83
<i>Imagem 28-</i> Trabalhos realizados- workshop.....	84

## Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1-</i> Distribuição dos alunos por nível etário.....	34
<i>Gráfico 2-</i> Disciplinas preferidas dos alunos.....	34
<i>Gráfico 3-</i> Disciplinas com maiores dificuldades.....	34
<i>Gráfico 4-</i> Ocupação nos tempos livres.....	36
<i>Gráfico 5-</i> Profissões desejadas.....	36
<i>Gráfico 6-</i> Idades dos alunos.....	63
<i>Gráfico 7-</i> Residência dos Alunos.....	63
<i>Gráfico 8-</i> Habilitações literárias do pai.....	63
<i>Gráfico 9-</i> Habilitações literárias da mãe.....	63
<i>Gráfico 10-</i> Sector onde se insere a actividade profissional do pai.....	64
<i>Gráfico 11-</i> Sector onde se insere a actividade profissional da mãe.....	64
<i>Gráfico 12-</i> Número de irmãos.....	65
<i>Gráfico 13-</i> Número de Alunos repetentes.....	65
<i>Gráfico 14-</i> Trajeto casa-escola.....	65
<i>Gráfico 15-</i> Local de Almoço.....	65
<i>Gráfico 16-</i> Gosto pelo estudo.....	66
<i>Gráfico 17-</i> Gosto pela Escola.....	66
<i>Gráfico 18-</i> Disciplinas menos apreciadas.....	66
<i>Gráfico 19-</i> Disciplinas preferidas.....	67
<i>Gráfico 20-</i> Atividades nos tempos livres.....	67

## Índice de Tabelas

<i>Tabela 1- Direcção Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	28
<i>Tabela 2- Conselho Geral, Escola Secundária/3 da Rainha Santa.....</i>	29
<i>Tabela 3- Conselho Pedagógico, Escola Secundária/3 da Rainha.....</i>	30
<i>Tabela 4- Sub-Departamentos, Escola Secundária/3 da Rainha.....</i>	30
<i>Tabela 5- Coordenadores de Ano e Cursos, Escola Secundária/3 da Rainha.....</i>	31
<i>Tabela 6- Cursos profissionais, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	31
<i>Tabela 7- Chefes de Serviço, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	31
<i>Tabela 8- Dimensão física (instalações), Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	32
<i>Tabela 9- Agregado familiar, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	35
<i>Tabela 10- Agregado familiar, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	36
<i>Tabela 11- Agregado familiar, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....</i>	36
<i>Tabela 12- População do Concelho de Arraiolos.....</i>	37

## Introdução

Ao longo da nossa vida estamos constantemente a aprender, tanto de forma consciente como de forma inconsciente. O primeiro passo no caminho da aprendizagem do ser humano é proporcionado pela família, no sentido de o dirigir e orientar, porém é através do trabalho das escolas que conseguimos dar-lhe uma aprendizagem mais completa, que contribua para o seu desenvolvimento integral e o guie na direção de um excelente percurso profissional.

Para que as escolas consigam trabalhar em prol desta aprendizagem é necessário que sejam constituídas por professores competentes, que sejam capazes de evoluir através de uma constante aprendizagem. A minha Prática de Ensino Supervisionada procurou moldar-se a partir deste e de outros princípios, sempre com o propósito de agir em função de uma aprendizagem benéfica para todos.

A formação inicial de Professor não seria completa sem o contacto com a realidade, por isso ao longo do presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário descreverei não só a investigação desenvolvida à volta de um tema determinado, mas também a descrição da aplicação desse mesmo tema.

A investigação, que tem como tema “O Rosto na Arte-Retrato”, apresentará uma abordagem ao retrato ao longo da história da arte e uma tentativa de percepção do seu conceito, entendido como forma de presença “viva”, representando a *personalidade* do modelo. Nesta análise serão fundamentais os conceitos e teorias de alguns autores, como por exemplo José Gil e Artur Ramos, entre outros.

A segunda parte incidirá sobre a Prática Pedagógica realizada em duas escolas distintas: a Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel de Extremoz e a Escola EB 2,3/S *Cunha Rivara*, ambas no distrito de Évora.

Ao longo desta segunda parte não irei abordar somente as minhas conquistas, mas também os meus receios e os problemas que, por vezes, tive que enfrentar.

Ensinar não é uma tarefa fácil, no entanto, é bastante gratificante poder ensinar e contribuir para o desenvolvimento dos alunos, para que estes se tornem seres humanos completos e aptos para viver em sociedade. Os alunos têm um papel bastante importante neste processo, pois são eles que dão sentido a esta profissão e que fazem com que a vida docente seja sempre uma constante aprendizagem.

## **I. Tema desenvolvido**

### **O Rosto na Arte: Retrato**

#### **RESUMO**

A individualidade e diferenciação do ser humano envolve, não apenas, a sua distinção física, mas também o seu comportamento, personalidade, gostos, etc. Através do rosto e das suas expressões é revelada a personalidade fisionómica e, em muitos casos, a psicológica do retratado, que expõe não só o seu estado de espírito mas também o seu carácter. Num retrato, a serenidade e olhar do modelo em união com o lado melancólico presente na maioria dos artistas são fundamentais para se descobrir a verdadeira alma do retratado. Este retratado pode ser o próprio artista que se expõe de uma forma profunda através do seu próprio auto-retrato. Um indivíduo pode realizar muitos auto-retratos ao longo da vida, contudo é através destes que se apercebe do seu tempo de duração, pois ao observar os seus retratos consegue ter percepção de que está a envelhecer e que a morte se aproxima, enquanto o seu retrato permanecerá vivo. Uma série de considerações retiradas da história de arte vêm comprovar todos estes pensamentos através de uma descrição mais aprofundada acerca das origens do retrato.

**Palavras-chave:** Rosto, Retrato, Personalidade e História da Arte.

#### **ABSTRACT**

The Individuality and differentiation in the human being involves, not only its physic distinction, but also its behavior, personality, and taste. Through the face and expressions it is revealed the physiomy personality and, in many cases the psychological side of the portrayed person, who expose not only his/her state of mind, but also his/her character. In a portrait the serenity and look of a model together with its melancholic presence, in most of the cases, is fundamental, to the artist discovery of the true portrait soul.

The depicted could be the artist who displays himself, in a deep way his own self-portrait. An Individual could perform many self-portraits in his/her life, but in this moment he/she realizes, his/her life length, because when he/she observes his/her own portraits he/she understands that he/shes's getting old and the dead is close, in the opposite way the portrait remain alive. The consideration of art history came prove that all this thoughts, through a deep study about the origins of the portrait.

**Keywords:** face, portrait, self-portrait, personality and art history.

## 1.INTRODUÇÃO

O presente texto que se intitula *O Rosto na Arte: Retrato* irá abordar não só questões estéticas do retrato e a sua origem através da história de arte, mas também todo o mistério que suscita. Para que se possa compreender este tema é necessário fazer primeiramente uma abordagem ao rosto. Adriana Serrão (citado por Ramos, 2010, p.7) em relação ao rosto, «*ora o situa na continuidade física da cabeça e do corpo, ora o capta como lugar especial dotado de uma posição privilegiada nessa totalidade indivisa que caracteriza um indivíduo.*» De acordo com a autora, é nesta última via que o rosto se transforma numa forma viva ganhando «*um estatuto quase insular, destacando-se da própria cabeça, tal superfície onde o pensamento e os sentimentos se espelham e se pode ler o interior que nele e por ele se torna centrifugado.*» (citado por Ramos, 2010, p.7) O rosto torna-se por si só complexo e contudo é esta complexidade e este mistério que os artistas pretendem captar, através do retrato. Para que este obtenha um retrato “vivo” terá de se perder no olhar do retratado, pois só através do seu olhar o artista consegue ver a sua alma. O olhar é muitas vezes influenciado pelas expressões, que revelam não só estados psicológicas, mas também o carácter do indivíduo. Ao longo deste artigo também se fará referência a estas expressões como características únicas do ser humano.

Também se abordará a questão da melancolia, muitas vezes associada à imaginação nos retratos e auto-retratos. Os artistas nos seus auto-retratos apresentam-se muitas vezes de forma melancólica, estupefactos perante o seu espectáculo interior originado pelas imagens que visualizam, mas que sabem não conseguir transferir completamente para a obra. É este *sentido de contemplação* que dá profundidade a muitos retratos e auto-retratos realizados.

Contudo é a partir destes que o indivíduo se confronta com a duração de uma existência humana que fica registada como marca única e insubstituível de uma vida, que sendo sempre a mesma, é a cada instante diferente. Como refere Adriana Serrão (citado por Ramos, 2010, p.10) «*Entre o tempo de uma vida que flui e o traço que a fixa, entre duração e permanência nessa tensão entre vida e morte, na luta desigual contra o advir, há não obstante, que nunca desistir do fim almejado: transformar o modelo em presença viva, como se fosse ela mesma a mostrar-se na sua mais radical singularidade.*» Sendo assim, este tema que me propus desenvolver tem por objetivo conhecer o desenvolvimento do retrato ao longo da história da arte e principalmente percebê-lo como forma de presença “viva”, representando a personalidade do modelo.

## **2.MISTÉRIO DO ROSTO**

*Se é ao rosto que me dirijo quando falo, é porque é mais do que um simples écran ou superfície de inscrição: tem várias camadas, possui uma profundidade própria.* (Gil, 2007, p.167)

O ser humano não consegue ver o seu próprio rosto, apenas consegue ter uma noção de parte do nariz, das pálpebras ou das maçãs do rosto. É através do rosto dos outros que adquire indiretamente a possibilidade de desvendar alguns traços e expressões do seu rosto, sem os outros não teria um rosto. Mediante esta situação a interpretação que faz do seu rosto é que ocupa de modo incessante a interface entre o exterior, que corresponde às compreensões refratadas nos rostos dos outros e o interior.

*O rosto é uma superfície particular de entrada do exterior para o interior.* (Gil, 2007, p.167) Quando o indivíduo comunica com outro e recebe informação do exterior, é o seu rosto (ecrã simples) que a recebe mas é o seu interior que a deixa entrar até às zonas mais profundas do inconsciente. Qualquer um dos sentidos presentes no rosto tem uma grande influência não só neste processo de comunicação mas em toda a sua vida. A visão, através dos olhos, possibilita ao indivíduo ver tudo o que o rodeia; o olfacto, através do nariz, permite sentir todo o tipo de odores; o paladar, através da boca, permite saborear todo tipo de alimentos; a audição através dos ouvidos, possibilita a captação de todo o tipo de sons. Quem não tem rosto, nada significa, a menos que emerjam “dois olhos, um nariz e uma boca”. Segundo Gil (2007, p.166) “(...) *dirigir-se a uma cabeça sem rosto equivale a dirigir-se a ninguém - porque não haveria já um «lugar» a partir do qual situar o outro como receptor das mensagens verbais . O rosto oferece esse lugar de que necessita todo o sentido; e, assim ele centra o sentido. De tal modo que se pode dizer que não há sentido sem rosto porque há um rosto do sentido*”

## **3. O DESENHO DE ROSTO: RETRATO**

O retrato, género pictórico, é uma das representações mais antigas e dominantes na história da produção artística, cujo principal objetivo é a representação da figura humana. Contudo, apesar de ser um género muito usado pelos artistas desde a antiguidade, é também um tema complexo na modalidade do desenho, pois para que o retrato seja bem sucedido é necessário reunirem-se algumas condições como: a personalidade do artista, através do seu estilo e técnicas próprias e a personalidade do

modelo, ou seja a semelhança não só física mas também psíquica com o modelo. Como refere Aristóteles (citado por Guimarães, 2010) “*O objectivo da arte não é apenas apresentar a aparência externa das coisas, senão o seu significado interno; pois isto, e não a aparência e o detalhe externos, constitui a autêntica realidade*”.

Os artistas devem ter em conta que o retrato não é uma mera representação da aparência física do indivíduo, mas antes uma representação que revela a expressão do carácter e a qualidade moral do retratado, juntamente com o estilo artístico do retratista. Sendo assim, para que se obtenha uma verdadeira obra artística o retrato deve assumir-se como o melhor testemunho do confronto entre o artista e o retratado.

Durante o processo de retratar é necessário perceber como o artista decide ver o modelo, quais são as técnicas que opta para o retratar, que princípios estéticos o conduzem, que traços fundamentais pretende ressaltar ou quantos desenhos ensaia para que o seu valor como retrato prevaleça. De facto, para entendermos este decurso é necessário perceber tudo o que envolve a experiência que durante um determinado tempo envolve o artista e o modelo, num processo que leva à realização da obra artística.

Assim, “...só quando encaramos o desenho de retrato como o vestígio de uma experiência, é que podemos desenvolver um pensamento sobre o retrato e usufruir de tudo o que este nos pode proporcionar.” (Ramos, 2010, p.19)

Segundo a lenda de Plínio o retrato começa por ser o modo de ultrapassar as barreiras do tempo e do lugar, ele pretende ser o substituto de alguém que está ausente, fazer com que a sua presença seja eterna. “Assim a verdadeira função nasce de uma motivação que oscila entre a recordação sentimental e a veneração solene”. (Ramos, 2010, p.13)

**Lenda de Plínio:** A origem da pintura do retrato atribui-se ao amor, através de uma velha lenda grega descrita pela *História Natural de Plínio, o Velho*. Segundo esta lenda, o primeiro retrato teria sido traçado em Corinto por uma noiva, no momento em que o seu designado partia para a guerra. Ao despedir-se dele ela constatara que a luz de uma lâmpada desenhava na parede a sombra do perfil do noivo e, muito simplesmente contornou com uma linha a sombra do seu rosto. O seu pai aplicou argila sobre o esboço e fez um relevo que pôs a endurecer ao fogo com o resto das cerâmicas, depois de o ter secado. Assim o seu pai, Butades de Sycione foi o primeiro a descobrir a arte de modelar os retratos em argila, devendo assim esta invenção à sua filha.

### 3.1.O Poder do Olhar no Retrato

Através do olhar o indivíduo consegue revelar a sua alma. “...*de todos os órgãos que constitui o corpo humano, a alma enquanto alma, só se revela através dos olhos e do olhar*” (Ramos, 2010, p.378)

Assim, de acordo com este autor, e porque uma das grandes funções do retrato é revelar o interior do modelo, o olhar torna-se o seu centro em termos de composição.

O espectador ao observar obras como *De Visione Dei*, de Nicolau de Cusa apercebe-se da profundidade que o olhar pode adquirir numa obra de arte. O olhar deste retrato observa o espectador, segue-o para qualquer direção que ele vá, move-se, permanecendo imóvel. Estas obras parecem ter vida, atingindo o espectador com bastante intensidade, mesmo que à distância e em silêncio. Pedro Azara (citado por Ramos, 2010, p.373) afirma que os retratos guardam “...*algo mais que a recordação evanescente do modelo. De algum modo, os retratos mantêm viva a sua presença, guardam e protegem a sua presença viva que se vislumbra sempre através do seu olhar luminoso.*”

Num retrato o olhar tem maior ou menor incidência dependendo da posição do modelo.

Se este se apresentar a três quartos, o olho mais próximo tende a tornar-se no ponto principal, sobretudo quando este nos devolve o olhar, porém se o modelo se apresentar de perfil, o olhar raramente se cruza com o espectador, dando a sensação de que não sente a sua presença, revelando menos vida do que o retrato visto de frente.

Todavia, o retrato do olhar não se restringe apenas ao desenho dos olhos, mas envolve também todo o rosto. Segundo Ramos (2010, p. 378)“...*o olhar de um retrato parte do mais fundo deste e acompanhado por tudo o que o rodeia, evade-se para nos penetrar, evocar e animar com a presença do retratado. A importância do olhar numa figura ou num rosto está tão presente no retrato como na própria vida, por isso o principal elo de ligação entre a imagem que o retrato envolve e a vida a que nos remete, reside precisamente no olhar.*”

A variação do olhar pode ser tanta, que se torna a parte do rosto em que o artista deposita a maior atenção, observando cada detalhe e cada movimento seu. Vários fatores podem influenciar o olhar na altura da sua representação (a iluminação, a hora do dia, o grau de fadiga do modelo ou o seu estado de espírito), por isto, cabe ao artista, através de um estudo prévio do modelo, captar o olhar que melhor o define.

### 3.2. Expressões do Rosto

A palavra expressão está naturalmente ligada à arte do retrato, no entanto esta acrescenta-lhe diferentes sentidos para que se compreenda o seu alcance. De acordo com Artur Ramos (2010), a expressão do rosto pode ser provocada por um estado emocional específico, revelando-se como uma expressão reveladora de uma emoção ou pode ter uma significação mais geral, em que a expressão é o próprio carácter, permitindo que algo mais profundo seja revelado. Acredita que “...a imagem do rosto é um resultado da conjugação de duas forças: o caudal hereditário fixo e a acção diversamente modeladora da vida, das vivências e do meio” (Ramos, 2010, p.167). Estas marcas presentes no rosto, apesar de algumas passageiras e outras próprias do carácter, são reveladas ao retratista, mesmo que de forma delicada e subtil.

No presente texto pretende-se realçar as marcas passageiras, reveladoras de emoções para que as possamos distinguir das outras. Estas segundo Artur Ramos (2010) podem ser também designadas de expressões psicológicas que são muitas vezes compostas por pormenores físicos, matizes do gesto e de atitude ou contrações do rosto reveladoras de conteúdos psicológicos que podem passar despercebidas à maior parte das pessoas, mas que não passam despercebidas ao verdadeiro artista.

Através dos sobrolhos, um dos aspetos mais reveladores da expressão psicológica, o modelo consegue mostrar o seu estado de espírito, em conjunto com outros factores. Franzir o sobrolho implica um semicerrar de olhos, vincos nas pálpebras ou rugas na testa e pode ser sinónimo de preocupação, contrariedade ou aborrecimento. As faces também podem evidenciar diversos tipos de estados de espírito, sendo estas bastante afetadas pela boca. Os lábios e o nariz marcam igualmente expressões com muita clareza, basta uma pequena variação para que o retratista retire conclusões sobre humores do modelo. O sorriso e o riso também podem ser entendidos de diferentes formas para o artista.

Como é referido no livro *Retrato: rosto e expressões* (2000) existem também variadíssimas expressões ativadas por paixões de todo o tipo, desde a alegria à melancolia, desde o entusiasmo ao medo, passando pelo orgulho, a inveja e o esforço. Perante isto conclui-se que o retrato busca não só expressões reveladoras de carácter, mas também expressões que revelam emoções, estados psicológicos passageiros que marcam o modelo e o enchem de uma magnífica expressividade.

### 3.3. Auto-Retrato

O Auto-retrato é uma variante da pintura de retrato em que o modelo é o próprio artista. Para defini-lo é necessário saber qual o motivo do artista para se representar, qual a sua forma de encarar este tema e sobretudo a forma como vê a arte como um todo e como forma de expressão. Sobre o Auto-Retrato existem várias opiniões:

De acordo com Canton em 2004 (citado por Silva, s.d., p.3), desde a pré-história o homem já pintava as suas mãos nas paredes das cavernas, (usando um pó colorido para fazer os contornos) como forma de deixar uma marca da sua imagem. Para a escritora, o auto-retrato constitui-se numa imagem de si feita por si, uma forma de representação em que o retratado é quem se retrata, uma pintura onde o modelo é o próprio artista.

Segundo Pessoa em 2006 (citado por Silva, s.d., p.3), a auto-representação é uma forma de registo da afirmação de presença. Retrata o que ele imagina, deseja ou idealiza ser. Tem por objetivo não só representar a sua imagem visual evidenciada num objecto qualquer, mas também busca uma operação que envolve escolhas, tanto do meio, dos materiais, quanto dos suportes e a definição de conceitos.

Em muitos auto-retratos de artistas estão representadas as suas angústias, através de defeitos físicos ou mutilações. Um exemplo disso é o Auto-Retrato *Coluna Partida*, pintado por Frida Kahlo (1907-1954) em 1944, onde representa a sua própria realidade, mostrando o seu sofrimento quando partiu a coluna, consequência de um acidente na juventude quando regressava da escola. Os artistas representam-se também em alguns retratos, em cenas do quotidiano como em *Bonjour, Monsieur Courbet* (1954), de Gustave Courbet (1819-1877), ou em situações de trabalho, como por exemplo: *O Ateliê do Pintor* (1854-1855), também de Courbet.

### 3.4. Artistas do Auto-retrato

Albrecht Dürer (1471-1528) pintor, gravador e ilustrador alemão renascentista é ainda hoje encarado como um mestre da pintura, portador de uma enorme facilidade no traço e de uma extraordinária observação do detalhe, qualidades perceptíveis nos seus auto-retratos. Foi o primeiro a deixar-se cativar pela própria imagem e pintou o seu primeiro auto-retrato aos 13 anos. Num dos seus auto-retratos, pintou-se numa pose semelhante à de Cristo, manifestando a exaltação do *status* do artista. Nos últimos anos

da sua vida trabalhou em temas teóricos, pois os seus interesses eram também, a matemática, a geografia, a arquitetura, a geometria e a fortificação.

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1666) foi um pintor e gravador holandês que se distinguiu na história de arte pelo grande número de retratos realizados (pintou quase uma centena de auto-retratos). Rembrandt mostra-se através dos seus auto-retratos, evidenciando em cada um deles o impacto de uma vida activa e cheia de criatividade. Neles o artista retrata-se sem qualquer vaidade, mostrando que os seus auto-retratos são a sua própria biografia. A luz é imprescindível nas suas pinturas, Rembrandt utiliza-a bastante para evidenciar o que este pensa ser mais significativo em cada retrato seu.

O artista retratou-se em diferentes períodos da sua vida, desde a sua juventude até à sua madura idade, mostrando através das suas pinturas, não só a sua mudança em termos de fisionomia mas também a sua mudança de espírito com o passar do tempo.

Vincent van Gogh (1853-1890) pintor pós-impressionista holandês tornou-se um dos maiores artistas de todos os tempos. Durante a sua vida realizou 35 auto-retratos aliados à relação que o artista tinha com o seu próprio corpo, sendo culminante o retrato da mutilação da sua orelha (1889). Vincent van Gogh reflectia nos seus auto-retratos a sua vida psíquica, uma vida conturbada em que se questiona sobre os seus próprios limites. Nos seus auto-retratos ele provoca uma espécie de pânico visual, ao utilizar pontos de cor e traços bastante expressivos misturando diferentes tons, mostrando assim o seu carácter depressivo e a sua agressividade perante a vida.

Frida Kahlo (1907-1954), pintora mexicana, realizou principalmente auto-retratos nos quais utilizava uma conceção e estilo inspirados na arte popular do seu país. Na sua adolescência sofreu um grave acidente de viação que a levou a pintar durante a recuperação. A sua vida foi marcada por acidentes e doenças, por isto, a maioria dos seus auto-retratos baseiam-se nas suas experiências violentas e nas suas revoltas psicológicas. Frida Kahlo não se considerava surrealista, contudo criou um estilo de fusão entre a arte tradicional hispano-americana e as experiências dos surrealistas.

### 3.5. Auto - Retrato e Melancolia

Num retrato natural normalmente prevalece o rosto sereno, enquadrado num ambiente enigmático e indescritível. No entanto, é este rosto sereno que nos faz fixar nele e tentar perceber todos os seus pensamentos. Será que ainda está vivo? Como será o seu carácter? É esta procura incessante de respostas sobre o desconhecido e esta obscuridade demonstrada por ele que faz do retrato um mistério a descobrir.

O retrato revela-nos portanto, uma certa melancolia, como refere Diderot (citado por Ramos, 2010, p. 396) «...o retrato pode ter um gesto triste, sombrio, melancólico, sereno pois esses são os estados permanentes...». Mas porque será que os retratos apresentam na maioria dos casos rostos serenos? Este autor refere que este ar sereno, que muitas vezes revela uma certa melancolia é a expressão mais adequada ao retrato, pois quando se trata de outra que exprima um estado mais dinâmico torna-se complicado a expressão não se mostrar forçada. Como profere este autor, «...um retrato que ri carece de nobreza, de carácter, e às vezes inclusivamente de verdade e consequentemente é uma estupidez. O riso é passageiro. Rimos por um motivo; mas não somos risonhos por natureza».(citado por Ramos, 2010, p. 380)

Este estado melancólico é muito frequente não só nos retratos mas principalmente nos auto-retratos, em que o artista é o próprio retratado, podendo assim revelar outra impressão sobre si mesmo e ter o domínio das suas expressões.

Alguns auto-retratos como os de Jaques-Louis David ou Anne-Louis Girodet-Trioson são exemplos de representações que mostram a melancolia ou a inquietação de não se conseguir retratar tudo aquilo que se observa e tudo aquilo que se sente. Um problema muito comum entre os artistas. Artur Ramos (2010) revela alguns auto-retratos que demonstram esta frustração, incapacidade e “melancolia”:

O auto-retrato de Reynolds, esconde o olhar com o seu braço que o parece proteger de um feixe de luz. O espectador não consegue ver os seus olhos, assim como este parece ter dificuldade em ver, devido à intensidade de luz que o ofusca. É esta sua incapacidade que o artista tem de ver mais longe que pretende mostrar ao espectador, através do seu auto-retrato.

O auto-retrato de Girodet também pretende revelar ao espectador esta inquietação através de um franzir de sobrolhos e de um olhar que se perde de forma intensa no infinito. Ao contrário do auto-retrato anterior neste assenta-se um ambiente de inquietação que atinge o espectador, uma vez que este não cruza com o olhar do

retratado. O excesso de negro no sangue melancólico provoca-lhe uma hipertrofia nas capacidades imaginativas, não conseguindo deixar os seus sonhos para começar a trabalhar. Scliar (citado por Barbosa, p.14) refere que para Aristóteles todo o “homem genial” teria uma natureza melancólica, pois esta engrandece a alma e estimula a imaginação.

Para além desta melancolia que aflora nos artistas que pretendem numa luta constante representar tudo aquilo que vêem e sentem existe outro tipo de melancolia, muito mais carnal, em que os artistas mostram o seu lado animal. O auto-retrato Odd Nerdrum é um exemplo desta melancolia, em que mostra a artista a sangrar do nariz. Esta vertente é sem dúvida a mais dramática e a que dá mais liberdade ao artista, contudo é a menos utilizada nos retratos.

### **3.6. O Desenho do Rosto como Percepção do Tempo**

Segundo Artur Ramos (2010) através da arte, principalmente através do retrato e do auto-retrato, o ser humano, homem e artista, consegue ter consciência do seu tempo de duração. A arte debruça-se sobre esta temática e enfrenta tradicionalmente algumas preocupações como: a consciência do tempo, a sua passagem inexorável e o tempo que o artista quer reter ou fixar através do retrato. De facto, a necessidade que todo o ser humano tem de se conhecer a si próprio, de perceber como a vida passa por ele, ou como é que a morte se aproxima, é objectivo não só dele mesmo, mas também do retrato ou auto-retrato. Portanto se já é difícil para o indivíduo se conhecer perante esta vida efémera, então fazer o seu auto-retrato ou retrato de alguém, torna-se num processo ainda mais complexo.

Através da construção do retrato podemos ir ao encontro dessa consciência do tempo. Primeiramente, e como refere Artur Ramos (2010), ao tentar captar o rosto do modelo, o artista confronta-se com o obstáculo de o retratar como forma fixa, estando este, mesmo que de forma subtil, em constantes movimentos. Seguidamente, e ao retratar o modelo, o artista apercebe-se também que este vai sofrendo algumas alterações, que cada instante é um instante. Henri Bergson (citado por Ramos, 2010, p.439) refere o seguinte acerca da duração: *«Tomemos em consideração o mais estável dos estados internos: A percepção de um objecto exterior imóvel. Por mais que o objecto se mantenha o mesmo, por mais que o olhe do mesmo lado, segundo o mesmo*

*ponto de vista e no mesmo dia, a visão que tenho não difere menos da que acabo de ter ainda que não fosse por ela ter envelhecido um instante.»*

O rosto com o tempo vai sofrendo várias mudanças, por isso cada retrato que o artista faz do mesmo indivíduo ao longo da vida, parece o complemento do anterior. O artista e o retratado ao vislumbrar cada obra, têm consciência da passagem do tempo nas suas vidas apercebendo-se que os desenhos são *«como etapas que a vida atravessa sem se deter ou como pontuais descansos no caminho, sem que a vida neles se detenha»*. (Ramos, 2010, p.439).

Esta consciência também pode ser encontrada quando o homem ou mesmo o próprio artista observam retratos de familiares ou amigos, permitindo uma visão mais global de toda vida, de como ela passa e se vai esgotando ao longo do tempo. Assim os retratos deixam de ser meros encontros pontuais no tempo, para poderem perdurar na memória de quem os vê e acredita naqueles rostos como sendo os verdadeiros rostos da vida daqueles que foram sendo retratados.

## **4.REFERÊNCIAS HISTÓRICAS**

### **4.1.Primeiras Manifestações do retrato**

As primeiras aproximações ao retrato tiveram início no Antigo Egito, ao serem representados arquétipos de figuras sociais rodeadas dos atributos representantes do seu cargo nos túmulos e câmaras funerárias.

A arte do Antigo Egito tinha uma função religiosa, pretendendo prolongar a figura do defunto para além da morte, garantindo assim a sobrevivência da alma. Nestas pinturas estavam ausentes as características próprias do retrato, os modelos eram retratados de forma muito estilizada e a maioria de perfil, não existindo qualquer interesse em individualizar ou distinguir o semblante de uma figura comparativamente a outras. No entanto, nos Médio e Novo Império aparecem alguns exemplos de intenção expressiva no retrato, concebíveis também nos períodos finais, saíta e ptolomaico, antes da integração do Egito nos domínios de Roma.

Os romanos foram influenciados pela arte etrusca e foi a partir desta que desenvolveram as suas pinturas, em especial o retrato comemorativo de tipo realista.

A cultura romana transmite-se e possibilita o aparecimento do retrato individual, sobretudo na escultura, enquanto que na pintura se prefere optar pela paisagem da decoração arquitectónica em vez do retrato. Quando esta escultura romana chega ao Médio Oriente estes encontram um campo de tradições favorável para o retrato, onde se reúnem as tendências religiosa e cerimonial características do Egipto com a prática realista de raízes etrusca e greco-romana, que inclui tanto o claro-escuro como a captação dos traços essenciais do modelo. As escassas pinturas de retratos que se conservam da época romana, como os de Pompeia, são reproduções de grande perícia sobretudo na captação das expressões e fisionomias do retratado, o que faz prever que o retrato talvez fosse uma prática comum dos artistas da altura.

Na idade Média, depois da divisão entre o Oriente e a queda do Império Romano (Ocidente), o cristianismo avança com muito poder e o papa torna-se o novo imperador pan-europeu na Idade Média. Com isto, o retrato perde a sua essência para dar lugar a fórmulas genéricas e simbólicas de representação humana, afirmando-se como género apenas até ao final do Império Romano.

#### **4.2. Retrato no Renascimento**

Os retratos modernos surgem de forma muito subtil no final da Idade Média e no Renascimento. As expressões genéricas vão dando lugar a tendências realistas onde se procuram expressões mais personalizadas do indivíduo. O que levou a estas tendências foi a procura de pinturas que incluíssem a figura de quem as tinha encomendado, um representante da igreja, um príncipe ou um nobre da altura. Estes, conhecem-se como doadores e adoravam ver-se a si próprios e serem reconhecidos pelos espectadores participando em representações religiosas, onde aparecem em atitude de veneração junto de Santos ou em cenas sacras. No retrato do renascimento fizeram-se novos estudos de perspectiva e anatomia, assim como se introduziu a pintura a óleo, na qual os artistas através da sua secagem lenta conseguiam moldar pormenores até adquirirem a perfeição e o realismo das formas, tornando-se assim o meio mais requisitado entre os artistas. O realismo das representações começa a tornar-se cada vez mais evidente,

chegando ao ponto destes clientes começarem a encomendar ao artista representações suas individuais.

#### **4.2.1. Perfis Renascentistas**

Na Itália do Renascimento, muitos dos primeiros retratos eram inspirados nas antigas moedas romanas, onde a imagem do imperador aparecia num ou em ambos os lados. Muitos dos primeiros retratos aparecem como género autónomo, onde eram representados bustos de figuras vistas de perfil, recortadas contra um fundo neutro ou uma paisagem.

#### **4.2.2. Realismo e retrato cortesão**

Como refere (AA.VV, 2000, p.9), a partir do século XV desenvolveram-se em Itália duas grandes tendências na pintura de retratos: uma tradicional e cortesã onde se prolongava a forma refinada e decorativa do gótico e outra inovadora, monumental e robusta onde se representavam pormenores ornamentais e de um cromatismo mais moderado. A primeira tendência a par do realismo flamengo nórdico, leva as possibilidades da evolução da pintura ao extremo e a segunda foi bastante utilizada pelos grandes mestres do Renascimento e Barroco nos seus retratos.

#### **4.2.3. Retrato Flamengo**

O retrato flamengo desenvolve-se a partir de uma tendência na Flandres da tradição goticista, que juntamente com a italiana, constituem a grande influência artística do continente: o gótico internacional. *“Os retratos flamengos são um prodígio de pormenor e virtuosismo técnico, nos quais cada ruga do rosto e cada parte do panejamento da roupa são descritas com absoluta minuciosidade”*. (AA.VV, 2000, p.9). O realismo flamengo faz do retrato um dos géneros mais atraentes da época.

### 4.3. Retratistas do Renascimento

Na Itália, os pintores Renascentistas adotam o modelo monumental de retrato, representando o modelo isolado num fundo simples e optando por gestos nobres e poses imponentes que manifestam a importância ou a personalidade do modelo.

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um dos artistas que inaugurou este novo estilo, ajudando a entender a representação da figura humana. Dos poucos retratos realizados por este artista o mais célebre foi *A Gioconda* (1503), uma pintura enigmática que representa uma mulher ligeiramente a três quartos com as mãos cruzadas sobre um fundo de paisagem com uma expressão introspectiva e um pouco tímida que revela um pequeno sorriso sedutor e ao mesmo tempo conservador. É nesta obra que o artista melhor concebeu a técnica do *sfumatto* que reforça esta sugestão psicológica. Esta obra serviu de inspiração para obras posteriores que se baseavam tanto na sua composição e realização técnica como neste enigma psicológico.

Rafael (1483-1520) foi outro pintor renascentista que se destacava pela suavidade e perfeição das suas obras, estabelecendo o modelo definitivo do retrato clássico. Este adotava uma composição piramidal típica da arte renascentista em que agrupa o retrato sob a configuração de um triângulo, dando à representação um efeito de estabilidade e reforçando a segurança e o aspeto tranquilo do modelo. “*As formas são amplas, de perfis simples e claros, não aparecem formas desnecessárias e o efeito é sereno e monumental*”. (AA.VV, 2000, p.10). Os retratos de Rafael tornaram-se numa tendência obrigatória para as obras de outros artistas, não só no Renascimento mas em épocas posteriores.

Também Albrecht Dürer se torna um protetor dos novos ideais da representação humana, sendo o pioneiro no género auto-retrato. Dürer fez nas suas obras uma síntese do Gótico, que decaía, e do Renascimento que emergia cada vez mais, criando um estilo próprio e inconfundível principalmente nos seus auto-retratos. Adotando as influências de Leonardo da Vinci, Dürer reclama a nobreza da pintura e a superioridade do pintor. “*Se a pintura deve representar os temas mais dignos, então o auto-retrato supõe toda uma declaração acerca da dignidade do artista.*” (AA.VV, 2000, p.11).

O pintor veneziano Ticiano faz com que o Renascimento italiano atinja o seu esplendor final no século XVI, antecipando diversas características do Barroco. Os seus retratos são obras vivas onde se conserva a monumentalidade clássica e um poderoso sentido da cor e a modelação policromática.

#### 4.4. Barroco: A idade de Ouro do retrato

O retrato torna-se o auge da pintura no século XVII e XVIII durante o barroco, reproduzindo os mais destacados gênios da época. São muitos os nobres e as famílias com grandes fortunas que querem ser retratadas nesta altura e até as cortes Europeias contam com os seus retratistas oficiais. Rubens é o pintor mais famoso deste género e também o que realizou o maior número de retratos. Inspirou-se nos venezianos para criar um retrato cortesão no que não se descarta a profundidade psicológica. Este artista apesar de considerar a arte do retrato menor realizou muitos retratos para conseguir melhores trabalhos, realizando grandes composições alegóricas, produzidas com a colaboração dos seus ajudantes. “ *O retrato é um género secundário em relação à pintura da história (história religiosa, mitológica ou antiga), pois o artista mais não faz do que copiar a realidade (...) e não necessita de utilizar a imaginação, nem de demonstrar ciência (...)*”. (Lhote, J., et al. 1999, p.73).

Como refere Voltaire em 1758 “*Que importa ao fim ao cabo, que a imagem de um pobre diabo, dentro em pouco reduzido a pó, seja parecida ou não? Os retratos são quimeras como tudo o resto*”. (citado por Lhote, J., et al. 1999, p.73).

Os retratos de Rubens mesmo assim são o mais encantador da sua obra devido à síntese da forma e da cor, à frescura da realização direta e à ternura da representação dos entes queridos, principalmente quando retrata a sua mulher e filhos.

Velázquez também pensava o mesmo que Rubens acerca do retrato mas, assim como este, criou uma imensa galeria de retratos na qual representava todas as personagens da corte de Filipe IV, onde conseguiu evoluir bastante a sua técnica. Passou de um realismo do claro-escuro para um estilo em que se baseava na cor fluida e suave, captando uma extrema objetividade nos seus retratos, sem ceder a estilizações ou à retórica. A obra de Velázquez foi um modelo para os pintores realistas e impressionistas, que o chegaram a considerar como "pintor dos pintores".

Frans Hals foi um dos grandes retratistas da Holanda do século XVII, produzindo variadíssimos retratos para clientes burgueses. Frans Hals ao contrário de outros artistas adorava pintar retratos, pintou um grande conjunto de retratos onde estavam representadas pessoas simples em atitudes espontâneas por simples prazer. Nestes retratos Frans Hals captava o gesto e a expressão do rosto e a sua técnica aproxima-se do impressionismo através da agilidade das pinceladas.

## **4.5.Novas Visões do Retrato**

### **4.5.1.Retrato Romântico**

No século XVIII em França o retrato artesão representava a categoria/profissão do cliente através dos acessórios do modelo (vestidos, instrumentos, etc.). Este era o retrato valorizado na época, em que os retratistas da corte se especializavam em retratos oficiais, dando grandiosidade às suas obras.

No entanto, o artista Maurice Quentin de La Tour vem fomentar uma outra característica no retrato em que é a alma e não a categoria social o que interessa. Esta nova visão do retrato vem interessar-se pela personalidade individual do modelo e pela captação da sua expressão significativa, optando pelo pastel como único meio de trabalho.

Jacques- Louis David, pintor muito implicado na Revolução Francesa, vem também mostrar uma nova visão da arte, respondendo a questões que sempre atenderam à mente do artista e do cliente em relação às pinturas de retratos. Este crê no regresso do classicismo e no retrato que revele algum ensinamento ao povo. Sob a forma neoclássica revela-se então uma nova ideologia: a atitude romântica e a fé na elevação moral do homem através da arte.

Goya, um artista Espanhol bastante independente revela nos seus retratos uma atitude nitidamente romântica, tentando ir mais além da realidade objectiva. Nos seus retratos este artista mostra a sua visão do modelo e o espectador pode ver neles se o artista o amava ou odiava.

Jean-Auguste Dominique Ingres, um precursor do classicismo, foi o mais importante artista do romantismo francês. Para este todo o retrato começa por um desenho preciso que recolhe todos os pormenores necessários para revelar o carácter do modelo, só depois se pode começar a colorir. Algumas ideias do artista sobre o retrato:

- O pintor deve ser fisionomista.
- É necessário observar as poses habituais em cada idade.
- Observar o carácter individual do modelo, mesmo nos menores detalhes.
- Só se poderá ser um bom artista se conseguirmos chegar ao espírito do modelo.

#### **4.5.2. Retrato Impressionista**

O retrato impressionista surgiu na França no século XIX e veio libertar o artista das técnicas tradicionais acadêmicas que vinham sendo ditadas desde o renascimento, introduzindo novas técnicas em que os pintores desejavam formas de expressão mais pessoais. O retrato impressionista procura apreender a impressão do momento. “*O pintor impressionista procura captar, fixar a essência do momento que transcorre junto do retratado, deixando levar-se pelas sensações visuais, sem atender a conceitos ou habituais princípios de valor artístico*” (AA.VV, 2000, p.16) No retrato impressionista o artista não se detém nos pormenores característicos do modelo mas em aspetos como: a luz, representada mediante manchas de cor, as pinceladas soltas que procuram o movimento da cena retratada, a decomposição das cores e os efeitos de sombras, geralmente coloridas e luminosas. Para os impressionistas o importante num retrato é a sua qualidade plástica e não o que ele representa.” *...a pessoa retratada é mais um objecto, um dos múltiplos efeitos de luz e cor que a realidade apresenta*” (AA.VV, 2000, p.16)

Com estas novas visões impressionistas a arte depara-se com um problema fundamental que a maioria do público da arte procura: a aparência. Os artistas do impressionismo contestaram esta problemática, fazendo representações espantosas sem qualquer interesse em realizar representações que se parecessem ao modelo retratado.

Cézanne e Gauguin foram os grandes precursores desta nova corrente artística, não hesitando em deformar a fisionomia do modelo para conseguir uma pintura harmoniosa.

#### **4.5.3. Retrato Expressionista e Caricatura**

O estilo expressionista ocupa a maior parte do século XX, implicando uma visão bastante individual do modelo, mediante efeitos pictóricos que podem ser: cromáticos, revelando cores inesperadas, formais, distorcendo os desenhos, ou expressivos, mostrando rostos exagerados ou intensamente simplificados. Os pintores do expressionismo utilizam meios completamente diferentes e descobrem modos de conseguir fazer uma caracterização psicológica do retratado, transformando-o num instrumento de indagação, para descobrir a alma humana.

A caricatura é a "filha" do expressionismo, assim como os artistas do expressionismo procuram desvendar a caracterização psicológica do retratado, também a caricatura tende a trilhar esse caminho.

O artista simplifica os seus meios, para assim os munir de uma expressividade mais directa, desenhando a figura através do uso poucos traços e da distorção.

Em relação às deformações expressivas, não são meros caprichos do retratista, mas sim exageros expressivos que perseguem uma representação mais decisiva da expressão ou da pose do retratado.” (...) *estes retratos nascem de uma forma profundamente pessoal das relações humanas, mais baseada nas impressões subjectivas do que numa pretensa compreensão objectiva e total da natureza humana*”. (AA.VV, 2000, p.19) Muitos artistas desta época (Matisse, Modigliani, etc.) quiseram levar avante este novo estilo “o expressionismo”, levando mesmo a pensar na opção de destruir o género “retrato” se este não deixasse de se fundamentar numa boa semelhança.

## 5.CONCLUSÕES

A realização deste texto e a pesquisa de fontes que proporcionou, possibilitou-me a aquisição de um conjunto de conhecimentos acerca do tema *O Rosto na Arte: Retrato*. Saberes estes que se estenderam desde a definição do rosto e do retrato até às suas referências históricas.

Através da pesquisa efetuada para o presente texto conclui que o retrato não é somente o resultado de uma aplicação de conhecimentos adquiridos previamente, mas sim saber descobrir e demonstrar com expressão a personalidade do retratado. Na realização de um retrato temos de entender os traços ou características reveladoras de cada pessoa, só assim estaremos aptos a reforçar ou acentuar os que melhor revelam a identidade. Essa identidade é demonstrada através do rosto, visto que é através deste que sentimos a presença humana a dar-se a ver na fronteira invisível do homem exterior com o interior.

Ao longo da história de arte muitos artistas defenderam esta teoria acerca do retrato e muitos se representaram a si próprios, revelando o seu lado melancolicamente genial.

Contudo, apesar deste tema parecer simples, é no fundo bastante complexo. Será que eu como futura docente de artes visuais conseguirei ensinar aos meus alunos como realizar um retrato? Será que estas teorias não são apenas meras especulações que se afundam no meio de um programa escolar em que o que se fomenta são apenas a prática ou a técnica do desenho?

Estas são questões que eu só saberei responder quando iniciar a minha prática docente, até lá, vou adquirindo conhecimentos artísticos através de temas como este.

Ao realizar este artigo deparei-me com uma série de temas que podiam fazer parte de estudos futuros:

- O que nos indica num retrato que estamos perante um rosto real, que existiu ou existe ou perante um rosto fruto da imaginação do artista?
- O valor de uma representação que é uma cópia de outra representação;
- Retrato pictórico e retrato fotográfico;
- O retrato pictórico na era das novas tecnologias.

## II. Relatório da Prática Pedagógica

Primeira fase da Prática Pedagógica: 1º semestre

### 6. INTRODUÇÃO

O estágio desenvolvido no ano lectivo 2011/2012, introduzido no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, decorreu em duas escolas diferentes, designadamente: Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel de Estremoz e Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos.

A primeira parte da prática de Ensino Supervisionado decorreu na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz, tendo início a 30 de Setembro de 2011 e final a 7 de Dezembro de 2011. O Núcleo de Estágio foi constituído por duas estagiárias: Vânia Silva e Vanessa Silva.

Através do Prof. Dr. Leonardo Charréu tivemos conhecimento formal de que o professor cooperante da Escola na qual iria decorrer a nossa primeira fase da Prática Pedagógica seria o professor Domingos Isabelinho e que iríamos acompanhar uma turma do Secundário. Contudo, este professor leccionava apenas Geometria Descritiva A ao 11º ano, por isto seria bastante complicado intervir na aula do professor já a meio dos conteúdos algo complexos da disciplina em questão. Por estes motivos e acordado com o professor Domingos Isabelinho decidiu-se que iríamos trabalhar com uma turma do 12º ano de Desenho A, disciplina específica do curso científico - humanístico de Artes Visuais, leccionado pela docente Ana Mateus.

Esta mudança de planos foi benéfica, mas também nos trouxe algumas desvantagens porque quando nos reuníamos para organizar e planificar o desenvolvimento das aulas com o professor Domingos Isabelinho sentíamos-nos um pouco perdidos em termos de conteúdos devido à ausência da professora da disciplina nos atendimentos. Contudo, e graças à disponibilidade da professora antes de iniciarmos a prática pedagógica, foi-nos permitido assistir às suas aulas, o que nos fez refletir sobre a preparação das nossas aulas. Relativamente às aulas dadas em conjunto com o meu par pedagógico correu tudo muito bem, como era previsto, a cooperação e entajuda foram constantes.

Em relação às aulas assistidas não correu bem como estava previsto devido à indisponibilidade do docente Tomás Ferreira em deslocar-se a Estremoz, o que não nos

possibilitou ampliar a nossa experiência relativamente à prática pedagógica. Contudo, e apesar disso, o apoio deste docente também foi fundamental.

## 7. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

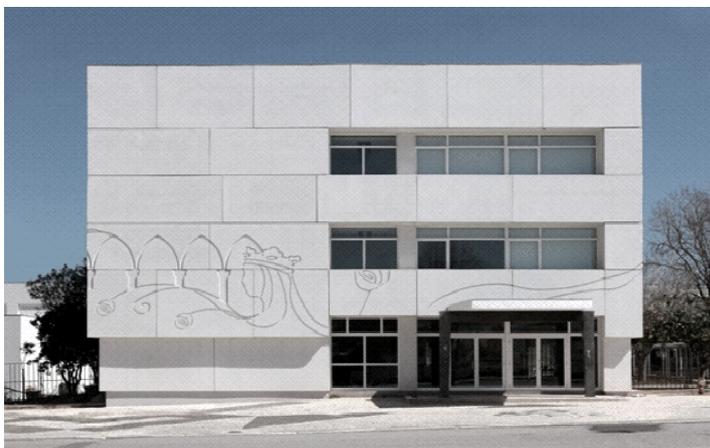


Imagem 1 - Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel



Imagem 2 - Logótipo da Escola

Esta Escola é denominada por “ Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel” e localiza-se em Estremoz. A cor do actual edifício da Escola tem sido desde sempre o branco, contudo as cores identificativas da Escola são o verde e o amarelo, devido à cor do logótipo que deve ser usado em todos os documentos oficiais.

### 7.1. Contextualização Histórica

A Escola Secundária da Rainha Santa Isabel de Estremoz (ESRSI), situada num dos principais eixos de ligação da área metropolitana de Lisboa a Madrid e à Europa é uma Escola de Serviço Público fundada em 1930. Começou por ser uma Escola Industrial, sendo-lhe atribuída a designação oficial de Escola Industrial António Augusto Gonçalves. Neste período, sob a direção do docente Luís Fernandes, a Escola passou a situar-se na Rua da Pena, no edifício onde hoje se encontra o Centro Paroquial de St<sup>a</sup> Maria com aproximadamente 40 alunos.

Em 1952 esta escola é transferida provisoriamente para o antigo Palácio Real do Castelo, onde hoje se encontra a Pousada Rainha Santa Isabel.

No ano de 1962, dia treze de Abril durante o mandato do Director Peres Claro, e graças a muitas diligências suas, foi construído de raiz o edifício atual. O número de alunos matriculados era cerca de seiscentos e cinquenta. O poeta e escritor Sebastião da

Gama foi docente neste estabelecimento de ensino e destacou-se pelos seus métodos pedagógicos revolucionários.

No ano de 1974 e 1975, a escola passa a ser conhecida por Escola Secundária de Estremoz, à qual é anexada neste ano a Secção Liceal de Estremoz do Liceu Nacional de Évora. Alguns anos depois o número de alunos matriculados ultrapassava os mil e quatrocentos.

No dia dois de Abril de 1987 sai a portaria que define a nova designação da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel e dois anos depois entra em vigor o novo modelo de gestão, que obrigou à reformulação de alguns órgãos intermédios de gestão.

No ano lectivo 2000/2001 a Gestão Flexível de Currículo é implementada no sétimo ano de escolaridade, passando esta a ser a primeira Escola Secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular.

O projecto TurmaMais, com o objectivo de reduzir o insucesso escolar, foi também implantado pela primeira vez no ano 2002/2003 nesta escola. Este insucesso foi reduzido de 38% para 16%. Este projecto foi implantado em sessenta e seis escolas no ano lectivo de 2010/2011, o que levou ao reconhecimento da Escola a nível Nacional. A Escola foi ampliada em 2006 e no ano lectivo 2007/2008 iniciou-se o Contrato de Autonomia celebrado com o Ministério da Educação.

A escola entre Julho de 2009 e Dezembro de 2010 sofreu um processo de requalificação e remodelação através da empresa Parque Escolar.

## **7.2. Caracterização do Meio Envoltente**

A Escola Secundária da Rainha Santa Isabel é uma Escola Pública situada na cidade de Estremoz. Cidade Alentejana, sede de concelho, Estremoz é conhecida pela “cidade branca” do Alentejo, em parte devido ao seu branco casario espalhado pela colina, mas também pela grande exportação de mármore branco, um feito bastante antigo que faz com esta região contribua em 90% para o facto de Portugal ser o segundo maior exportador de mármore do mundo. O concelho de Estremoz integra o subgrupo de municípios do Alentejo Central de que fazem parte Alandroal, Arraiolos, Borba, Évora, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Sousel, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa.

Estremoz caracteriza-se pela ocorrência de situações climáticas inter-anuais típicas de regiões interiores, como o aquecimento acentuado durante o Verão e precipitação total anual pouco significativa.

A cidade de Estremoz situa-se no cruzamento de importantes vias rodoviárias, da Rede Viária Nacional atingindo no máximo 448m de altitude.

Desta posição sobranceira, é possível admirar a bela e vasta paisagem rural em seu redor. Do alto do seu castelo, podem avistar-se algumas localidades limítrofes, os campos e montes alentejanos. O relevo é caracterizado pela existência de algumas massas montanhosas de baixa altitude a par da planície alentejana, que ocupa mais de 3/4 da superfície do concelho. As massas montanhosas que mais sobressaem são os contrafortes da Serra D' Ossa e as elevações ocupadas pelos calcários dolomíticos do anticlinal de Estremoz, em especial para NW da cidade, até ao limite com o concelho de Sousel onde essas elevações são designadas por Serras da Lage, de Sousel e de S. Bartolomeu.

Administrativamente, o município é constituído por:

- Assembleia Municipal (34 membros);
- Câmara Municipal (7 membros);
- 13 Assembleias de Freguesia;
- 13 Juntas de freguesia.

Outros serviços públicos e administrativos instalados na cidade:

- Centro de Saúde
- Centro de Emprego de Estremoz
- Delegação do Centro Regional de Segurança Social do Alentejo
- CTT - Correios de Portugal
- Delegação da Direcção Regional da Agricultura do Alentejo
- Delegação da Direcção Regional do Ambiente e Recursos Naturais do Alentejo
- Regimento de Cavalaria de Estremoz
- PSP
- GNR
- Tribunal de Comarca
- Repartição de Finanças
- Cartório Notarial Privado

- Conservatória do Registo Civil
- Conservatória do Registo Predial

Ensino:

- 1 Pólo Universitário da Universidade de Évora;
- 1 Escola Secundária;
- 1 Escola Profissional;
- Agrupamento de Escolas de Estremoz;
- 1 Escola de Ensino Especial – CERCI;
- 12 Jardins de Infância.

Saúde:

- Santa Casa da Misericórdia (com 20 camas de apoio U. A. I.);
- Cruz Vermelha;
- Bombeiros Voluntários.

Segurança Social:

- 4 Lares de 3ª Idade;
- 4 Centros de Dia;

Instalações Desportivas:

- 6 pavilhões Desportivos/Ginásios;
- 2 campos de futebol,
- 3 campo de ténis,
- 4 polidesportivos descobertos,
- 1 complexo de piscinas;
- 1 pista de atletismo;
- 1 campo hípico;
- 1 picadeiro de instrução;
- 1 campo de obstáculos;
- 1 campo de tiro.

Clubes/Associações Culturais e Recreativas:

- 5 Museus;
- Cine-Teatro Bernardim Ribeiro;

- 3 Bibliotecas;
- Casa da Cultura de Estremoz;
- Orfeão Tomás Alcaide;
- Associação Filatélica Alentejana;
- Associação Juvenil de Estremoz;
- Círculo Estremocense;
- Sociedade Artística Estremocense;
- Sociedade Lusitana;
- Sociedade Artística e Recreativa Veirense;
- 1 Praça de Touros;
- LACE – Liga dos Amigos do Castelo de Evoramonte.

#### Associações Desportivas:

- Associação Desportiva de Caça e Pesca de Estremoz;
- Associação Equestre de Estremoz;
- Clube Ciclomotanha de Estremoz;
- Clube de Cicloturismo e B.T.T. de Estremoz;
- Clube de Futebol de Estremoz;
- Grupo do Pedal de Estremoz;
- Grupo Desportivo de Santiago;
- Clube 1001 Caminhos;
- Moto Clube de Estremoz;
- Sporting Clube Arcoense;
- Sociedade Columbófila de Estremoz;
- Associação Desportiva e Cultural de S. Domingos de Ana Loura;
- Grupo Desportivo da Glória;
- Grupo Desportivo de S<sup>a</sup> Vitória do Ameixial;

#### Instituições Humanitárias e de Solidariedade Social:

- Santa Casa da Misericórdia de Estremoz;
- Santa Casa da Misericórdia de Veiros;
- Santa Casa da Misericórdia de Evoramonte;
- Bombeiros Voluntários de Estremoz;

- Delegação de Estremoz da Cruz Vermelha Portuguesa;
- Centro Paroquial de Santo André;
- Fundação do Asilo de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro, de Veiros;
- Lar de Betânia;
- Centro de Bem-Estar Social de Estremoz;
- Recolhimento de N<sup>a</sup> Senhora dos Mártires;
- Lar da Misericórdia de Veiros;
- Centros de Dia de: Arcos; S. Lourenço; S. Bento do Cortiço; Evoramonte; Santo André.

#### Comunicação Social:

Na cidade de Estremoz funcionam uma rádio local – a Rádio Despertar – e um jornal – os “Brados do Alentejo”.

#### Património cultural:

O concelho de Estremoz possui um conjunto importante e muito variado de património cultural que poderemos classificar da seguinte forma:

#### Monumentos Nacionais

- Castelo de Estremoz;
- Muralhas do Castelo de Estremoz (séc. XIII) e respectivos baluartes;
- Portas e baluartes da segunda linha de fortificações (séc. XVIII);
- Portas militares de S<sup>o</sup> António, Santa Catarina;
- Currais e Évora;
- Torre das Couraças;
- Antiga Casa da Câmara;
- Capela de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> dos Mártires;
- Igreja de S. Francisco incluindo a Capela de S. Fradique de Portugal e o túmulo de Esteves da Gata;
- Claustro da Misericórdia;
- Pelourinho de Estremoz;
- Castelo de Evoramonte;
- Vila Lusitano-romana de S<sup>a</sup> Vitória do Ameixial;
- Padrão do Ameixial -E.N. 245.

Imóveis de Interesse Público:

- Convento dos Congregados;
- Cruzeiro da Misericórdia;
- Cruzeiro de S. Francisco de Estremoz;
- Igreja de Santa Maria;
- Pelourinho do Canal;
- Castelo de Veiros;
- Pelourinho de Veiros;
- Edifício do Café Águias D'Ouro.

Imóveis em Vias de Classificação:

- Ermida de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição – Estremoz;
- Edifício do Teatro Bernardim Ribeiro;
- Igreja Matriz de Veiros;
- Edifício do Páteo dos Solares.

### 7.3. Dimensão humana

#### 7.3.1. Estrutura Organizacional

A escola divide-se em estruturas organizacionais como: A Direcção, O Conselho Geral, o Conselho Pedagógico, os Sub-Departamentos, os Coordenadores de Ano e Cursos, os Cursos profissionais e os Chefes de Serviço.

<b>Direção</b>		
<b>Diretor</b>	<b>Sub-Diretora</b>	<b>Adjuntas</b>
José Salema	Fernanda Correia	Amália Corrente

*Tabela 1*-Direcção Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

<b>Conselho Geral</b>					
<b>Docentes</b>	<b>Alunos</b>	<b>Enc. De</b>	<b>Não</b>	<b>Comunidade</b>	<b>Município</b>

		<b>Educação</b>	<b>Docentes</b>	<b>Local</b>	
António Ramalho	Jorge	Margarida Cunha			
Marta Matos	Gonçalo		Maria do	Francisco	
Laurinda Paulino	Pardal	Luís Maranga	Rosário	Arvana/Luís	Francisco
Margarida Ferro	Narciso		Romão	Mira	Ramos
Luís Cabanejo	Patrício	José Pais			Joaquim
Francisco Costa			Jacinta	Amaro Júnior	Trindade
Fátima Crujo Maria	Soraia	Joaquim	Sapateiro		
dos Anjos Rosado	Amaral	Noruegas			

*Tabela 2*-Conselho Geral, Escola Secundária/3 da Rainha Santa

<b>Conselho Pedagógico</b>			
<b>Coord. Dep.</b>	<b>Coord. Dep.</b>	<b>Coord. Dep.</b>	<b>Coord. Dep. C. S. E</b>
<b>Matemática e</b>	<b>Línguas</b>	<b>Expressões</b>	<b>Humanas</b>
<b>Ciências</b>			
<b>Experimentais</b>			
Manuela do Pomar	Adelaide Glória	Ana Costa Mateus	Odete Ramalho

<b>Representante</b>	<b>Professora</b>	<b>Repres. 3º</b>	<b>Repres. Cursos</b>	<b>Repres.</b>
<b>Cursos</b>	<b>Bibliotecária</b>	<b>Ciclo</b>	<b>Científico-</b>	<b>Cursos Efa</b>
<b>Profissionais</b>			<b>Humanísticos</b>	
Antónia Aldeagas	Ana Figueira	Lisete Parreira	Rosalina Xarepe	Teresa do
	Mateus			Vale

<b>Representante</b>  <b>SPO</b>	<b>Repres. Pais</b>  <b>e Enc. Ed.</b>	<b>Repres.</b>  <b>Clubes/Projectos</b>	<b>Repres. Alunos</b>  <b>Cursos</b>  <b>Científico-</b>  <b>Humanísticos</b>	<b>Repres.</b>  <b>Alunos</b>  <b>Cursos</b>  <b>Profissionais</b>
M <sup>a</sup> João Cortes	Rui Córias	M <sup>a</sup> do Céu Pires	Cátia Martins	Telma Martins

*Tabela 3*-Conselho Pedagógico, Escola Secundária/3 da Rainha

<b>Sub-Departamentos</b>					
<b>Português e</b> <b>Francês</b>	<b>Inglês e</b> <b>Espanhol</b>	<b>História e</b> <b>Geografia</b>	<b>Filosofia e</b> <b>EMR</b>	<b>Ciências</b> <b>Sócio-</b> <b>Económicas e</b> <b>Secretariado</b>	<b>Matemática e</b> <b>Informática</b>
Adelaide Glória	Francisco Costa	José Barroso	M <sup>a</sup> do Céu Pires	Odete Ramalho	Inácio Véstia

<b>Ciências</b> <b>Físico-</b> <b>Químicas</b>	<b>Biologia Geologia</b>	<b>Ed. Física e</b> <b>Desporto</b>	<b>Artes Visuais</b>	<b>Tecnologias</b>
Jorge Moreira	Manuela do Pomar	Helena Marques	Ana Costa Mateus	Helena Caracol

*Tabela 4*-Sub-Departamentos, Escola Secundária/3 da Rainha

<b>Coordenadores de Ano e Cursos</b>		
3º Ciclo	Cursos Científico-Humanísticos	
Lisete Parreira	Rosalina Xarepe	Ciências e Tecnologias

António Correia		Artes Visuais
Helena Pereira		Ciências Socioeconómicas
		Línguas e Humanidades

*Tabela 5*-Coordenadores de Ano e Cursos, Escola Secundária/3 da Rainha

<b>Cursos Profissionais</b>	
Técnico de Apoio à Infância	Helena Caracol Araújo
Técnico de Turismo Ambiental e Rural	José Barroso
Técnico de Electrónica de Automação e Computadores	Joaquim Vieira
Técnico de Viticultura e Enologia (1º ano)	Antónia Aldeagas

*Tabela 6*-Cursos profissionais, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

<b>Chefes de Serviço</b>	
<b>Serviços Administrativos</b>	<b>Pessoal Auxiliar</b>
Maria do Rosário	Isidoro Andrade

*Tabela 7*- Chefes de Serviço, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

### **Alunos**

A Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel tem cerca de 826 alunos, distribuídos pelo ensino diurno e ensino noturno. No ensino diurno fazem parte o ensino Básico e Secundário (cursos científico humanísticos e cursos profissionais). Do ensino noturno fazem parte os cursos de Educação e Formação (EFA).

### 7.3.2.Dimensão Física: Instalações

<b>Instalação</b>	<b>Salas (Quantidade e Tipo)</b>
Auditório	1
Polidesportivo Coberto	1
Campos de Jogos Exteriores	2
Ginásio	1
Espaço Memória	1
Direção	4
SPO	1
Sala de Atendimento Enc.Ed.	1
PESES	1
Sala de Directores de Turma	1
Serviços Administrativos	3
Reprografia	1
Sala Pessoal não Docente	1
Biblioteca	1
Bar/Refeitório/Sala de Convívio	1
Salas de Arte	7
Sala de Teatro	1
Clubes e Projetos	1
Associação de Estudantes	3
Sala de Professores	1

Salas TIC	3
Sala de AOS	1
Laboratórios	5 (de Física, de Química e de Biologia)
Oficinas	3 (Laboratório de Electricidade, sala de aula e oficinas)
Departamentos/Sub - Departamentos	10
Salas de Aula	30
Salas IEPF	4
Laboratório de Viticultura	1

*Tabela 8*-Dimensão física (instalações), Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

## 8. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

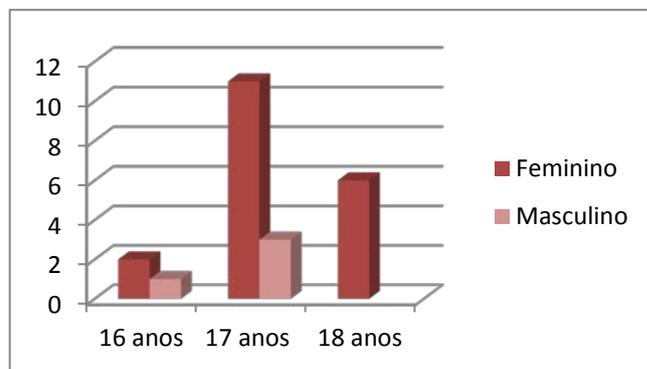
A turma de Desenho A na qual decorreu a prática pedagógica foi a turma F do 12º ano frequentada por um total de 23 alunos, dos quais 20 são do género feminino e 4 do género masculino. No entanto esta turma estava dividida em dois turnos, o turno 1 com 10 alunos e o turno 2 com 13. Devido à incompatibilização de horários, eu e o meu par pedagógico, juntamente com o professor cooperante Domingos Isabelinho decidimos colaborar apenas com o turno 2. Este turno é constituído por 4 rapazes e 9 raparigas.

Ao longo da prática pedagógica fui-me apercebendo do desempenho destes alunos, assim como o seu comportamento em sala de aula. Verifiquei que a turma na sua maioria tem um desempenho suficiente/baixo e que são alunos bastantes desmotivados. Apesar disto, o comportamento no geral é bastante satisfatório e são alunos bastante educados. No que diz respeito à relação professora/ alunos verifiquei que existe uma boa relação, pois os alunos mostram um grande à vontade e respeito pela professora Ana Mateus (professora da disciplina de Desenho A).

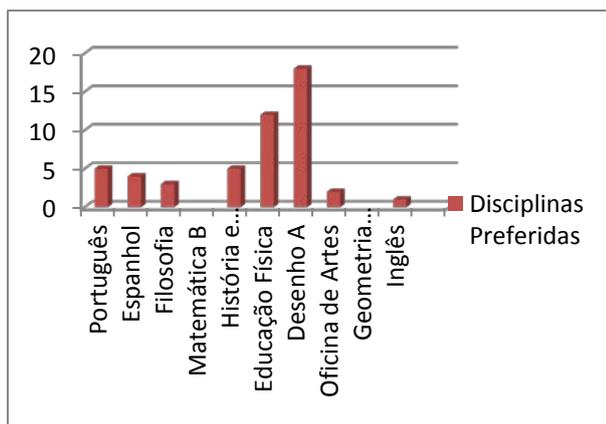
A minha primeira impressão da turma foi bastante positiva, apesar de ser uma turma desmotivada e com um desempenho escolar abaixo da média, são alunos respeitadores e que me ensinaram a mim, como futura docente, a lutar pela motivação e sucesso escolar dos alunos.

## Análise de dados referentes aos alunos

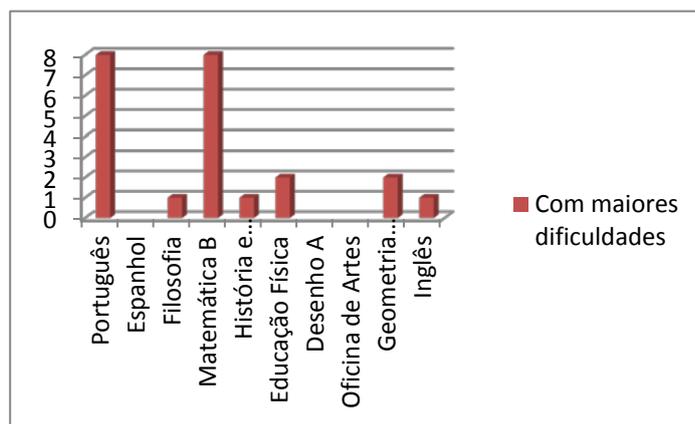
A faixa etária dos alunos situa-se entre os dezasseis e os dezoito anos, constatando-se uma idade média de 17 anos, tendo em conta ambos os géneros. A diferença de idades entre o aluno mais velho e o aluno mais novo é de apenas de dois anos.



**Gráfico 1-** Distribuição dos alunos por nível etário



**Gráfico 2-** Disciplinas preferidas dos alunos



**Gráfico 3-** Disciplinas com maiores dificuldades

Analisando o gráfico 2 constato que a maioria dos alunos prefere a disciplina de Desenho A e que a disciplina de Matemática e Geometria Descritiva foram as únicas não pronunciadas pelos alunos como sendo as suas preferidas. No gráfico 3 verifico que a disciplina em que os alunos têm mais dificuldades são a disciplina de Português e Matemática B.

## Agregado Familiar

Alunos que não vivem com os pais	Enc. de Educação/Pais com mais de 50 anos	Habilitações		Profissão	Situação Profissional
Não.	9	Sem habilitações	1	Varredora.	
		1.º Ciclo -	7	Trabalhador Rural, Agricultor, Doméstica, Salsicheira.	2 Desempregados
		2.º Ciclo -	6	Comerciante, Trabalhador Rural, Auxiliar, Tratorista, Doméstica.	1 Desempregado
		3.º Ciclo -	9	Pintor, Trabalhador Construção Civil, Operadora de Loja, Agricultor, Pedreiro, Trabalhador Rural, Doméstica, Empresária.	Empregado
		Secundário -	12	Comerciante, GNR, Secretária, Funcionária Pública, Doméstica, Técnico de Informática, Militar, Técnico de Vendas, Empresário.	1 Reformada
		C. Médio -	-		
		C. Superior -	4	Dentista, Professora, Secretária	Empregado

**Tabela 9-** Agregado familiar, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

Em relação ao agregado familiar dos alunos da turma 12º F verifiquei que todos os alunos vivem com os seus encarregados de educação/ pais, dos quais muitos com mais de 50 anos. Em relação às habilitações destes agregados constatei uma grande discrepância nos resultados, uma vez que muitos deles não possuem o ensino obrigatório, um dos agregados não possui habilitações e quatro frequentaram o Ensino Superior. Existem também algumas situações de desemprego, o que ocorre com o agregado de uma aluna que se encontra com ambos os pais desempregados.

## Alunos Repetentes

Nesta turma existem 4 alunos repetentes e bastantes alunos com disciplinas em atraso como podemos verificar nas tabelas seguintes:

Anos Escolares	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º	10.º	11.º	12.º
Anos com Repetências	-	1	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-

Alunos com disciplinas em atraso	Matemática B – 10 alunos
	Geometria Descritiva A - 3
	História e Cultura das Artes -3
Como vão recuperar disciplinas em atraso	Exame de Equivalência a frequência, Matrícula/frequência

*Tabela 10 e 11*-Alunos Repetentes, Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

Verifiquei também que maioria dos interesses dos alunos nos tempos livres é o convívio com os amigos e que apenas alguns preferem desenhar, o que mostra algum desinteresse por parte de alunos pertencentes à área científica de Artes Visuais. Constatei também que a maioria dos alunos ainda não sabe a profissão que pretende seguir e que apenas 14 alunos pretendem seguir para o ensino superior.



**Gráfico 4**-Ocupação nos tempos livres



**Gráfico 5**- Profissões desejada

## 9.CARACTERIZAÇÃO DA SALA

A organização da sala de aula é um aspeto que influencia o processo de ensino/aprendizagem. Se for um lugar agradável, organizado e bem equipado influencia positivamente o desempenho dos alunos.

Os alunos desta turma têm três aulas de Desenho A na sala A2, uma sala agradável e com bastante espaço, no entanto não é própria para este tipo de disciplina, uma vez que está preparado para a disciplina de Geometria Descritiva A.

Nesta sala existe uma quantidade excessiva de mesas que se encontram dispostas de forma bastante compacta, não permitindo aos docentes circular livremente.

A sala é bastante ampla, e tanto as paredes como as mesas são brancas, contudo não existem janelas nas paredes laterais mas sim uma zona envidraçada no tecto que faz reflectir permanentemente o sol na sala de aula, tornando impossível o seu escurecimento e dificultando a visualização de recursos audiovisuais.

A sala encontra-se dividida em dois espaços, o espaço sala de aula e o espaço do clube de Artes, onde os alunos têm os seus materiais e bons equipamentos para que possam fazer os mais variados trabalhos artísticos.



**Imagem 3** - Planta da sala da Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel

## **10. CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE DESENHO A**

*“O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante. Marca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais-valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social; se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir, na interacção cultural.”*

A disciplina de Desenho A insere-se no curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do Ensino Secundário (10º, 11º e 12º ano), e tem uma carga horária semanal de três blocos, dois de 90 minutos e um de 135 minutos, que são aplicados nos três anos lectivos.

Relativamente aos objectivos gerais desta disciplina, pretende-se promover a comunicação, o domínio e a percepção do desenho de forma eficiente e expressiva.

De acordo com o programa, pretende-se levar o aluno a comunicar, perceber e dominar o desenho, de uma forma produtiva, usando os vários meios expressivos.

### **10.1. Caracterização do Programa da Disciplina**

O programa de Desenho A é composto por algumas etapas que descrevem o funcionamento da disciplina, tais como: as suas finalidades, objetivos, visão geral das áreas, dos conteúdos e dos temas, sugestões metodológicas gerais, competências a desenvolver, avaliação e recursos.

Relativamente às finalidades da disciplina, pretende-se desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação assim como de representação, de expressão e de comunicação. Pretende-se também promover métodos de trabalho individual e colaborativo, observando princípios de convivência e cidadania, desenvolver o espírito crítico, a sensibilidade estética e a consciência histórico e cultural.

Os objectivos da disciplina são os seguintes:

- Usar o desenho e os meios de representação como instrumentos de conhecimento e interrogação.
- Conhecer as articulações entre percepção e representação do mundo visível.

- Desenvolver modos próprios de expressão e comunicação visuais utilizando com eficiência os diversos recursos do desenho.
- Dominar os conceitos estruturais da comunicação visual e da linguagem plástica.
- Conhecer, explorar e dominar as potencialidades do desenho no âmbito do projecto visual e plástico incrementando, neste domínio, capacidades de formulação, exploração e desenvolvimento.
- Explorar diferentes suportes, materiais, instrumentos e processos, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação, com abertura a novos desafios e ideias.
- Utilizar fluentemente metodologias planificadas, com iniciativa e autonomia.
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho adoptando atitudes construtivas, solidárias, tolerantes, vencendo idiosincrasias e posições discriminatórias.
- Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos.
- Desenvolver capacidades de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-as às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como por outros.
- Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentidos e utilizações que o registo gráfico possa assumir.
- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.

O programa de Desenho A também divide a disciplina em três áreas: a perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual e dá uma visão geral dos conteúdos programáticos, nomeadamente: a visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido. A abordagem dos conteúdos de Desenho A deve envolver práticas com diferentes materiais e técnicas, levando o aluno a ampliar o domínio do desenho. Também deverá consistir no aprofundamento e sensibilização dos conteúdos, tendo em conta que os alunos já possuem conhecimentos relativos aos conteúdos abordados nos anos lectivos anteriores.

Em relação às sugestões metodológicas gerais dever-se-á:

1. Propiciar e fomentar uma interacção equilibrada entre a dimensão conceptual e a dimensão prática e experimental do conhecimento e dos saberes, que conduza à assimilação e à consolidação operativa dos conteúdos;

2. Promover uma aprendizagem baseada na diversidade de experiências e actividades, com recurso a diferentes meios, a diferentes processos de trabalho e a diferentes materiais.

No programa da disciplina encontram-se também bastantes sugestões metodológicas para o professor não só em termos de alinhamento e diversificação de estratégias de execução, mas também em termos de relação pedagógica conducente a uma eficiente didática do desenho no campo do processo ensino-aprendizagem.

São apontadas no programa também as competências a desenvolver dentro de uma tricotomia global «Ver-Criar-Comunicar». O aluno estará capaz de observar e registar com elevado poder de análise (observar e analisar), estará apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens novas (manipular e sintetizar) e conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas (interpretar e comunicar).

Em relação à avaliação da disciplina são objetos de avaliação a aquisição de conceitos, a concretização de práticas e o desenvolvimento de valores e atitudes. Consideram-se instrumentos de avaliação:

1. Os desenhos, concretizações gráficas, ou objetos produzidos no âmbito da disciplina;
2. Os textos eventualmente produzidos (relatórios, resenhas, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas);
3. A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio (inclui-se aqui a materialização de exposições regulares ou pontuais, formais ou informais, jornal de parede, outras acções eventuais);
4. Provas com carácter prático.

Por último o programa da disciplina aborda os recursos indispensáveis para a prática de uma aula de Desenho A. Tais como: estiradores, projetor de diapositivos, televisor e aparelho videogravador, etc.

## **11.FORMAÇÃO PEDAGÓGICA**

### **11.1.Observação das aulas do orientador pedagógico**

No início da prática de ensino supervisionada fomos observar as aulas da professora Ana Mateus. O professor Domingos Isabelinho (orientador pedagógico) pensou que seria relevante para mim e para o meu par pedagógico começarmos apenas pela observação das aulas, só assim conseguiríamos ver como age a professora nas variadas situações com a turma e perceber quais os seus métodos no processo ensino/aprendizagem.

A primeira vez que fui observar uma aula do 12º F fiquei agradavelmente surpreendida com a relação professor/alunos, com o comportamento dos alunos em si e com alguns dos resultados obtidos com o exercício proposto pela docente: realização de um sapato a grafite. No entanto apercebi-me que os alunos solicitavam com frequência o auxílio da professora para a realização do exercício e que eram alunos com algumas dificuldades. Constatei então que estes alunos, apesar de efectuarem o exercício sem nenhuma oposição, são alunos que se encontram abaixo da média das expectativas de um docente, pois mostram um fraco desempenho escolar e uma falta de conhecimento e técnica de desenho. Apesar disto, houve algumas excepções entre os alunos, mostrando 2 ou 3 elementos da turma resultados bastante razoáveis.

Outro aspecto bastante marcante para mim quando conheci a turma foi a percepção da mínima diferença de idades entre mim e os alunos da turma, o que me deixou um pouco desconfortável, pois esta situação poderia dificultar a relação professor/aluno. Devido à pouca diferença de idades existente entre mim e os alunos do 12º ano poderiam ver-me apenas como uma colega e não como uma professora estagiária. Quando os observava senti bastante receio de não conseguir passar para o outro lado, de não conseguir ser como a professora Ana Mateus, uma professora que se sabe impor e ganhar o respeito pelos seus alunos.

O professor Domingos Isabelinho (orientador pedagógico) também observou as aulas da professora e ao mesmo tempo foi-nos fornecendo várias informações acerca da turma, horários e diversos esclarecimentos acerca do estágio. A professora Ana Mateus no final da aula também se prontificou a ajudar em tudo o que fosse necessário e cedeu-nos o seu livro de Desenho do 12º A, para que eu e o meu par pedagógico pudéssemos preparar as aulas supervisionadas.

As aulas observadas serviram essencialmente para adquirir novos conhecimentos com pessoas experientes e aprender a ser-se professor, pois se tivermos bons exemplos, passa-mos-emos depois tanto na PES como também num futuro (espero que próximo) da nossa prática docente.

## **11.2.Aula de grupo: 1ª aula**

Depois de assistir a algumas aulas eu e a minha colega de estágio Vanessa Silva começámos a lecionar algumas aulas para nos irmos habituando à turma e nos sentirmos mais à vontade. A nossa primeira aula foi em conjunto, no dia 27 de Outubro de 2011 e o tema que abordámos foi o estudo das formas naturais (Corpo Humano) – Retrato. O exercício realizado com a turma foi o desenvolvimento da caricatura de uma figura da atualidade.

No início da aula estávamos bastante nervosas, afinal de contas era a primeira vez que estávamos a lecionar uma aula. No entanto, os nervos foram superados com o desenvolvimento da aula e começámos a sentir-nos cada vez mais confortáveis com a turma. A participação dos alunos foi um dos aspectos fulcrais desta aula, a colocação de questões aos alunos faz com que nós nos apercebamos que eles são alunos e nós professoras. O diálogo tornou a aula muito menos fria e formal e passou a ser uma aula de troca de experiências e conhecimentos.

No início da aula foi entregue aos alunos uma pequena ficha diagnóstica sobre as proporções do rosto, o nosso objetivo era ficar a saber o nível de conhecimento de cada aluno acerca do tema que iríamos abordar.(ver apêndice 2) De seguida e para transmitir os conteúdos, o meio que pensámos ser o mais apropriado foi a visualização de um Powerpoint que continha não só as proporções do rosto, como também as deformações que nele podem existir, num desenho ou pintura. Mostrámos também algumas caricaturas de personagens conhecidas da actualidade e ficámos rendidas ao ver o entusiasmo dos alunos ao reconhecê-las.

De seguida passámos ao exercício, no qual foi distribuído a cada elemento da turma uma imagem do conhecido Mr.Bean, com o objetivo de servir de modelo para a realização de uma caricatura. O objetivo deste exercício era tentar captar as características principais desta figura da atualidade e acentuá-las, deformando o modelo. Os alunos divertiram-se muito na realização deste exercício, contudo foram muito poucos os que conseguiram chegar ao grande objectivo deste exercício. Apesar de

muitas explicações e auxílio da minha parte e do meu par pedagógico após a realização do mesmo, verificámos o que já havia sido constatado anteriormente, que é uma turma com algumas dificuldades.

No entanto o balanço da minha primeira aula em conjunto foi bastante positivo. Adorei trabalhar com a minha colega e irmã Vanessa Silva, o seu apoio para mim foi fundamental nesta primeira grande etapa da minha vida.



**Imagem 4** - Trabalhos dos alunos (caricaturas)

### **11.3.Observação das aulas da colega em estágio**

Quando observei pela primeira vez as aulas da minha colega de estágio e irmã Vanessa Silva, senti-me como se fosse eu que estivesse a lecionar pela primeira vez. Senti-me tão nervosa quanto ela, senti uma ansiedade muito grande e ao mesmo tempo uma vontade enorme que a aula terminasse e eu lhe pudesse dizer: “Afinal conseguiste!”. No fundo eu sabia que todo aquele nervosismo só servia para ela se tornar mais forte e fazer o seu trabalho ainda melhor.

O tema que iria abordar na sua primeira aula era o estudo das formas naturais - corpo humano e o exercício proposto seria a representação da figura humana, tomando um aluno como modelo. Apontar os eixos estruturais, nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica; verificar a proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura; representar com maior acuidade dos pormenores e extremidades, tais como as mãos, pés e cabeça.

Apesar de algumas dificuldades e contratemplos próprios da inexperiência a aula correu bastante bem e a turma realizou o exercício proposto sem qualquer problema.

A segunda aula no dia 10 de Novembro de 2001 lecionada pela minha colega de estágio foi a continuação de uma aula lecionada por mim em que o tema era a representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – naturalismo, expressionismo e cubismo. A aula correu razoavelmente bem comparativamente com a minha aula dada na semana anterior, uma vez que me faltou divulgar bastante informação. A minha colega conseguiu resolver a situação e passar-lhes bastantes conhecimentos acerca destes três movimentos artísticos.

Por fim observei as suas aulas supervisionadas em que o tema, e por escolha da professora, visto que tínhamos de seguir o programa da disciplina foi a natureza-morta.

Foram momentos de grande tensão e nervosismo mas mais uma vez a etapa foi superada pela minha colega, conseguindo mostrar o seu profissionalismo e ao mesmo tempo o seu altruísmo para com os alunos.

Aprendi muito com a minha colega, observei as suas principais dificuldades, que passavam sobretudo pela falta de confiança e segurança e as suas maiores potencialidades demonstradas sobretudo no profissionalismo e dedicação à turma. Tentei não repetir os seus erros e seguir como exemplo as suas maiores capacidades, porque ser professor não é apenas ensinar mas sim admitir as suas falhas e melhorá-las a cada dia que passa na sua Prática Pedagógica.

## **12.AÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA**

### **12.1.Atividades desenvolvidas com a Turma**

O estágio realizado visou a aplicação do tema da investigação nas práticas de ensino que decorreram nas referidas escolas, permitindo-nos a experiência de lecionar e transmitir os nossos conhecimentos na prática pedagógica. Contudo, eu e o meu par pedagógico resolvemos que na primeira parte (1º semestre) da prática pedagógica iríamos aplicar (trabalhando em conjunto) apenas o meu tema e na segunda parte (2º semestre) aplicaríamos o seu. Então neste 1º semestre, na Escola da Rainha Santa Isabel em Estremoz, a professora Ana Mateus (professora da disciplina) resolveu traçar um plano de aulas que fosse ao encontro do meu tema de investigação.

A partir destas escolhas e deste auxílio da professora em relação à direcção que eu e o meu par pedagógico deveríamos tomar, pensámos em algumas actividades. A primeira actividade pensada foi a realização do auto-retrato. No entanto esta actividade já tinha

sido realizada pela professora nas aulas anteriores, por este motivo resolvemos então optar pelo desenho de caricatura, uma vez que era um campo ainda desconhecido pelos alunos. A primeira actividade realizada foi no dia 27 de Outubro de 2011, tendo como tema: Estudo das formas naturais (Corpo Humano) – Retrato. A atividade proposta, seguida de um esclarecimento sobre as proporções do rosto foi o desenvolvimento da caricatura de uma figura da actualidade (Mr.Bean).

Os alunos nesta primeira atividade estiveram bastante motivados, participaram bastante e solicitaram tanto o meu auxílio como o auxílio da minha colega Vanessa Silva. Fiquei muitíssimo satisfeita por ver que os alunos gostaram de realizar o exercício proposto. Penso que o objetivo de qualquer professor é conseguir motivar os seus alunos e nesta primeira actividade este objectivo foi cumprido.

Na segunda aula no dia 2 de Novembro de 2011, eu e a minha colega de estágio Vanessa propusemos a segunda actividade cujo tema se intitulava: Estudo das formas naturais - Corpo Humano. Nesta atividade os alunos teriam de fazer retratos rápidos dos colegas, que englobassem não só o desenho do rosto, mas também do corpo em diferentes posições.

Cada aluno servia de modelo durante 5 ou 10 minutos enquanto os outros o representavam apontando eixos estruturais, nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica e a verificação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.

Apesar de alguma agitação por parte dos alunos, talvez por saírem do seu lugar tradicional passivo, os alunos conseguiram mais uma vez realizar a atividade proposta.

A terceira atividade, realizada no dia 9, 10 e 17 de Novembro de 2011, cujo tema continuava a ser o estudo da figura humana teria como objetivo a representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos- naturalismo, expressionismo e cubismo. Cada aluno tinha uma imagem de uma pintura de Caravaggio (S.João Batista: figura humana) e a partir desta teriam de representá-la de acordo com estes três movimentos artísticos.

Os alunos conseguiram realizar a atividade, no entanto tiveram algumas dificuldades em relação à representação da figura humana inspirada no expressionismo, o que veio a confirmar-se pela diminuta qualidade artística dos desenhos realizados.

Posteriormente a esta atividade os alunos realizaram uma visita de estudo à exposição *A Perspectiva das coisas: A Natureza-Morta na Fundação Calouste Gulbenkian*. A professora propôs que as próximas aulas fossem sobre a natureza-morta

e nós aceitámos, visto que as atividades acerca do tema retrato que tinha planeado já haviam sido realizadas com a turma pela professora.

A primeira atividade acerca da natureza-morta foi no dia 7 de Dezembro de 2011, na qual os alunos tinham de realizar um desenho à vista de um conjunto de objetos dispostos de forma estruturada. A segunda actividade foi no dia 14 de Dezembro de 2011 e foi dada continuação ao tema, contudo o exercício seria a elaboração de uma composição inspirada no movimento surrealista, a partir da observação de apenas um objeto (garrafa de vidro) dos expostos na última aula. A motivação dos alunos nestas actividades acerca da natureza morta foi evidente, principalmente na segunda atividade em que estes tinham de mostrar não só a sua perícia técnica, mas também alguma criatividade.

Todas as atividades desenvolvidas com a turma foram interiorizadas por mim e pelo meu par pedagógico de forma positiva e como forma de aprendizagem para atividades futuras.

## **13.AULAS INDIVIDUAIS**

### **13.1. Primeira aula**

A minha primeira aula individual foi no dia 9 de Novembro de 2011, e tema era o estudo das formas naturais - Corpo Humano, em que os alunos tinham de representar técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – realismo, expressionismo e cubismo.

No início da aula comecei por apresentar um pequeno vídeo sobre os movimentos artísticos, dando de seguida uma breve explicação acerca da atividade que eles teriam de realizar. O exercício era o seguinte: a partir de uma imagem que representava uma figura humana os alunos teriam de representá-la nesta primeira aula de forma naturalista, aplicando procedimentos e técnicas com correção e adequação. Nas aulas seguintes fariam o exercício inspirados nos movimentos - expressionismo e cubismo.

Em relação ao material para esta aula foram utilizadas folhas A2 e o meio atuante riscador utilizado foi apenas a grafite.

O exercício correu bem, contudo eu estava bastante nervosa, senti que não esclareci tudo o que deveria ter esclarecido sobre o tema aos alunos. Deveria ter explicado não apenas o exercício, mas também os diferentes movimentos artísticos, apesar de saber

que os alunos já possuíam conhecimentos acerca destes conteúdos transmitidos na disciplina de História e Cultura das Artes.

A minha falta de experiência foi evidente nesta primeira aula individual, foi uma aula difícil, senti que não sabia bem como agir com os alunos. No entanto com o decorrer da aula fui-me soltando e a aula começou a decorrer com normalidade.

Os alunos ao longo do exercício solicitaram a minha ajuda frequentemente, principalmente na resolução de problemas como as proporções do corpo e em pormenores das mãos e pés do modelo.

Apesar do nervosismo demonstrado, próprio da minha inexperiência o exercício foi cumprido com sucesso, todos os alunos aderiram e participaram de forma espontânea na atividade e os resultados obtidos desta primeira parte da atividade foram satisfatórios.



**Imagem 5** - Pintura S.João Baptista



**Imagem 6** - Trabalho de um aluno

### **13.2.Segunda Aula**

A segunda aula individual decorreu a 17 de Novembro de 2011 e foi a continuação do tema anterior: estudo das formas naturais - Corpo Humano, em que os alunos tinham de representar técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – realismo, expressionismo e cubismo.

Como a aula anterior tinha sido leccionada pela minha colega de estágio, em que a atividade foi a realização da imagem referida anteriormente inspirada no expressionismo, a minha segunda aula individual foi a conclusão deste trabalho, em que os alunos tinham de representar a imagem com técnicas e procedimentos de inspiração cubista.

Os alunos mostraram um comportamento adequado em sala de aula, participaram e trabalharam com o objectivo de tentar alcançar resultados. Como já tinha referido anteriormente a turma é bastante desmotivada, e com baixo sucesso escolar, no entanto penso que estiveram concentrados no trabalho e apresentaram trabalhos razoáveis.

A aula correu satisfatoriamente, penso que houve uma evolução da minha parte relativamente à aula anterior, o nervosismo era menor e a interacção com os alunos foi fluida e natural.



**Imagem 7-** Pintura S.João  
Baptista.



**Imagem 8-** Trabalho de um aluno  
Cubismo

## 14.AULA SUPERVISIONADA

Uma vez que era uma turma do 12º ano, prestes a realizar o exame nacional de Desenho A, a professora Ana Mateus informou-nos que seria benéfico para a turma realizar exercícios com outras temáticas e sugeriu-nos o tema: Natureza-morta, sendo que a turma tinha visitado recentemente uma exposição sobre este tema na Fundação Calouste Gulbenkian.

Estando disponíveis para contribuir para uma boa preparação dos alunos que os conduz ao acesso ao ensino superior, eu e o meu par pedagógico decidimos seguir o conselho da professora da disciplina e enveredar neste novo campo.

O meu par pedagógico (Vanessa Silva) iniciou este tema na sua aula supervisionada, cujo conteúdo era transformação gráfica: sobreposição. Neste exercício os alunos teriam de realizar um Desenho à vista de um conjunto de objetos dispostos de forma ordenada, no qual teriam de procurar alguma inspiração em trabalhos de artistas bem conhecidos que realizaram Natureza-morta, como por exemplo Giorgio Morandi.

A minha aula supervisionada decorreu no dia 17 de Dezembro pelas 10 horas e 25 minutos na sala A2 (sala de Desenho) e foi uma aula que contou somente com a comparência de alguns elementos da turma. A maioria não esteve presente devido ao fato de ser o último dia de aulas e os alunos estarem a usufruir de variadíssimas atividades extra curriculares na escola.

A minha aula supervisionada foi, portanto, uma continuação da exploração do tema Natureza-morta, contudo optei não pelo desenho à vista mas pela transformação gráfica - Invenção no processo de criação. O exercício a realizar com a turma era a elaboração de uma composição inspirada no movimento surrealista, a partir da observação de um objeto: garrafa de vidro (natureza-morta).

Para elucidar os alunos acerca deste movimento artístico: Surrealismo optei pela divulgação de um Powerpoint acerca deste tema, que revelava não só todos os procedimentos e técnicas do Surrealismo, como também o trabalho de diversos artistas.

Os alunos participaram bastante e mostraram curiosidade em perceber mais acerca deste movimento artístico, revelando este interesse através da colocação de perguntas pertinentes acerca de obras visualizadas no Powerpoint.

Depois da visualização do Powerpoint foi entregue uma ficha a explicar o exercício que a turma iria ter que realizar. Esta ficha continha não só a explicação do exercício mas também alguns exemplos de exercícios que poderiam ser realizados (Anexo 3).

A turma revelou alguma dificuldade no início da atividade, senti que os alunos não tinham confiança suficiente para arriscar nas suas próprias ideias, que são alunos pouco autónomos e bastante inseguros na prática do desenho, necessitando muito do meu apoio nesta fase inicial. A falta de criatividade foi evidente, contudo as ideias foram surgindo pouco a pouco e todos conseguiram iniciar o exercício.

Com o desenvolvimento da atividade fui notando uma maior entrega ao trabalho e um maior entusiasmo dos alunos ao observarem os resultados que iam obtendo. Em relação ao comportamento, a turma mostrou uma postura exemplar em sala de aula, uma vez que a turma estava bastante reduzida este aspeto foi mais facilmente controlável.

De acordo com a minha conduta em sala de aula, penso que existiu uma grande evolução desde as primeiras aulas e que a insegurança que sentia foi-se esbatendo ao encontro de uma nova atitude, mais confiante e influente. Apesar de me encontrar bastante nervosa no dia da aula supervisionada consegui mostrar o meu empenho e

dedicação à turma através do auxílio prestado e do gosto no desempenho desta função, que se tornou bastante evidente ao longo da aula.

Os trabalhos e a aula foram assim concluídos com sucesso e foi mais uma vez cumprido um dos meus objetivos na educação: motivar os alunos para a aprendizagem e torna-los seres cada vez mais dinâmicos e criativos.



**Imagem 9-** Aula Assistida



**Imagem 10-** Trabalho de um Aluno Surrealismo

## 15. ANÁLISE CRÍTICA DAS AULAS

As aulas lecionadas na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz, foram o início da minha aprendizagem enquanto docente de Artes Visuais.

Através destas aulas desenvolvi bastante as minhas competências, o que não seria possível sem conhecimento (é necessário saber o que fazer e o porquê de fazer algo), sem capacidades (saber como fazer) e por fim sem vontade (desejo de fazer algo). Existindo conhecimento, capacidades e vontade as competências vão surgindo e vão fazendo de nós seres humanos aptos para enfrentar a carreira docente. Ao longo desta primeira fase de estágio desenvolvi então competências como: a capacidade de comunicação, o sentido de responsabilidade e de ética profissional, a autonomia, entre outras competências.

No entanto durante a aquisição destas competências tive algumas dificuldades em sala de aula, nomeadamente na projeção de voz e na atitude, que devido à inexperiência e ao nervosismo se revelou bastante insegura. Contudo, aula após aula tentei sempre evoluir nesses aspectos, pois um professor consciente na minha opinião é aquele que reconhece os seus erros e tenta colmatá-los.

Estas aulas apesar de não terem sido fáceis, devido às dificuldades e pressão que acarretaram, deram-me também a oportunidade de aprender com pessoas competentes,

como a professora da disciplina Ana Mateus e o professor orientador Domingos Isabelinho.

Em geral as aulas lecionadas por mim neste primeiro semestre decorreram de forma satisfatória, superei erros, dificuldades e medos, tornando-me uma pessoa muito mais vigorosa e competente. Os alunos responderam aos exercícios propostos em todas as aulas e mostraram-se alunos responsáveis e maduros. Contudo as suas dificuldades ao nível do desenho foram notórias, o que veio a confirmar-se nos seus trabalhos. Devido a este facto ao longo das aulas deparei-me com várias questões pertinentes acerca destes jovens e do ensino em geral.

Quais os motivos destas dificuldades apresentadas?

Estarão os professores das escolas portuguesas a falhar nos seus métodos de ensino?

Estão estes jovens do 12º ano de escolaridade preparados para entrar no Ensino Superior?

São questões às quais nunca terei resposta, mas que ao longo da primeira fase da prática de ensino supervisionada me encheram de dúvidas e me afligiram bastante.

Este período de estágio foi bastante positivo, para mim representou o primeiro contacto com o mundo docente, portanto foram muitos os conhecimentos que adquiri.

No entanto, o conhecimento é algo que apreendemos ao longo da nossa vida, de forma gradual, por isso neste primeiro período de estágio apesar de ter aprendido bastante, sei que muitas competências ficaram ainda por desenvolver.

### **15.1. Análise do Trabalho dos alunos**

O trabalho desenvolvido na aula pelos alunos demonstra, em geral, falta de expressividade e um diminuto domínio do desenho. No desenvolvimento dos trabalhos, os alunos solicitaram muito o meu auxílio e o da minha colega de estágio revelando também pouca autonomia na realização das tarefas.

As principais dificuldades reveladas por alguns alunos foram: na noção das proporções, tempo da realização dos esboços, enquadramento das composições na folha, entre outros. No entanto houve outros alunos que dominaram razoavelmente o desenho, fazendo esboços rápidos que demonstravam alguma competência.

Como em todas as turmas, nesta existiam também algumas discrepâncias relativamente aos resultados escolares, sendo notória a diferença de capacidades e

competências ao nível do desenho presentes em cada aluno. Contudo e apesar das exceções, como foi referido, os trabalhos desenvolvidos pela turma, (apesar do meu auxílio e da minha colega de estágio) demonstram grandes dificuldades na técnica do desenho e pouca criatividade.

## **16.AVALIAÇÃO**

Como refere Arends (1995, p.228) *“a avaliação é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas. Estas decisões deverão ter na sua base informações o mais relevantes e exactas possíveis.”*

A avaliação das aprendizagens dos alunos foi realizada com base em três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Estas avaliações foram pensadas estrategicamente com o intuito de recolher o maior número de conhecimento relativo às aprendizagens dos alunos, buscando sempre, através de uma avaliação justa, a conquista do sucesso escolar.

O primeiro momento de avaliação teve início antes da divulgação do tema da aula, com o preenchimento de uma ficha de avaliação diagnóstica inicial, permitindo apurar os conhecimentos dos alunos em relação aos conteúdos a leccionar. Esta ficha foi distribuída por todos os alunos, que procederam individualmente ao seu preenchimento, num prazo de tempo predefinido de 5-10 minutos.

De acordo com a análise dos resultados desta avaliação pudemos ver que a maioria da turma dominava o tema proposto.

A avaliação formativa foi realizada ao longo das aulas de forma a poder fornecer aos alunos um feedback real da evolução dos seus trabalhos e das dificuldades apresentadas, no sentido de orientar os seus esforços no caminho das suas potencialidades e na superação das suas dificuldades. Durante as aulas lecionadas foram várias as dificuldades sentidas pelos alunos e as orientações dadas por mim e pelo meu par pedagógico.

A avaliação formativa e sumativa dos alunos foi realizada com base nos critérios gerais de avaliação de Educação Visual estabelecidos. Tendo em conta todos esses critérios de avaliação, cada uma de nós (professoras estagiárias) procedeu à seleção dos critérios adequados para a avaliação do trabalho realizado pelos alunos nas suas aulas. Após uma reflexão e escolha dos critérios adequados para as aulas lecionadas foram

selecionados alguns critérios e elaboradas grelhas de avaliação com as percentagens devidas (ver apêndice 4).

À parte destas foi também realizada uma avaliação das atitudes e valores, em que foi também realizada uma grelha de avaliação (ver apêndice 5).

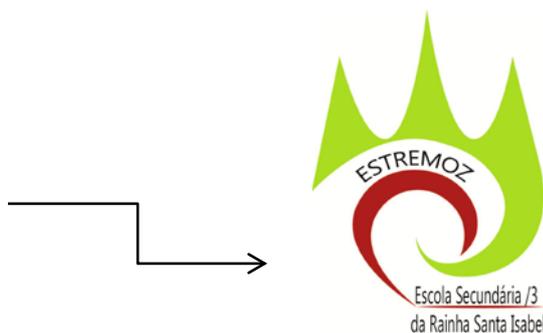
## 17.PROJETO DESENVOLVIDO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR

O projeto desenvolvido para a comunidade escolar foi a criação de um novo logótipo para a escola. O logótipo criado é pautado pela originalidade através da forma e do tipo de letra usado. Pretendemos através do nosso contributo modernizar o logótipo da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel, torná-la irreverente, dinâmica e principalmente contemporânea.

### 17.1.Proposta de Logótipo para a Escola



**Imagem 11**-Logótipo da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel



**Imagem 12**-Proposta de Logótipo da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel criado pelo Núcleo de Estágio

O logótipo é constituído por duas partes:

- 1.Elemento gráfico simbólico a cores.
- 2.Descrição da natureza do projecto (nome e localidade da escola) em equilíbrio com o elemento gráfico.

Elemento gráfico:

É complementar e indissociável da informação escrita. Na sua concepção e desenho estiveram como base aspectos importantes relativos à história da cidade e à lenda da

Rainha Santa Isabel. O elemento gráfico representa um conjunto de elementos semióticos com um claro equilíbrio estético, onde podemos encontrar a coroa da rainha e uma das rosas retratadas na lenda.

O milagre das rosas da Rainha Santa Isabel

“A mulher de D. Dinis, a rainha Santa Isabel, tornou-se célebre pela sua imensa bondade. Ocupava o tempo a fazer bem a quantos a rodeavam, visitando e tratando doentes, distribuindo esmolas pelos pobres. Ora, conta a lenda que o rei, já irritado por ela andar sempre misturada com mendigos, a proibiu de dar mais esmolas. Mas, certo dia, vendo-a sair furtivamente do palácio, foi atrás dela e perguntou o que levava escondido por baixo do manto.

Era pão. Mas ela, aflita por ter desobedecido ao rei, exclamou:

- São rosas, Senhor!
- Rosas, em Janeiro?- duvidou ele.

De olhos baixos, a rainha Santa Isabel abriu o regaço - e o pão tinha-se transformado em rosas, tão lindas como jamais se viu.”

Simbolismo das cores do elemento gráfico:

Verde representa:

- A paisagem alentejana (natureza)
- Harmonia
- Crescimento

Vermelho escuro simboliza:

- As rosas do milagre da rainha
- A força
- A liderança

O nome completo do projecto

No logótipo o nome da cidade aparece incorporado com o elemento gráfico em letras maiúsculas, dando ênfase à cidade. Já que o nome da Escola provém essencialmente de acontecimentos ocorridos nesta cidade ao longo da história.

O nome da escola encontra-se no canto inferior direito do logótipo, em pleno equilíbrio estético, com o objectivo de divulgar a verdadeira natureza do projecto. No entanto, o lettering apresenta-se numa escala reduzida em relação ao logótipo, deixando-o contar por si a própria história.

## II. Relatório da Prática Pedagógica

### Segunda fase da Prática Pedagógica: 2º semestre

#### 18. INTRODUÇÃO

O estágio desenvolvido no ano lectivo 2011/2012, introduzido no Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, decorreu em duas escolas diferentes, designadamente: Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz e Escola EB 2,3/S Cunha Rivara.

A segunda parte da prática de Ensino Supervisionado decorreu na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara, situada na vila de Arraiolos, tendo início a 1 de Fevereiro de 2012 e final a 23 de Maio de 2012. O Núcleo de Estágio foi constituído de novo por mim e pela minha colega Vanessa Silva.

Através do Prof. Dr. Leonardo Charréu tivemos conhecimento formal de que o professor cooperante da Escola na qual iria decorrer a nossa primeira fase da Prática Pedagógica seria o professor Luís Silva. Iríamos acompanhar uma turma do Ensino Básico, do 7º ano de escolaridade e leccionar a disciplina de Educação Visual.

Logo no início ficou acordado com o professor Luís Silva que iríamos primeiramente auxiliá-lo nas suas aulas, para nos começarmos a ambientar com a turma. O professor estava a desenvolver temas com a turma como a geometria e a cor (cores primárias e secundárias), temas que estavam de acordo com o programa da disciplina. O professor Luís (professor orientador) mostrou-se sempre muito prestável e prontificou-se a ajudar em tudo o que fosse necessário, o seu poio tornou-se fundamental nesta segunda caminhada de estágio.

#### 19. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA



**Imagem 13-** Escola EB 2,3/S Cunha Rivara-Monoblocos



**Imagem 14-** Logótipo da Escola EB 2,3/S Cunha Rivara

A Escola EB 2,3/S Cunha Rivara, situada na vila de Arraiolos, vila portuguesa localizada no Distrito de Évora está neste momento em reconstrução. Pretende-se com a nova escola que os alunos se formem e desenvolvam num espaço agradável e com as melhores condições de trabalho. Voltada para a comunidade educativa e parceira assumida da educação ao longo da vida, esta Escola deve assumir-se como um motor de desenvolvimento na região em que se insere.

Devido ao desenvolvimento desta nova escola, atualmente os alunos da Escola EB 2,3/S Cunha Rivara estão inseridos num novo espaço, um espaço provisório formado por vários monoblocos dispostos de forma estruturada e com ótimas condições (tendo em conta que é um espaço móvel realizado apenas para um curto período de tempo).

A primeira vez que entrei na Escola fiquei agradavelmente surpreendida, pois verifiquei que apesar dos alunos ainda não terem aulas numa escola dita “normal”, os espaços eram bastante acolhedores e organizados.

Escola em reconstrução (quase concluída):



**Imagem 15-** Escola (Nova) EB 2,3/S Cunha Rivara

### **19.1.Caracterização do meio envolvente**



**Imagem 16-** Vila de Arraiolos

### 19.1.1. Demografia e população

Arraiolos é uma vila do Alto Alentejo, situada no distrito de Évora, a 136 km de Lisboa, 95Km de Espanha e a 22 km de Évora. Tem uma posição geográfica privilegiada que lhe confere potencialidades turísticas acrescidas, considerando todo o seu património cultural, arquitectónico e artístico. Integrado quase na totalidade na bacia hidrográfica do Tejo, com as ribeiras do Divor e de Tera a constituírem os seus principais cursos de água, Arraiolos possui uma população de 7616 habitantes (segundo censos 2001), com 684,08 Km<sup>2</sup>, cerca de 9,45% da área do Alentejo Central, repartidos por sete freguesias, Arraiolos, Igreja, Sabugueiro, Santa Justa, São Gregório, São Pedro da Gafanhoeira e Vimeiro.

Contudo, apesar de todas as potencialidades da cidade, segundo o INE (Censos 2001) e PDM (1994) verifica-se um decréscimo na população nestas freguesias (principalmente a partir de 1960). A principal causa deste decréscimo populacional são os movimentos migratórios. A população torna-se assim mais reduzida e envelhecida, uma vez que os jovens são quem mais parte para outros locais, principalmente para cidades desenvolvidas, que os possibilitem lutar por um futuro melhor.

População do concelho de Arraiolos (1801 – 2011)								
1801	1849	1900	1930	1960	1981	1991	2001	2011
3 887	4 053	8 738	11 260	12 786	9 000	8 040	8 000	7363

*Tabela 12*-População do Concelho de Arraiolos

### 19.1.2. Estrutura Económica

Na vila de Arraiolos no que se refere ao registo do desemprego, e de acordo com os dados fornecidos, pelo INE (censos 2001) e PDM (1994), dos 7.616 residentes, 246 são desempregados. O grupo etário mais atingido é o dos 25-29 anos, seguido dos 35-39

anos. Da população desempregada no concelho, 73,98% é do sexo feminino e a restante, 26,02%, do sexo masculino. Como podemos ver, a população jovem é a mais afetada. Ao nível da empregabilidade nos sectores económicos, o concelho de Arraiolos regista 15,97% da sua população empregada no sector primário, 29,66% no sector secundário e a maioria da população, 54,37%, empregada no sector terciário. Em termos de evolução, num período de 10 anos o concelho de Arraiolos perdeu praticamente metade dos empregos agrícolas (-15,23%), havendo também no sector secundário um ligeiro decréscimo. A maior alteração ocorreu no sector terciário, onde o emprego aumentou cerca de 18%.

Verifica-se também que a maior parte dos trabalhadores por conta de outrem trabalha no sector terciário (36,6%) e secundário (35,4%), tal como ocorre a nível nacional, embora com valores relativamente mais baixos.

No concelho de Arraiolos predominam as empresas na área do comércio por grosso e a retalho, quer a nível da reparação de veículos automóveis, como do comércio de bens de uso pessoal e doméstico. Outra indústria com grande peso no sector é a indústria têxtil, associada ao fabrico dos tapetes de Arraiolos, contudo esta indústria também tem vindo a diminuir, de 25 para 22 empresas e passou de 7 para 8 sociedades.

### **19.1.3. Grau de escolaridade da população**

O nível de escolaridade da maioria dos residentes no concelho é o 1º Ciclo do Ensino Básico (40,7%), havendo, contudo, cerca de 30% da população sem nenhuma escolaridade.

Com o 2º Ciclo do Ensino Básico temos 11,4% da população, 9,16% com o 3º Ciclo do Ensino Básico, 13,09% com o Ensino Secundário, 0,34% com o Ensino Médio e 4,98% da população com o Ensino Superior.

De acordo com os censos de 2011 a taxa de analfabetismo tem vindo a diminuir ao longo dos anos, contudo no concelho continua a persistir uma taxa de analfabetismo bastante elevada.

### **19.1.4 Ofertas do Meio**

Na vila de Arraiolos pode-se usufruir de algumas áreas de desporto, lazer e cultura, de forma a enriquecer as aprendizagens.

Infra estruturas desportivas e de lazer:

- 3 Polidesportivos descobertos
- 1 Circuito de manutenção
- 1 Piscina descoberta 25x12,5 M – 6 pistas
- 1 Piscina coberta aquecida 16,66x8 M – 4 pistas
- 1 Gimnodesportivo
- 1 Pista de atletismo 400M + salto e lançamentos
- 2 Campos de futebol 11
- 2 Campos de tiro
- 3 Parques Infantis

Associações/colectividades:

- Clube de Pesca Desportiva de Arraiolos
- Centro Cultural e Desportivo de Santana
- Associação Social Unidos de Santana
- Sociedade Columbófila Arraiolense
- Clube Desportivo da Malha de Arraiolos “Os Malhadores”
- Núcleo de Cicloturismo
- Associação Desportiva de Caçadores das Ilhas
- Clube Desportivo dos Caçadores de Arraiolos
- Lusitano Clube Desportivo Arraiolense
- Clube de Caçadores de Santana do campo

Infra-estruturas culturais:

- 1 Cine -Teatro Municipal
- 1 Pavilhão Multiusos
- 1 Biblioteca Municipal (possui uma sala polivalente)

Entidades que desenvolvem actividades culturais:

- Casa das Artes
- Rancho Etnográfico “Os Camponeses de Arraiolos”
- Associação Social Unidos de Santana
- Associação de Jovens de Arraiolos

Para além destas ofertas, existem também outras nas diferentes freguesias do concelho.

## **19.2.Dimensão humana**

### **19.2.1 Estrutura Organizacional**

**Número de Docentes:** 93

**Não Docentes:**33

**Alunos:**

#### Ensino Básico - 2º ciclo

5º ano - 72 alunos

6º ano - 73 alunos

#### Ensino Básico – 3º ciclo

7º ano – 76 alunos

8º ano – 54 alunos

9º ano – 64 alunos

Cursos de Educação e Formação

CEF T2 - Auxiliar de Acção Educativa – 13 alunos

#### Ensino Secundário

10º ano

Ciências e Tecnologias - 28 alunos

Línguas e Humanidades – 31 alunos

Curso Profissional de Animador Sociocultural – 16 alunos

Curso Profissional de Protecção Civil – 14 alunos

11º ano

Ciências e Tecnologias - 25 alunos

Línguas e Humanidades – 18 alunos

Curso Profissional de Animador Sociocultural – 7 alunos

Curso Profissional de Protecção Civil – 11 alunos

12º ano

Ciências e Tecnologias - 19 alunos

Ciências Sociais e Humanas - 25 alunos

Curso Profissional de Técnico de Viticultura/Enologia – 7 alunos

### Ensino Nocturno

#### EFA

Escolar B3 - 10 alunos

Escolar NS - 18 alunos

Higiene e Segurança no Trabalho - 8 alunos

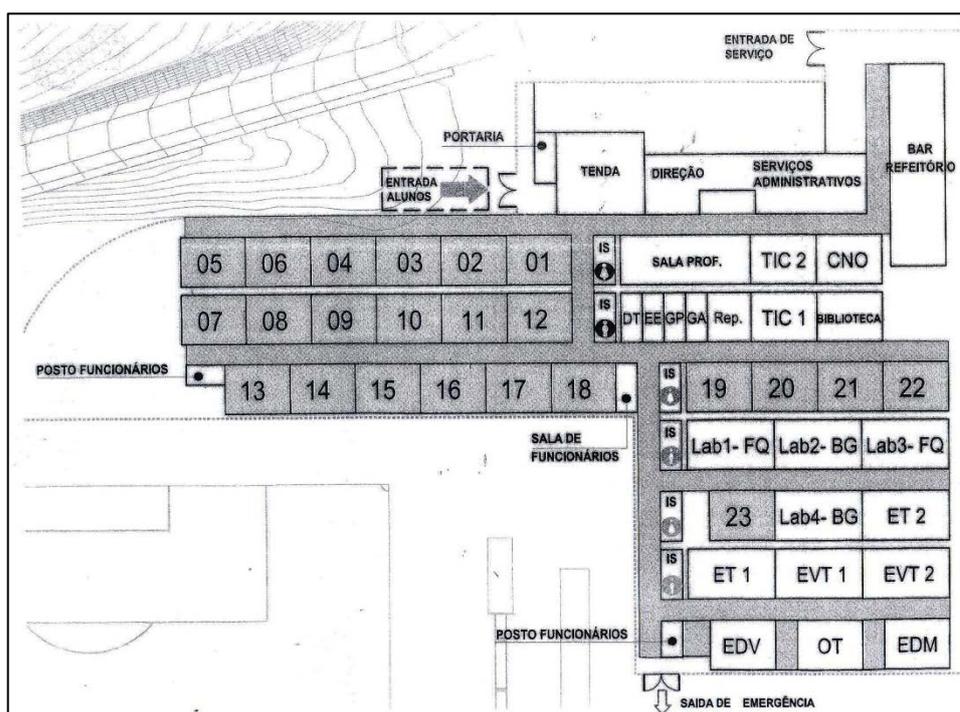
Técnico de Vendas - 6 alunos

Técnico de Acção Educativa - 13 alunos

Técnico de Informática - 7 alunos

Técnico de Instalações Eléctricas - 4 alunos

### **19.3. Dimensão física: Instalações**



**Imagem 17-** Planta dos Monoblocos

## **Legendas- Monoblocos:**

**SALAS-23** salas

**SALA PROF.-** Sala de professores

**CNO-** Centro das novas oportunidades

**TIC1-** Sala de Informática 1

**TIC2-** Sala de Informática 2



IS-IS Prof. Femininos



IS Alunos Femininos



IS-IS Prof. Masculinos



IS Alunos Masculinos

**LAB 1-FQ-** laboratório de física e Química

**LAB2-BG-** Laboratório de Biologia e Geologia

**LAB3- FQ-** laboratório de física e Química

**LAB4-BG-** Laboratório de Biologia e Geologia

**DT-**Sala de Directores de Turma

**EE-**Ensino Especial

**GP-**Gabinete de Psicologia /GSSBE

**GA-**Gabinete de Apoio ao aluno/sala EFA

**REP-** Reprografia/Papelaria

**EDV-**Sala de Educação Visual

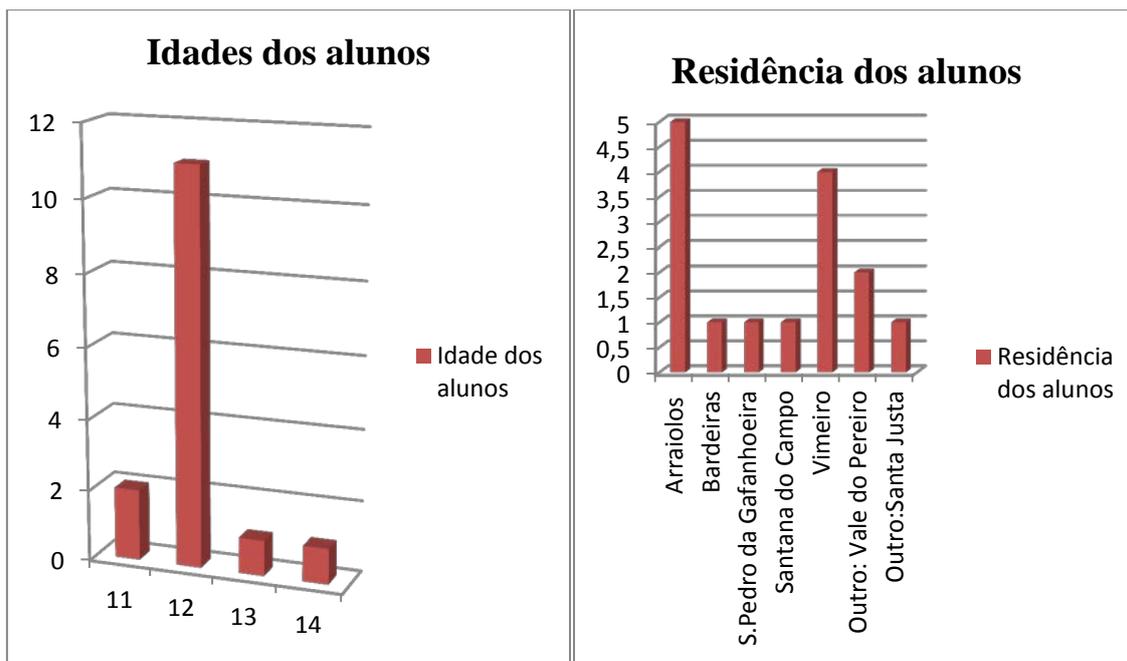
**OT-**Sala de oficina de teatro

**EDM-**Sala de Educação Musical

**ET1 e ET2-** Sala de Educação Tecnológica

## **20.CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**

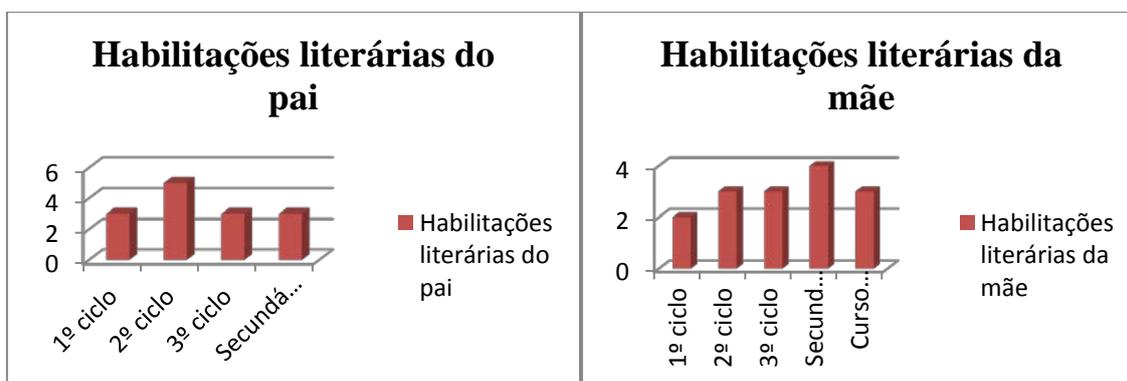
A turma de Educação Visual na qual decorreu a prática pedagógica foi a turma D do 7º ano frequentada por um total de 19 alunos, dos quais 14 são do género masculino e 5 do género feminino. De seguida farei uma análise de dados referentes aos alunos, contudo esta análise conta apenas com o estudo de 15 alunos, 4 dos quais não se encontram presentes nos documentos devido à sua ausência na aula.



**Gráfico 6-** Idades dos alunos

**Gráfico 7-** Residência dos alunos

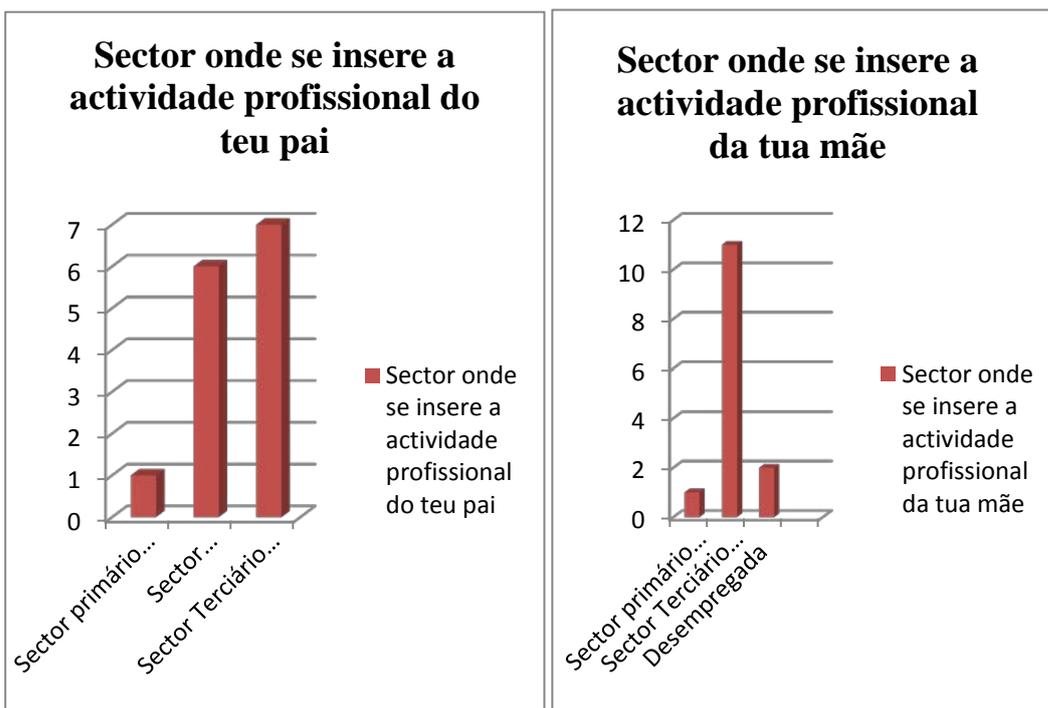
Como podemos verificar no gráfico 6 acima, realizado através de um questionário feito aos alunos, a maioria dos alunos da turma têm 12 anos, sendo que o mais novo tem 11 anos e o mais velho 14 anos. Em relação à residência dos alunos verifiquei que apenas 5 elementos da turma vivem na vila de Arraiolos, sendo que os outros elementos residem em outras freguesias situadas a poucos km da Vila.



**Gráfico 8-** Habilitações literárias do pai

**Gráfico 9-** Habilitações literárias da mãe

Em relação às habilitações literárias dos pais, constatei que as mães dos alunos possuem um maior grau de instrução comparativamente com os pais, sendo que três delas frequentaram cursos superiores. Verifiquei também que muitos pais e mães possuem apenas o 1º ciclo, sendo para estes mais complicado acompanhar e auxiliar os seus filhos ao longo do 3º ciclo. Talvez o meio possa justificar este baixo nível literário.

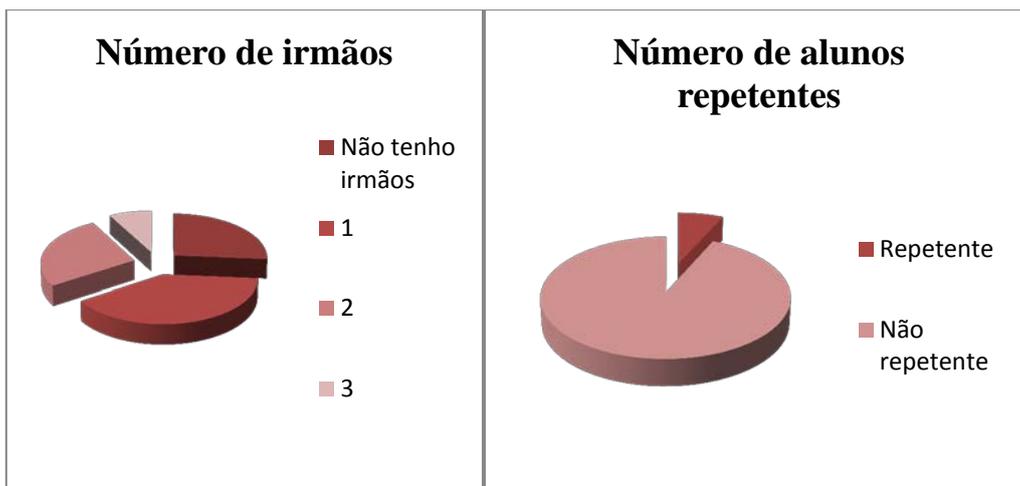


**Gráfico 10-** Sector onde se insere a actividade profissional do pai

**Gráfico 11-** Sector onde se insere a actividade profissional da mãe

Relativamente às atividades profissionais dos pais verifico que a maioria se insere no sector Terciário (Serviços) e que uma pequena minoria se insere no sector primário (no entanto, cada vez menos). Em relação aos casos de desemprego existentes são poucos relativamente ao panorama de desemprego atual, existindo apenas dois casos entre as mães dos alunos.

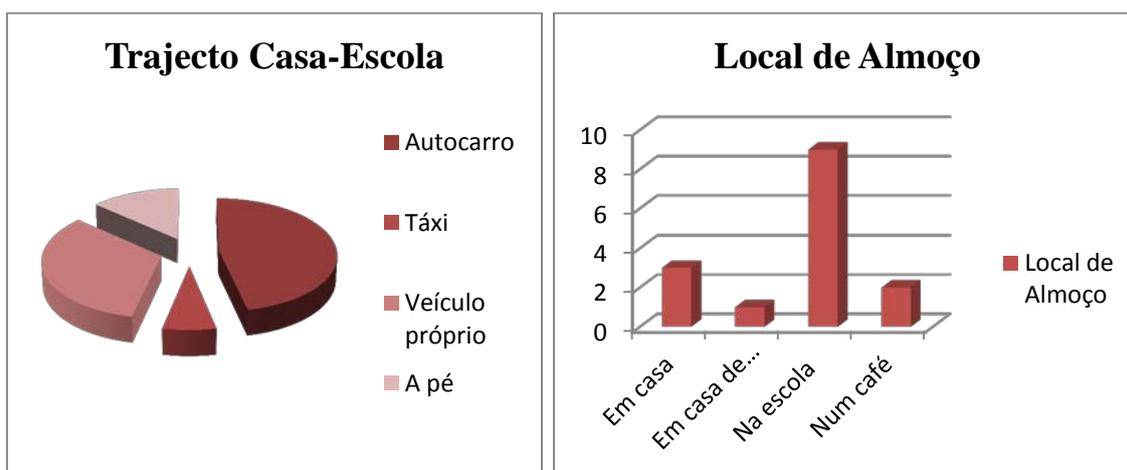
Nos resultados obtidos através dos inquéritos observo também que a maioria dos alunos tem um irmão e que os encarregados de educação de todos os alunos são as suas mães, um fato curioso que não poderia deixar de referir.



**Gráfico 12-** Número de irmãos

**Gráfico 13-** Número de alunos repetentes

Nas respostas aos inquéritos verifiquei que apenas um aluno ficou retido no ano anterior, no entanto três alunos já tinham ficado retidos anteriormente (no 1º ciclo).

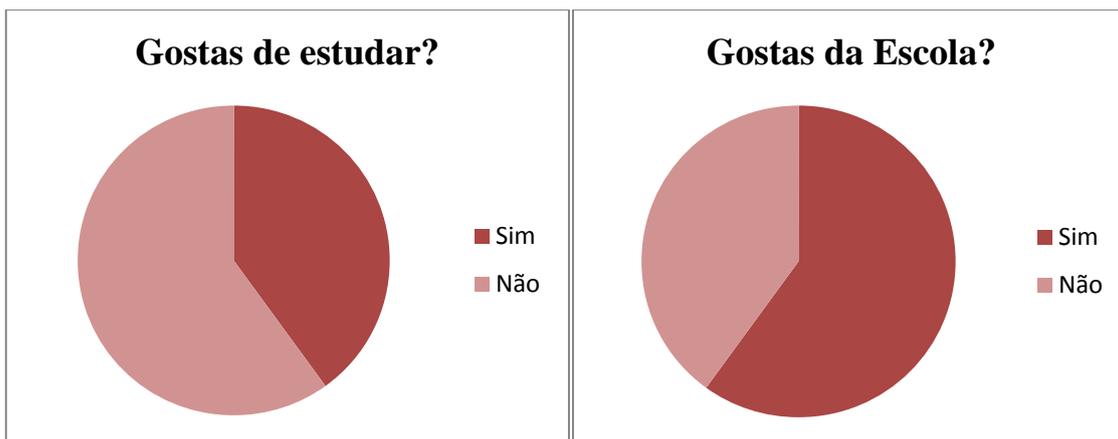


**Gráfico 14-** Trajecto Casa-Escola

**Gráfico 15-** Local de almoço

No que respeita ao trajecto até à Escola, a maioria dos alunos desloca-se de autocarro e de veículo próprio, apenas 1 aluno se desloca de táxi e 2 a pé.

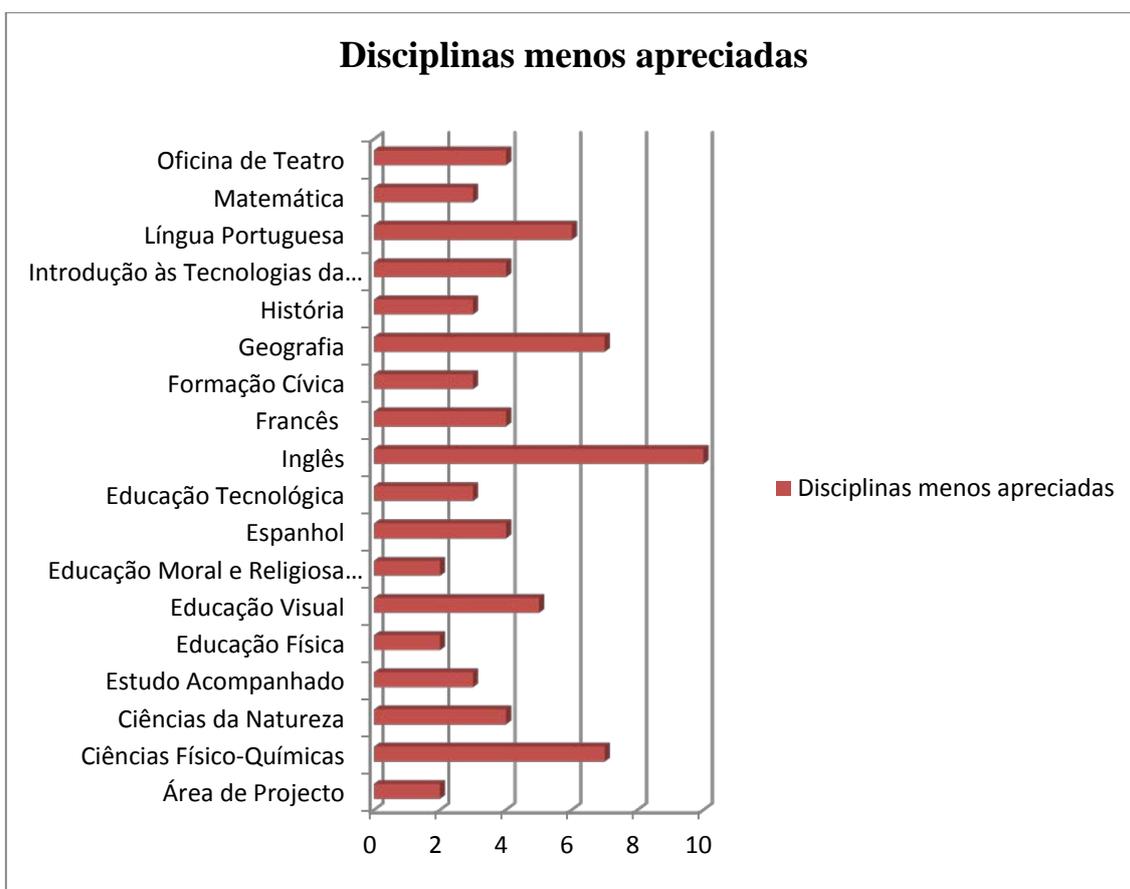
Em relação ao local de almoço a maioria dos alunos almoça na escola, uma vez que grande parte dos alunos não são de Arraiolos torna-se complicado o almoço nas suas próprias habitações.



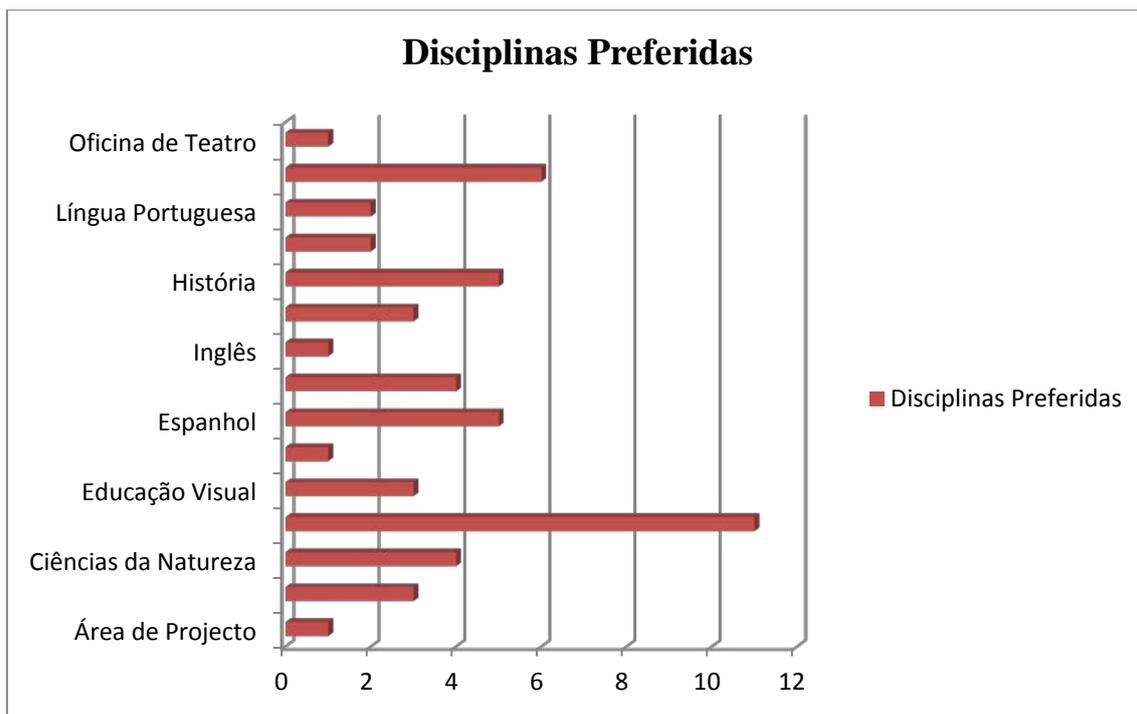
**Gráfico 16-** Gosto pelo estudo

**Gráfico 17-** Gosto pela escola

Em relação ao gosto pelo estudo e pela escola verifiquei que a maioria dos alunos não gosta de estudar, como podemos verificar no gráfico 16, contudo, constato através do gráfico 17 que a maioria dos alunos gosta da escola. Duas questões que se completariam acabaram por alcançar resultados completamente díspares.



**Gráfico 18-** Disciplinas menos apreciadas



**Gráfico 19-** Disciplinas preferidas

Relativamente às disciplinas preferidas dos alunos constato que a maioria dos alunos prefere Educação Física e logo em seguida Matemática. As disciplinas menos apreciadas pelos alunos são Inglês, Geografia e Ciências Físico - Químicas.

Alusivamente à disciplina de Educação Visual verifiquei que não faz parte da maioria das preferências dos alunos, sendo que apenas três alunos a consideraram como uma das suas disciplinas preferidas e cinco alunos a consideraram como a menos apreciada.

De acordo com os resultados obtidos pelos alunos no inquérito constato também que grande parte dos alunos quer seguir um curso superior, no entanto três elementos da turma pretendem concluir somente o 12º ano.



**Gráfico 20-** Actividades nos tempos livres

Como podemos verificar no gráfico acima muitos dos alunos praticam desporto nos seus tempos livres, sendo que os seus desportos preferidos passam essencialmente pelos desportos colectivos.

Em relação a alunos com problemas de saúde verifiquei que existem dois alunos com doenças crónicas (asma) e bastantes com problemas alérgicos. Em relação a problemas que podem dificultar a aprendizagem verifiquei um aluno com problemas de visão, outro com dislexia e alguns com dificuldades de concentração.

Em suma, esta turma parece-me ser uma turma bastante regular e sem grandes problemas aparentes, à exceção do caso de um aluno estrangeiro que suporta uma situação de desestruturação familiar, o que afeta não só a sua aprendizagem, mas também o seu comportamento em sala de aula.

Contudo esta turma como já foi referido, é uma turma que está dentro dos padrões de normalidade. É uma turma respeitadora, com um comportamento bastante razoável, e sem qualquer tipo de problemas de maior (à exceção do caso referido anteriormente).

## **21. CARACTERIZAÇÃO DA SALA**

Os alunos desta turma têm uma aula de Educação Visual na única sala criada para o efeito no edifício temporário efetuado durante o tempo de reconstrução da Escola EB 2,3/S Cunha Rivara.

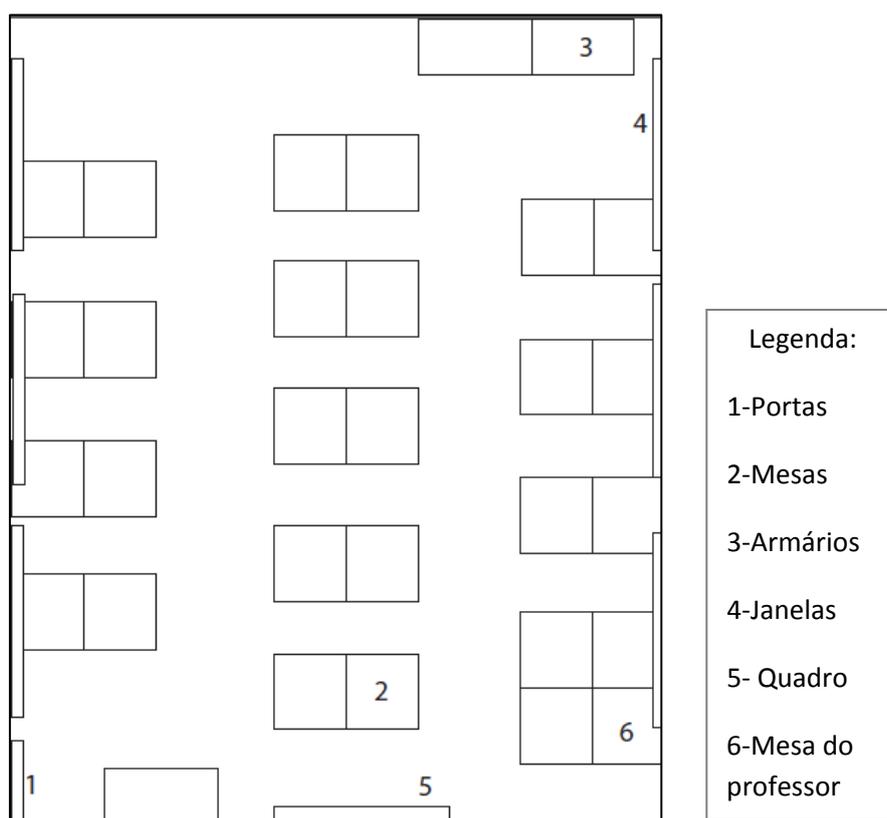
Esta sala não é muito espaçosa, no entanto é uma sala acolhedora e com bastantes condições, possuindo todo o material necessário à prática do desenho.

As mesas encontram-se dispostas de forma bastante organizada e em três filas paralelas que ocupam grande parte da sala. Ao contrário da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel de Estremoz nesta sala a quantidade de mesas não excede muito a quantidade de alunos, sendo esta constituída por 24 mesas de pequeno porte.

Existe também uma grande quantidade de janelas dispostas nas paredes laterais da sala que possuem estores que permitem controlar a luminosidade da sala. Um fácil controlo de iluminação na sala é fundamental para a prática de ensino, por isso nesta sala tanto o professor como os alunos beneficiam destas excelentes condições de iluminação.

A sala possui também um sistema de ar condicionado que permitiu aos alunos e professor beneficiarem de um bom ambiente em sala de aula durante o Inverno e três armários que detêm o material dos alunos, podendo estes deixar o seu material na sala.

Estas salas provisórias estão assim em excelentes condições de usabilidade, são práticas, possuem o material necessário para a prática da Educação Visual e estão sobretudo pensadas em prol do bem-estar de toda a comunidade escolar.



**Imagem 18-** Planta da sala da Escola EB 2,3 Cunha Rivara

## **22.CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL**

*“A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente*

*são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade de Educação Visual como educação do olhar e do ver. (Currículo Nacional do Ensino Básico, s.d., p.155)*

A disciplina de Educação Visual integra o currículo do 3º ciclo (7º, 8º e 9º ano) do ensino básico, tendo uma carga horária semanal de 90 minutos. Esta disciplina tem uma componente teórica/prática, contudo tem maior incidência na vertente prática, visto que é uma disciplina em que são realizadas bastantes atividades artísticas.

A disciplina de educação visual é indispensável na educação do aluno, pois através desta o aluno consegue articular imaginação, razão e emoção e desenvolver diferentes competências. A vivência artística através desta disciplina, inspira o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano.

No programa de Educação Visual, que abarca o 7º, 8º e 9º ano, estão presentes, as competências, conteúdos e os resultados pretendidos.

## **22.1.Caracterização do Programa da Disciplina**

Ao longo do 3º ciclo do ensino básico as competências que o aluno deve adquirir em Artes Visuais articulam-se em três eixos estruturantes – fruição-contemplação, produção-criação, reflexão-interpretação.

### **Fruição-contemplação**

- Reconhecer a importância das Artes Visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano;
- Reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado;
- Conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico;
- Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional;
- Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.

### **Produção-criação**

- Utilizar diferentes meios expressivos de representação;

- Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem;
- Realizar produções plásticas usando os elementos da comunicação e da forma visual;
- Usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica;
- Interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes à sua criação.

#### Reflexão-interpretação

- Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;
- Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais;
- Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos;
- Analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais;
- Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.

Os domínios das competências específicas que estruturam estes três eixos são: a comunicação visual, em que os alunos têm principalmente de saber ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais e os elementos da forma em que os alunos têm de reconhecer diferentes formas de representação do espaço.

Ao longo do programa da disciplina de Educação Visual é também descrita a importância da utilização dos diferentes meios de expressão, devendo estes ser implementados em função das competências e dos projetos pedagógicos das escolas. Propõem-se como áreas dominantes, o desenho, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem.

Em relação às indicações metodológicas presentes no programa é clarificado que no processo ensino-aprendizagem, cada proposta de trabalho é organizada a partir do perfil de competências definido e destes eixos essenciais:

- Os saberes específicos da Educação Visual;
- Os suportes, materiais e técnicas que permitem a realização de projectos;
- Os campos temáticos onde as propostas de trabalho se devem inserir, integrando as aprendizagens e as produções em processos de reflexão e intervenção.

É também revelado no programa a forma como se deve desenvolver a estrutura curricular: estratégias de ensino, gestão do tempo, e organização de atividades.

## **23.FORMAÇÃO PEDAGÓGICA**

### **23.1.Observação das aulas do professor cooperante**

Durante a Prática de Ensino Supervisionada observei algumas aulas do professor cooperante Luís Silva, um professor com bastante experiência de ensino e um excelente profissional.

Enquanto o professor lecionava a aula reparei de imediato no seu à vontade perante a turma e no respeito que conseguia impor em simultâneo. Visto que se tratava de uma turma do 7º ano constituída por dezanove pré-adolescentes com a exaltação própria da idade, o professor cooperante Luís Silva necessitava de chamar a turma à atenção diversas vezes. Contudo, apesar de demonstrar muitas vezes esta sua faceta mais rígida conseguia também exibir nas alturas certas o seu lado bem-disposto e alegre perante a turma.

O professor como era o director de turma destes alunos do 7º D estava a par de todos os problemas dos alunos, por isso a sua preocupação com os alunos era evidente, procurando sempre auxiliar os alunos mais problemáticos (principalmente o aluno estrangeiro).

Ao observar as aulas do professor reparei também na sua forma organizada de trabalhar, permitindo aos alunos uma maior compreensão dos conteúdos. Aprendi muito com a observação destas aulas, e espero um dia como futura docente conseguir ser tão boa profissional como o professor cooperante Luís Silva.

### **23.2.Observação das aulas da colega em estágio**

Neste segundo semestre, ao contrário do primeiro apenas foram lecionadas aulas em grupo. Por este motivo não foi possível observar apenas como espectadora a minha colega Vanessa Silva (como ocorreu no semestre anterior nas aulas individuais, em que eu assistia às suas aulas sem existir qualquer tipo de intervenção da minha parte), mas sim como colega cooperante, observando não só a sua conduta em sala de aula, mas também colaborando em tudo o que fosse necessário. Contudo, e através destas aulas em grupo constatei que a minha colega de estágio teve uma grande evolução na sua prática pedagógica relativamente às aulas lecionadas no 1º semestre na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.

Neste 2º semestre, talvez pela menor faixa etária dos alunos comparativamente com os alunos do 1º semestre, senti que tanto eu como a minha colega de estágio progredimos bastante em relação à atitude em sala de aula. Foi notório o maior à vontade demonstrado com esta turma, uma turma simpática que mostrou bons valores e respeito pelos professores e colegas.

Em relação aos conteúdos verifiquei que a forma como foram transmitidos foi bastante clara e concisa e que todos foram apreendidos com sucesso pelos alunos.

Este semestre foi assim fundamental na minha aprendizagem enquanto professora e na aprendizagem da minha colega de estágio Vanessa Silva, mostrando esta uma grande evolução na sua prática pedagógica.

## **24.AÇÃO DIDÁTICA E PEDAGÓGICA**

### **24.1Atividades desenvolvidas com a turma**

Começamos por auxiliar o professor Luís Silva nas suas atividades acerca da geometria e da cor, tendo em conta o programa da disciplina de educação Visual. Foram desenvolvidos bastantes exercícios de Geometria como espirais e polígonos com os alunos, assim como exercícios relacionados com a cor, onde a turma teve de realizar um círculo cromático.

Em relação às atividades propostas por nós resolvemos fazer com a turma um projeto acerca de Arte Pública, de acordo com o tema da primeira parte do relatório da minha colega de estágio Vanessa Silva.

#### Descrição do projeto

O professor Luís propôs-nos então que ao tema Arte pública associássemos outros temas como o Bullying (um tema bastante atual nos dias de hoje e que infelizmente afetava um elemento da turma) e os temas geometria e cor presentes no programa da disciplina.

Após alguma análise sobre estes temas conseguimos chegar ao resultado da atividade.

#### 1ª parte do exercício

Temas: Geometria, Bullying e Cor

- Elaboração de planificações geométricas (octaedros, tetraedros, icosaedros e hexaedros) numa cartolina branca.
- Ilustração das planificações com frases e desenhos sobre o tema Bullying.  
Material utilizado: Grafite, lápis de cor e canetas de feltro.
- Construção dos sólidos.

## 2ª parte do exercício

Tema: Arte Pública

No segundo exercício os alunos teriam de inserir os seus sólidos num espaço público. Mas para isto era necessário primeiramente fazer um esboço do espaço público e da disposição em que iriam ficar os sólidos. Foi então facultado aos alunos uma fotografia de um espaço da vila de Arraiolos e uma folha de papel vegetal para que estes pudessem passar a imagem da vila para uma folha branca e desenhar nela os sólidos realizados pela turma.

- Passagem de uma fotografia do espaço da vila de Arraiolos para a folha branca através do papel vegetal.
- Desenho dos vinte e três sólidos que tinham sido construídos na última aula em diferentes disposições.
- Colocação dos sólidos construídos na aula anterior num espaço da cidade.

## **25.AULAS DE GRUPO**

As aulas desta segunda fase da Prática de Ensino Supervisionada deste segundo semestre foram todas realizadas em grupo e tiveram início no dia 1 de Fevereiro de 2012 e fim no dia 23 de Maio de 2012. As primeiras aulas foram lecionadas pelo professor Luís Silva, por mim e pelo meu par pedagógico. O professor cooperante abordava os conteúdos da Unidade 2 da planificação de Educação Visual do 7º ano e posteriormente, eu e a minha colega de estágio auxiliávamos a turma nas dúvidas que iam surgindo. Os conteúdos das primeiras aulas passavam essencialmente pela geometria, em que os alunos tinham de realizar a construção de polígonos, poliedros regulares, irregulares, entre outros.

Estas primeiras aulas que tinham como tema a geometria foram para nós o relembrar destes conteúdos, uma vez que eu e o meu par pedagógico não fazíamos estas construções há bastante tempo. No entanto eram exercícios simples por isso facilmente conseguimos lembrá-los e auxiliar a turma em tudo o que foi necessário. No decorrer destas aulas de geometria foram notórias as discrepâncias no tempo necessário de cada aluno para a execução do exercício. Enquanto existiam elementos da turma bastante desenvolvidos na realização dos exercícios, existiam outros que apresentavam algumas dificuldades e necessitavam com frequência do auxílio de um professor. No entanto, como era uma turma bastante empenhada conseguiram sempre realizar os exercícios propostos.

Após a conclusão deste tema, o professor orientador Luís Silva iniciou o tema: Cor. Ao longo desta temática os alunos teriam de realizar um círculo cromático aplicando as cores primárias e secundárias. Foi um tema que nos deu bastante prazer trabalhar com a turma, uma vez que os podíamos auxiliar tanto na escolha como na mistura de cores.

Estas aulas em conjunto com o professor orientador Luís Silva e a minha colega Vanessa Silva decorreram da melhor forma, e serviram sobretudo para conhecermos a turma e criar uma boa relação com os alunos.

A partir do dia 11 de Maio eu e o meu par pedagógico criámos as nossas próprias atividades, abordando o tema Arte Pública (tema desenvolvido pelo meu par pedagógico no seu Relatório da Prática de Ensino Supervisionada). Começámos então (com o auxílio do professor cooperante) por desenvolver com a turma ao longo de duas aulas a planificação de poliedros.

No dia 15 de Maio de 2012 decorreram as minhas aulas supervisionadas realizadas em grupo com o meu par pedagógico. Na primeira aula supervisionada os alunos tinham de elaborar mensagens criativas nas suas planificações e na segunda teriam de criar um projeto de Arte Pública, inserindo os seus sólidos num espaço público. A turma mostrou motivação ao longo dos exercícios propostos, executando a atividade de forma satisfatória.

Apesar de ser bastante difícil trabalhar em conjunto, devido aos diferentes pontos de vista existentes entre as pessoas, nestas aulas leccionadas em grupo não houve qualquer problema, uma vez que a cooperação entre o meu núcleo de estágio e o professor cooperante Luís Silva foi evidente.



**Imagem 19-** Alunos a realizar o exercício

## **26.AULAS SUPERVISIONADAS**

### **26.1.Primeira aula supervisionada**

A primeira aula supervisionada decorreu no dia 15 de Maio de 2012 pelas 12 horas e 30 minutos na sala de Educação Visual dos Monoblocos da Escola EB 2,3/S Cunha Rivara e foi lecionada em conjunto com a minha colega de estágio Vanessa Silva.

O tema desta primeira aula era o Bullying, uma realidade cada vez mais presente nas nossas escolas. Como refere Albert Einstein (s.d.) *«O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer»*.

A escolha deste tema deveu-se ao facto de existir um caso de bullying na turma, estando a gerar muita inquietação tanto aos pais do aluno como ao professor cooperante Luís Silva.

No dia da aula supervisionada chegámos meia hora mais cedo à escola para preparar tudo o que fosse necessário, contudo aquela meia hora antes da aula para nós foi uma eternidade. Parecia que o tempo não passava enquanto a ansiedade se apoderava de nós.

Quando finalmente se inicia a aula aqueles nervos e aquela ansiedade desapareceram completamente e ficou apenas um enorme gosto e orgulho em estar ali e poder ensinar aqueles adolescentes.

Iniciámos então a aula com a visualização de um Powerpoint acerca do tema Bullying. Apesar de ser um tema já bastante conhecido pelos alunos, durante a exposição do tema a turma participou bastante e fez variadíssimas perguntas, mostrando alguma sensibilidade.

Após esta breve exposição do tema explicámos então a atividade a realizar: conceção de mensagens criativas e de sensibilização inscritas sobre um poliedro regular previamente planificado. Os conteúdos desta aula passariam sobretudo pela geometria no espaço, o papel da imagem na comunicação, a percepção visual da forma e a luz/cor na representação do espaço. As competências a adquirir pelos alunos seriam: a apropriação das linguagens elementares das artes, o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e o desenvolvimento da criatividade.

Os materiais necessários para a atividade seriam a planificação de um sólido em cartolina, alguns meios atuantes riscadores como a grafite, lápis de cor, canetas de feltro e guaches e cola.

Durante a execução da atividade os alunos mostraram-se bastante motivados, trabalhando com bastante entrega e dedicação. Apesar disto a carência de criatividade foi notória, sendo o meu núcleo de estágio solicitado diversas vezes pelos alunos, que procuravam incessantemente ideias que solucionassem os seus trabalhos.

Em relação ao comportamento dos alunos nesta primeira aula supervisionada não houve qualquer problema, à exceção de dois ou três casos de alunos que mostraram um comportamento menos exemplar que teve de ser controlado por nós.

A primeira aula assistida deste segundo semestre foi portanto mais uma conquista na minha aprendizagem enquanto professora.



**Imagem 20-** Primeira aula supervisionada



**Imagem 21-** Trabalho de um aluno (sólido)

## **26.2. Segunda aula supervisionada**

A segunda aula supervisionada decorreu também no dia 15 de Maio de 2012 (dez minutos depois do final da primeira) e foi lecionada de novo em conjunto com a minha colega de estágio.

O tema da aula foi *Arte Pública*, um tema ainda desconhecido por maior parte dos jovens desta faixa etária. A escolha deste tema justificou-se pelo facto de ser o tema escolhido pelo meu par pedagógico para o relatório da Prática de Ensino Supervisionada.

O nervosismo sentido no início da aula anterior não foi sentido no início desta segunda aula. O facto da segunda aula ter sido uma espécie de continuação da primeira aula supervisionada fez-nos sentir bastante mais à vontade e muito mais preparadas para enfrentar de novo esta situação de avaliação.

A aula começou também com a exposição do tema com a visualização de um PowerPoint, onde o tema Arte Pública foi esclarecido aos alunos de forma acessível e concisa, visto que se tratava de uma turma do 7º ano de escolaridade.

Por este motivo foram apresentados exemplos concretos de obras de Arte Pública tanto em Portugal, como noutros Países para que os alunos tivessem a oportunidade de conhecer algumas obras.

O desconhecimento dos alunos acerca do tema foi evidente, surgindo variadas dúvidas ao longo da visualização do Power Point.

Após a exposição do tema divulgámos então a atividade a realizar: Esboço de um espaço da vila de Arraiolos inserindo os vários poliedros desenvolvidos pela turma na aula anterior. Os conteúdos para esta aula seriam a geometria no espaço (Representação de Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares em diferentes espaços), a forma (percepção visual da forma) e a luz/cor no ambiente e na representação do espaço. As competências a serem desenvolvidas eram sobretudo entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas e compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume;

Os materiais necessários para a actividade seriam uma folha A4, uma folha de papel vegetal e alguns meios actuantes riscadores como a grafite, lápis de cor e canetas de feltro.

A atividade foi desenvolvida pelos alunos com sucesso, apesar do cansaço demonstrado pelos alunos na realização do exercício. Como foram lecionados dois blocos de 90 minutos seguidos de Educação Visual, os alunos ficaram bastante inquietos no final desta segunda aula supervisionada, levando a um comportamento menos exemplar da turma. Contudo este comportamento por parte dos alunos foi sempre controlado por nós não afetando a condução da aula.

Quase no final da aula foi facultado aos alunos um inquérito acerca destas duas aulas supervisionadas, onde era perguntado aos alunos qual dos exercícios realizados eles mais tinham gostado, qual o que menos gostaram e o que estas aulas contribuíram para a sua aprendizagem (Apêndice 9).

Depois de uma análise de dados efetuada eu e a minha colega de estágio ficámos agradavelmente surpreendidas com os resultados. Constatámos então que a maioria da turma referiu a primeira atividade como sendo a sua preferida, (conceção de mensagens criativas e de sensibilização inscritas sobre um poliedro regular previamente planificado) o que revelou que a turma prefere realizar atividades mais livres e criativas. Em relação à atividade menos apreciada (segunda atividade) não foi referida como a que menos gostaram mas sim como a mais trabalhosa e por isso a menos apreciada em relação à primeira. Os alunos nesta segunda atividade demonstraram muito cansaço e pouca vontade em realizar a parte da atividade em que tinham de passar a imagem da Vila de Arraiolos para papel vegetal.

Contudo a maioria dos alunos refere que estas duas aulas contribuíram bastante para a sua aprendizagem, pois através destas a turma teve a oportunidade de saber mais acerca do tema Bullying (aprendendo a defender-se e a defender o próximo) e a ficar também a conhecer o tema Arte Pública, um tema cada vez mais presente em todo o mundo.

Porém, estas aulas não contribuíram somente para a aprendizagem dos alunos, mas também para a minha aprendizagem, pois através delas tive a oportunidade de aprender com excelentes profissionais e principalmente conhecer-me a mim própria enquanto professora.



**Imagem 22-** Segunda Aula Supervisionada



**Imagem 23-** Trabalho de um aluno (castelo)

## **27. ANÁLISE CRÍTICA DAS AULAS**

As aulas da segunda fase da prática de ensino supervisionada realizadas na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara foram uma mais-valia na minha experiência pedagógica.

Em geral estas aulas correram positivamente, uma vez que foram dadas em grupo foi mais fácil não cometer alguns erros próprios da inexperiência docente. No entanto, apesar de menos erros cometidos comparativamente com a primeira etapa da prática de ensino supervisionada considero que ainda existe muito a aprender, tanto em relação à minha postura como em relação à minha conduta em sala de aula.

Durante as aulas, os alunos tiveram um comportamento favorável e participaram sempre que foi solicitado e quando consideraram pertinente. Os alunos demonstraram interesse e estiveram empenhados na realização das propostas de trabalho, atingindo resultados satisfatórios, mostrando que apreenderam os conteúdos abordados nas aulas e compreenderam o que era pretendido nas propostas dos exercícios.

Quanto à relação professor/aluno considero que mantive um óptimo relacionamento com a turma; tentei esclarecer todas as dúvidas colocadas; ajudei-os sempre que sentiram dificuldades em resolver um problema e incentivei-os quando achei necessário.

Adorei trabalhar com esta turma constituída por alunos trabalhadores e bastante educados que se empenham bastante na realização das tarefas e que possuem bastante gosto em aprender.

Durante estas aulas desenvolvi várias competências e aprendi bastante com os conselhos do professor cooperante Luís Silva, que me auxiliava bastante tanto em relação à postura e em sala de aula como em relação às planificações das aulas.

As competências que desenvolvi um pouco mais foram: a capacidade de comunicação, a capacidade de adaptação, o sentido de responsabilidade e de ética profissional, a autonomia, entre outras. Senti que as minhas aulas correram muito melhor neste segundo semestre e que melhorei bastante a nível da projecção de voz, atitude em sala de aula e organização dos conteúdos a lecionar. O que revela a minha evolução ao longo da prática de ensino supervisionada.

Concluindo, penso que, embora ainda tenha muito que aprender, quer em termos de postura, quer em termos da condução da própria aula, só com a experiência é que podemos melhorar o nosso desempenho em sala de aula.

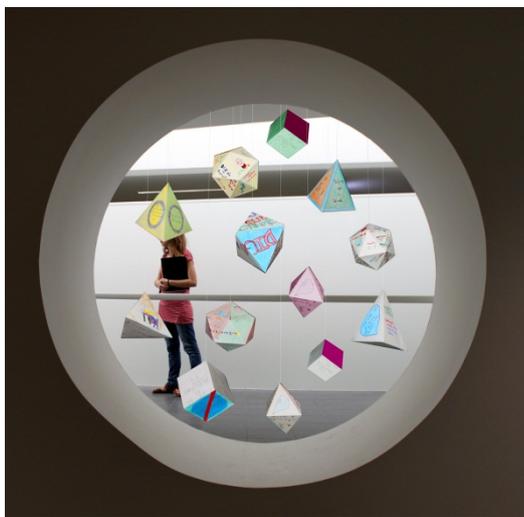
## 27.1. Análise do trabalho dos alunos

A humildade e sensibilidade destes alunos ficou patente nos seus trabalhos, sendo possível para nós, como professoras estagiárias, identificar esta sensibilidade através dos traços delicados representados nos seus desenhos.

O empenho da turma na realização das tarefas foi evidente, no entanto, provavelmente devido à tenra idade dos alunos, estes mostraram-se pouco autónomos na realização das tarefas, solicitando o nosso auxílio com bastante frequência. As suas dificuldades passavam essencialmente pela falta de criatividade na execução e resolução dos exercícios propostos, o que veio a ser confirmado por nós após a finalização dos trabalhos.

Os trabalhos realizados sobre o tema Bullying foram bastante satisfatórias, contudo os alunos mostraram não só a falta de alguma criatividade (como foi referido anteriormente), mas também pouco à vontade no uso da cor, uma vez que arriscaram pouco na sua exploração. Nos trabalhos realizados sobre o tema Arte Pública foram verificadas dificuldades ao nível do desenho geométrico, uma vez que os trabalhos apresentaram algumas imperfeições na representação dos sólidos.

Apesar das dificuldades apresentadas os alunos mostraram também algumas potencialidades ao nível do desenho e trabalharam com empenho e dedicação, revelando uma vontade incessante de aprender e um gosto enorme na realização das tarefas propostas.



**Imagem 24-** Projecto final (escola)



**Imagem 25-** Projecto final (castelo de Arraiolos)

## 28.AVALIAÇÃO

No que concerne à avaliação, neste semestre foi essencialmente formativa e sumativa, uma vez que não foi necessário fazer uma avaliação diagnóstica sobre os temas a lecionar. O professor Luís Silva facultou-nos a informação necessária acerca do conhecimento que os alunos possuíam dos temas, referindo que os alunos detinham já bastante conhecimento acerca do tema Bullying e desconheciam o tema Arte Pública. Foi então proposto pela professor orientador, que cada uma de nós (professoras estagiárias) avaliasse os trabalhos das suas aulas, tendo em conta, os critérios de avaliação adotados pela escola para avaliar os alunos na disciplina de Desenho A. De acordo com esses critérios de avaliação, cada uma de nós procedeu à seleção dos critérios adequados para a avaliação do trabalho realizado pelos alunos nas suas aulas. Após uma reflexão e escolha dos critérios apropriados para as aulas lecionadas foram seleccionados alguns critérios e elaboradas grelhas de avaliação com as percentagens devidas. Visto que se trataram de aulas que incidiram mais numa componente prática do que teórica, foi necessário avaliar o processo criativo, as técnicas utilizadas e os conceitos (ver apêndice 10).

À parte foi também realizada uma avaliação das atitudes e valores, em que foi também realizada uma grelha de avaliação (ver apêndice 11).

É de referenciar que a avaliação final no Ensino Básico é feita e apresentada segundo uma escala de níveis que vão do um (1) ao cinco (5), onde o nível 1 corresponde à denominação de Muito Insuficiente (MI); o nível 2 de Insuficiente (IS); o nível 3 de Suficiente (S); o nível 4 de Bom (B); e o nível 5 de Muito Bom (MB).

## 29.PROJETO DESENVOLVIDO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR



**Imagem 26-** Cartaz workshop Retrato

O projecto desenvolvido para os alunos da Escola Básica 2,3 Cunha Rivara foi a realização de um Workshop acerca do tema Retrato. Este Workshop foi realizado por mim e pela minha colega de estágio nos dias 17 e 18 de Maio e proporcionou aos alunos desta escola perceber mais acerca deste tema e realizar uma actividade bastante criativa.

Os alunos neste Workshop teriam de fazer uma representação visual deles mesmos, sem terem a preocupação de construir uma reprodução fotográfica, mas sim procurar que os seus auto-retratos revelassem um pouco das suas personalidades. (ver enunciado do exercício no apêndice 14)

No início do Workshop abordei o tema Retrato, dando algumas noções acerca das proporções do rosto, do retrato ao longo da história de arte e de alguns artistas que pintaram auto-retratos como Frida Kahlo, Albrecht Dürer e Vicent van Gogh. Os alunos ao longo desta primeira fase de exposição do tema fizeram variadíssimas perguntas, retirando muitas dúvidas acerca de todas estas questões.

Em relação à condução do Workshop penso que correu tudo como estava previsto, os alunos tiveram um comportamento exemplar, colaboraram e conseguiram concluir os seus auto-retratos com sucesso.



**Imagem 27-** Workshop Retrato



**Imagem 28-** Trabalhos dos alunos -workshop Retrato

### 30. ANÁLISE CRÍTICA DO ESTÁGIO

A prática de ensino supervisionada foi muito importante na minha formação enquanto estudante de Ensino de Artes visuais, pois permitiu-me desenvolver e transmitir conhecimentos através de uma primeira experiência prática de ensino-aprendizagem.

A importância da Prática na Formação Inicial de Professores é referida no documento de trabalho do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas sobre a Formação de Professores no Portugal de Hoje: “*A experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), pois tem de integrar uma componente prática e reflexiva*” (Alarcão, I. et. Al, 1997, p. 8).

A Prática de Ensino Supervisionada possibilitou-me fazer a junção entre a atividade teórica e a prática (realidade), tornando esta aprendizagem muito mais completa.

Contudo, apesar de todas estas mais-valias que a Prática de Ensino Supervisionada acarreta ao formando, considero que existem algumas falhas relativamente ao sistema de estágio. Na minha opinião deveriam existir mais aulas de preparação e adaptação antes do ato de avaliação em si, ou seja, antes das aulas supervisionadas.

Senti que tanto na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel em Estremoz, como na Escola Básica 2,3 Cunha Rivara em Arraiolos não tive muito tempo de preparação antes da atividade tão rigorosa e complexa que é a avaliação da minha conduta em sala de

aula. Senti que se tivesse tido a oportunidade de conhecer melhor as turmas, teria conseguido adotar melhores estratégias de ensino, e agir em prol das necessidades de cada um, tentando colmatar as suas principais dificuldades e enriquecer as suas potencialidades. No entanto, e tendo em conta o pouco tempo que temos de adaptação durante o estágio, penso que, consegui responder da melhor forma às necessidades dos alunos.

Durante a primeira fase da Prática de Ensino Supervisionada, no que concerne à orientação do professor cooperante Domingos Isabelinho penso que sempre prestou auxílio quando necessário, revelando ser não só um excelente profissional, mas também um excelente ser humano. É de referir o seu tempo dispensado em reuniões de grupo pertinentes após as aulas lecionadas pelo meu núcleo de estágio que permitiram a discussão e análise dos aspectos positivos e negativos das aulas, proporcionando a reflexão, e por conseguinte a aprendizagem.

Durante a segunda fase da Prática de Ensino Supervisionada, o apoio e orientação do professor cooperante da escola Luís Silva foi também uma mais-valia na minha aprendizagem. O professor prestou sempre o auxílio necessário, retirou dúvidas sempre que existiram e deu-nos sugestões relativamente a estratégias a adotar nas aulas. Assim como na primeira fase de estágio, nesta segunda fase tivemos também todo o apoio necessário para que as aulas decorressem da melhor forma.

Alusivamente à cooperação com a minha colega em estágio, houve uma grande entreajuda tanto durante a preparação das aulas como durante as aulas lecionadas. O seu apoio foi fundamental nas duas fases da Prática Pedagógica.

Relativamente ao trabalho realizado com as duas turmas, foi gratificante, apesar de algumas dificuldades demonstradas, todos conseguiram realizar os exercícios propostos. É de referir a falta de conhecimentos e as grandes dificuldades demonstradas na técnica do desenho, principalmente na turma do 12º ano.

Em relação às minhas dificuldades durante o estágio, penso que ocorreram sobretudo devido à minha falta de experiência, passando sobretudo por dificuldades ao nível da projecção de voz, postura e condução da aula. Contudo é com os erros que aprendemos, e eu aprendi bastante através destes e das sugestões dadas pelos professores ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.

Penso que consegui ultrapassar as minhas dificuldades iniciais e evoluir bastante durante o estágio, por isso faço um balanço positivo desta minha primeira experiência pedagógica.

### 31. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do presente relatório da prática de ensino supervisionada para obtenção do grau de mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e Secundário, posso concluir que este período de estágio foi um percurso que me proporcionou grandes aprendizagens e me preparou para o ingresso na carreira docente. Através deste tive a oportunidade de aprender com profissionais competentes e em simultâneo tentar levar a cabo, alguns aspetos da minha filosofia de ensino, cujo grande objetivo vai ao encontro do grande objetivo da educação: Formar pessoas responsáveis pelos seus atos e capazes de assumir essa responsabilidade.

Apesar do tempo reduzido de estágio e da minha reduzida permanência com cada turma das diferentes escolas, tentei sempre agir diante dos alunos de forma exemplar e motivá-los para a aprendizagem. Contudo, só fazendo uma reflexão acerca da minha passagem por esta experiência e acerca das dificuldades enfrentadas, consegui aprender o que realmente é ser professor.

Aprendi que um bom professor de Artes visuais não é apenas aquele que transmite os conteúdos programáticos na sala de aula, mas sim aquele que desperta a curiosidade nos alunos e estimula a sua vontade de saber mais. O professor de Artes visuais deve encaminhar o ensino *«por uma exploração multiforme das motivações humanas intrínsecas como a necessidade de experimentação, a descoberta e a reconstrução criativa.»* (Mendonça. et.al, 2008, pg. 250).

Aprendi também que um bom professor deve conhecer os seus alunos. Para este conhecimento a capacidade de escuta e empatia tornam-se fundamentais *«A sala de aula é um espaço privilegiado de interacção social»* (Santos. J, 2008, pg.2), o professor deve ouvir os seus alunos e responder às suas necessidades da forma mais correcta, considerando sempre o educando o centro do processo educativo.

O docente tem de ganhar consciência que o aluno é um ser complexo e em permanente transformação devido à influência do meio, onde cabem a escola, a família, os colegas e os amigos. Os alunos recebem influências agradáveis ou desagradáveis, podem sentir-se motivados ou desinteressados, atuarem com raiva ou paixão, encherem-se de tédio, distraírem-se ou concentrarem-se. O professor ao ser sensível em relação à percepção destas reacções, consegue orientar a sua conduta, interferindo com o colectivo da turma e atuando, se for preciso, com os alunos individualmente de forma a proceder de uma forma adequada que minimize o insucesso.

*“Quanto mais amplo for o entendimento do mundo dos alunos para além da sua disciplina curricular, mais as hipóteses de ser bem sucedido nos seus objetivos dentro das paredes da sala de aula”* (Duarte,M., 2000, pg.132).

Em relação à medição do sucesso/insucesso escolar, posso referir que também adquiri bastantes conhecimentos. Para combater o insucesso escolar sentido nas turmas das diferentes escolas em estágio é necessário, para além do entendimento aprofundado de cada aluno, como foi referido anteriormente, dar resposta também de forma sincera e determinada a algumas questões. Pretende-se que a maioria da turma obtenha resultados positivos ou fica-se satisfeito quando existe um ou dois alunos com excelentes resultados e o restante cenário é desolador? Cuida-se de alunos que vindos com negativas em anos anteriores as poderão superar ou persiste-se em rotular os alunos como incapazes numa dada área?

Estas são questões que podem ser dissipadas pelos docentes, mas que no panorama atual das escolas ainda se encontram por resolver. Durante a Prática de Ensino Supervisionada deparei-me com alunos com excelentes resultados mas em contrapartida existiam bastantes com resultados desoladores, o que me fez pensar em todas estas questões e nas suas resoluções, fazendo de mim uma professora estagiária muito mais consciente e motivada, no sentido de alcançar o sucesso escolar dos alunos.

Posto isto, ao concluir este relatório da prática de ensino supervisionada deparei-me com a interiorização de um desmedido conjunto de aprendizagens, que me levaram a progredir bastante não só como futura profissional como também na minha vida pessoal.

*«Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender»*

(In Paulo Freire, 1996, pg. 25, citado por Formosinho.J, 2002)

### 32.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (2000) *Retrato: Rosto e Expressões* Manuais PET (1ª edição). Lisboa: Plátano Edições.

*Albert Einstein, frases famosas e pensamentos célebres* (s.d.). Consultado a 3 de Maio de 2012, disponível em <http://www.eurooscar.com/Frases2/frases-de-albert-einstein-2.htm>

Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*.Lisboa: McGraw-Hill

Bahia, A. & Vargas, A. (s.d.) *Rembrandt*. Consultado a 13 de Janeiro de 2012, disponível em [http://www.casthalia.com.br/a\\_mansao/obras/rembrandt\\_autoretrato.htm](http://www.casthalia.com.br/a_mansao/obras/rembrandt_autoretrato.htm).

Barbosa, P. (2011) *Melancolia e Questões Estéticas: Georgio De Chirico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de S. Paulo.

Calderón, A. (1996) *Como Desenhar Retratos* (1ª edição) Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Departamento da Educação Básica (s.d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais* (pp.149) Ministério da Educação. Lisboa.. Consultado em 20 de Maio de 2012. Disponível em <http://esna.ccbi.com.pt/file.php/1/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>

Duarte, M. (2000) *Alunos e insucesso escolar, Um mundo a descobrir*. (1ªedição) Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Formosinho, J. (2002) *A Supervisão na Formação de Professores I, Da Sala à Escola* (1º volume). Porto: Porto editora.

- França, J. (2010) *O Retrato na Arte Portuguesa* (2ª edição revista e aumentada). Lisboa: Livros horizonte.
- Gil, J. (1997) *Metamorfoses do corpo*. (1ª edição) Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Gil, J. (2005) «*Sem Título*»: *Escritos sobre Arte e Artistas* (2ª edição). Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Guimarães, A. (2010) Auto-retrato. (Consultado a 14 de Janeiro de 2012, disponível em <http://rafabee.wordpress.com/category/auto-retrato/>).
- Júnior, B. (s.d.) *Frida Kahlo*. (Consultado a 15 de Janeiro de 2012, disponível em [http://obviousmag.org/archives/2005/02/frida\\_kahlo.html](http://obviousmag.org/archives/2005/02/frida_kahlo.html)).
- Lhote, J., Hayes, J., Gil, J., Sobral, L. & Silva, R. (2000) *Ar Arte do Retrato: Quotidiano e circunstância* (1ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendonça, Alice, Bento, António. (2008) *Educação em Tempo de Mudança*. 1ª ed. Madeira: Grafimadeira
- Parsons, M. (1992) *Compreender a Arte* (1ª edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Ramos, A. (2010) *Retrato: O desenho da presença* (1ª edição). Lisboa: Campo de Comunicação.
- Rembrandt Harmenszoon Van Rijn: Autorretratos*. (s.d.) (Consultado a 13 de Janeiro de 2012, disponível em <http://www.sabercultural.com/template/obrasCelebres/Rembrandt-autorretratos.html>).
- Santos, J. (2008). *Valores e deontologia docente. Um estudo empírico*, *Revista Iberoamericana de Educación* ISSN:1681-5653 n°47/2 (2), 2-14.

Silva, A. (2001) *Matemática e pintura: Dürer*. (Consultado a 10 de Janeiro de 2012, disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/durer/index.htm>).

Silva, H.(s.d.) *Auto-Retrato e ensino: A experimentação como processo de planejamento* (Consultado a 14 de Janeiro de 2012, disponível em [http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/11eraea/relatos\\_pesquisa/AUTO\\_RETRATO\\_E\\_ENSINO\\_A\\_EXPERIMENTACAO\\_COMO\\_PROCESSO\\_DO\\_PLANEJAMENTO.pdf](http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pdf/11eraea/relatos_pesquisa/AUTO_RETRATO_E_ENSINO_A_EXPERIMENTACAO_COMO_PROCESSO_DO_PLANEJAMENTO.pdf)).

Vicente, L. (2004) *Van Gogh-"Auto-Retrato"*. (Consultado a 14 de Janeiro de 2012, disponível em <http://memoriavirtual.net/2004/09/03/van-gogh-auto-retrato-2/>)

# Apêndices

## Apêndice 1 - Planificações



Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

Ano lectivo 2011/2012

DESENHO A 12º ANO 1º Período

PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO

Competências específicas	Conteúdos	Objectivos	Avaliação	Recursos	Calendarização
<p>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</p> <p>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</p> <p>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</p> <p>- Desenvolver a capacidade estética</p> <p>- Promover métodos de trabalho individual.</p> <p>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</p>	<p><u>1.Materiais:</u></p> <p>1.1.Suportes: papéis e outras matérias.</p> <p>1.2.Meios actuantes: riscadores, aquosos e seus formatos.</p> <p><u>2.Procedimentos:</u></p> <p>2.2.Técnicas</p> <p>2.2.1.Modos de registo</p> <p><u>3.Ensaios:</u></p> <p>3.1.Processos de análise</p> <p>3.1.1.Proporções do rosto – <del>Retrato</del> - Caricatura</p> <p>3.1.2. Estudo da Figura Humana</p> <p>3.2.Processos de síntese</p> <p>Transformação gráfica:</p> <p>3.2.1.Sobreposição</p> <p>3.2.2. Invenção no processo de criação (surrealismo).</p>	<p>-Explorar <del>diferentes</del> <del>materiais</del>, adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação com abertura a novos desafios e ideias.</p> <p>- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</p> <p>-Utilizar fluentemente metodologias planificadas com iniciativa e autonomia.</p>	<p>Avaliação diagnóstica: Ficha diagnóstica</p> <p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>1º Período</p> <p>7 aulas.</p>

Tema: Estudo das formas naturais (Corpo Humano) - Retrato

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<p>-Observação e registo com elevado poder de análise</p> <p>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</p> <p>-Concepção de mensagens criativas</p> <p>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</p> <p>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</p> <p>- Desenvolver a capacidade estética</p> <p>- Promover métodos de trabalho individual.</p> <p>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</p>	<p><b>1.Proporções do rosto</b></p> <p><b>2. Retrato</b></p> <p>2.1. Caricatura</p> <p><b>3.Materiais</b></p> <p>3.1. Suportes: papéis e outras matérias.</p> <p>3.2. Meios actuantes: riscadores (grafite)</p> <p><b>4. Procedimentos</b></p> <p>4.1. Técnicas</p> <p>4.1.1. Modos de registo</p> <p>Misto: combinações entre traço e mancha.</p> <p>4.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Desenvolvimento da caricatura de uma figura da actualidade.</p>	<p>Avaliação diagnóstica: Ficha diagnóstica</p> <p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>10:30 min</b></p> <p>Início da aula: Apresentação e descrição do tema da aula.</p> <p><b>10:35 min</b></p> <p>Entrega da ficha diagnóstica: proporções do rosto.</p> <p><b>10:40 min</b></p> <p>Apresentação em <del>power point</del>: -<u>Retrato</u> ao longo da História</p> <p>-Acentuação e Deformação</p> <p>- Caricatura</p> <p><b>10:50 min</b></p> <p>Início da actividade: Caricatura</p> <p><b>11:50 min</b></p> <p>Arrumo do material</p> <p><b>11:55 min</b></p> <p>Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none"><li>-Observação e registo com elevado poder de análise</li><li>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</li><li>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</li><li>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</li><li>- Desenvolver a capacidade estética</li><li>- Promover métodos de trabalho individual.</li><li>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</li></ul>	<p><b>1. Estudo da Figura Humana</b></p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: papéis e outras matérias.</p> <p>2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china,..)</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo</p> <p>Misto: combinações entre traço e mancha.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese</p> <p>transformação.</p>	<p>Representação da figura humana tomando um aluno como modelo.</p> <p>Apontar os eixos estruturais, nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica.</p> <p>Verificação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.</p> <p>Representar com maior acuidade os pormenores e extremidades, tais como as mãos, pés e cabeça.</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>14:00 min</b> Início da aula: Apresentação de um pequeno vídeo relacionado com o tema da aula.</p> <p><b>14:05 min</b> Apresentação em <u>Powerpoint</u> do tema: A Figura Humana.</p> <p><b>14:15 min</b> Início do exercício.</p> <p><b>15:20 min</b> Arrumo do material.</p> <p><b>15:25 min</b> Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none"><li>-Observação e registo com elevado poder de análise</li><li>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</li><li>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</li><li>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</li><li>- Desenvolver a capacidade estética</li><li>- Promover métodos de trabalho individual.</li><li>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</li></ul>	<p><b>1. Estudo da Figura Humana</b></p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro.)</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – realismo, expressionismo e cubismo.</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>14:00 min</b> Início da aula: Apresentação de um vídeo sobre os alguns movimentos artísticos (expressionismo e cubismo).</p> <p><b>14:05 min</b> Proposta de exercício e breve explicação sobre o mesmo.</p> <p><b>14:10 min</b> Início do exercício.</p> <p><b>15:20 min</b> Arrumo do material.</p> <p><b>15:25 min</b> Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none"><li>-Observação e registo com elevado poder de análise</li><li>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</li><li>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</li><li>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</li><li>- Desenvolver a capacidade estética</li><li>- Promover métodos de trabalho individual.</li><li>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</li></ul>	<p><b>1. Estudo da Figura Humana</b></p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuaentes: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro.)</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – naturalismo, expressionismo e cubismo. (Continuação)</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>10:25 min</b> Início da aula</p> <p><b>10:30 min</b> Revisão da aula anterior</p> <p><b>10:35 min</b> Continuação do exercício da aula anterior.</p> <p><b>11:50 min</b> Arrumo do material.</p> <p><b>11:55 min</b> Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none"><li>-Observação e registo com elevado poder de análise</li><li>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</li><li>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</li><li>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</li><li>- Desenvolver a capacidade estética</li><li>- Promover métodos de trabalho individual.</li><li>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</li></ul>	<p><b>1. Estudo da Figura Humana</b></p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuantes: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro...)</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – naturalismo, expressionismo e cubismo. (Continuação)</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>10:25 min</b> Início da aula</p> <p>-Continuação do exercício da aula anterior.</p> <p><b>11:50 min</b> Arrumo do material.</p> <p><b>11:55 min</b> Final da aula.</p>



+ Tema: Transformação gráfica - sobreposição

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none"><li>-Observação e registo com elevado poder de análise</li><li>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</li><li>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</li><li>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</li><li>- Desenvolver a capacidade estética</li><li>- Promover métodos de trabalho individual.</li><li>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</li></ul>	<p><b>1. Transformação gráfica - sobreposição</b></p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: folhas A3</p> <p>2.2. Meios actuates: riscadores -grafite</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo</p> <p>3.2. Processos de síntese: transformação gráfica.</p>	<p>Desenho à vista – Representação de objectos - Natureza-morta</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>13:55 min</b> Início da aula</p> <p>Apresentação do PowerPoint: Natureza-Morta.</p> <p><b>14:10 min</b> Início do exercício - Desenho à vista de objectos.</p> <p><b>15:20 min</b> Arrumo do material</p> <p><b>15:25 min</b> Final da aula</p>



Tema: Transformação gráfica – Invenção no processo de criação

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<p>-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação</p> <p>- Desenvolver a consciência histórica e cultural</p> <p>- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação</p> <p>- Desenvolver a capacidade estética</p> <p>- Promover métodos de trabalho individual.</p> <p>-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.</p>	<p><b>1. Transformação gráfica</b> – invenção no processo de criação (surrealismo)</p> <p><b>2. Materiais</b></p> <p>2.1. Suportes: folhas A3</p> <p>2.2. Liberdade de meios actuantes: riscadores, aquosas e seus formatos.</p> <p><b>3. Procedimentos</b></p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com as obras de outros artistas.</p> <p>3.2. Processos de síntese: transformação gráfica.</p>	<p>Elaboração de uma composição inspirada no movimento surrealista, a partir da observação de um objecto (natureza-morta).</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p><b>10:25 min</b> Início da aula</p> <p><b>10:30 min</b> Apresentação do <b>powerpoint</b> Natureza-morta</p> <p><b>10:45 min</b> <b>Início do exercício:</b> Realização de uma composição surrealista a partir de um objecto.</p> <p><b>11:50 min</b> Arrumo do material.</p> <p><b>11:55 min</b> Final da aula.</p>

## Apêndice 2- Ficha diagnóstica



Escola Secundária Rainha S. Isabel – ESTREMOZ

Ano Lectivo 2011/2012

12º Ano - Desenho A

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Leonardo Da Vinci dizia que “*maravilha da natureza é, que dois rostos coincidam*”.

Marque com um X a resposta correcta. Quando desenhamos um rosto:

1- Os olhos encontram-se a meio da altura do eixo de simetria:

- a) Verdadeiro      b) Falso

2- A distância entre os olhos é igual:

- a) À largura de um deles      b) À largura da orelha      c) Ao comprimento da boca

5- A largura do nariz (na parte inferior) é semelhante à do olho:

- a) Verdadeiro      b) Falso, é maior      c) Falso, é menor

6- A boca situa-se no módulo inferior a um  $\frac{1}{3}$  de distância entre o queixo e o nariz.

- a) Verdadeiro      b) Falso, a  $\frac{2}{3}$       c) Falso a  $\frac{3}{3}$

7- Qual o objectivo do retrato (desenho do rosto)?

- a) Captar apenas aspectos formais e de volume do modelo  
b) Captar aspectos formais e de volume e aspectos de carácter do modelo

8- Descreve o retrato de Annibale Carracci, “Retrato de um rapaz”, em três palavras:



---

---

---

## Apêndice 3- Enunciado do exercício (Surrealismo)

 <p>Escola Secundária da Rainha S. Isabel – Estremoz</p> <p>Ano Lectivo 2011/2012</p> <p>12ºAno-Desenho A</p>	2011/12
--	---------

### Exercício:

-Invenção no processo de criação

**Salvador Dalí deu uma cara nova ao tema “natureza – morta” e fez o mundo pensar: dá para ser diferente!**

Observa o objecto atentamente:

Inspirado no movimento surrealista representa a natureza-morta observada de uma forma criativa. Elabora uma composição impossível e irracional explorando o mundo do sonho e do inconsciente.

(Ex: Deforma o objecto, muda-lhe o contexto, cria-lhe um cenário diferente, etc...)

Material: Livre

Sê criativo.

Boa sorte

Boas Festas!

Vânia Silva

## Apêndice 4- Critérios de avaliação: competências e saberes

### Critérios de Avaliação

Exercício Aula 1- Caricatura

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	130	140	100	160
A2	170	150	150	130
A3	110	130	150	170
A4	150	130	140	140
A5	100	150	100	120
A6	130	130	110	190
A7	130	160	140	170
A8	110	160	130	160
A9	150	130	130	120
A10	160	130	140	120
A11	120	130	130	130
A12	110	130	130	120
A13	170	130	140	170

Desenho Caricatura

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	52	28	30	16	126	13
A2	68	30	45	13	156	16
A3	44	26	45	17	132	13
A4	60	26	42	14	142	14
A5	40	30	30	12	112	11
A6	52	26	33	19	130	13
A7	52	32	42	17	143	14
A8	44	32	39	16	131	13
A9	60	26	39	12	137	13
A10	64	26	42	12	144	14
A11	48	26	39	13	126	13
A12	44	26	39	12	121	12
A13	68	26	42	17	153	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação - modos de registo: Traço, mancha e misto 80

CA2: Concepção de mensagens criativas 40

CA3: Deformação/ Acentuação das principais características 60

CA4: Rigor e limpeza 20

Exercício Aula 2- Representação da  
figura humana

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	120	120	100	160
A2	140	130	140	130
A3	100	120	140	170
A4	140	100	140	140
A5	100	140	100	120
A6	140	120	110	180
A7	130	160	140	170
A8	110	160	140	170
A9	140	130	120	120
A10	150	130	120	120
A11	140	100	100	130
A12	110	130	130	130
A13	160	140	120	160

Representação da figura humana

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	48	36	20	16	120	12
A2	56	39	28	13	136	14
A3	40	36	28	17	121	12
A4	56	30	28	14	128	13
A5	40	42	20	12	114	11
A6	56	36	22	18	132	13
A7	52	48	28	17	145	15
A8	40	48	28	16	132	13
A9	56	39	24	12	131	13
A10	60	39	24	13	136	14
A11	56	30	20	13	119	12
A12	44	39	26	13	122	12
A13	64	42	24	16	146	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação - modos de registo: Traço, mancha e misto.	80
CA2: Representação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.	60
CA3: Fidelidade ao real.	40
CA4: Rigor e limpeza	20

Exercício Aula 3,4 e 5- Realismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1				
A2				
A3	120	130	130	180
A4	120	110	120	170
A5	120	120	120	150
A6	120	120	110	180
A7	120	100	100	180
A8	100	90	100	170
A9	100	110	100	170
A10	100	110	110	170
A11	110	110	110	180
A12	110	120	110	170
A13	160	120	140	180

Desenho Realismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1						
A2						
A3	30	52	32,5	18	132,5	13
A4	30	44	30	17	121	12
A5	30	48	30	15	123	12
A6	30	48	27,5	18	123,5	13
A7	30	40	25	18	113	11
A8	25	36	25	17	103	10
A9	25	44	25	17	111	11
A10	25	44	27,5	17	113,5	11
A11	27,5	44	27,5	18	117	11
A12	27,5	48	27,5	17	120	12
A13	40	48	35	18	141	14

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação

50

CA2:Fidelidade ao real (Realismo)

80

CA3: Aplicação correta do claro-escuro (sombas)

50

CA4:Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 3,4 e 5-  
Expressionismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1				
A2				
A3	130	100	100	170
A4	130	120	80	180
A5	100	130	120	180
A6	130	130	150	180
A7	120	120	110	180
A8	130	110	110	180
A9	100	90	90	180
A10	130	110	130	180
A11	120	100	120	180
A12	120	110	150	180
A13	100	120	100	180

Desenho Expressionismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1						
A2						
A3	32,5	25	40	17	114,5	11
A4	32,5	30	32	18	112,5	11
A5	25	32,5	48	18	123,5	12
A6	32,5	32,5	60	18	143	14
A7	30	30	44	18	122	12
A8	32,5	27,5	44	18	122	12
A9	25	22,5	36	18	101,5	10
A10	32,5	27,5	52	18	130	13
A11	30	25	48	18	121	12
A12	30	27,5	60	18	135,5	14
A13	25	30	40	18	113	11

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação

50

CA2: Concepção de mensagens criativas

50

CA3: Fidelidade às características do Expressionismo

80

CA4: Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 3,4 e 5-Cubismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1				
A2				
A3	120	130	120	180
A4	130	140	120	180
A5	130	140	130	180
A6	130	110	110	180
A7	120	100	110	180
A8	110	90	90	180
A9	110	90	90	180
A10	120	100	100	180
A11	130	130	130	180
A12	120	100	100	180
A13	130	120	110	180

Desenho Cubismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1						
A2						
A3	30	32,5	48	18	128,5	13
A4	32,5	35	48	18	133,5	13
A5	32,5	35	52	18	137,5	14
A6	32,5	27,5	44	18	122	12
A7	30	25	44	18	117	11
A8	27,5	22,5	36	18	104	10
A9	27,5	22,5	36	18	104	10
A10	30	25	40	18	113	11
A11	32,5	32,5	52	18	135	14
A12	30	25	40	18	113	11
A13	32,5	30	44	18	124,5	12

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação

50

CA2: Concepção de mensagens criativas

50

CA3: Fidelidade às características do Cubismo

80

CA4: Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 7- Natureza  
morta- Surrealismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	100	140	140	170
A2	130	130	100	160
A3	160	150	150	140
A4	110	120	120	170
A5	120	140	140	150
A6	160	140	140	150

Desenho Natureza-morta Surrealismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	25	35	56	17	133	13
A2	32,5	32,5	40	16	121	12
A3	40	37,5	60	14	151,5	15
A4	27,5	30	48	17	122,5	12
A5	30	35	56	15	136	14
A6	40	35	56	15	146	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correcção e adequação

50

CA2: Fidelidade às características do Surrealismo

50

CA3: Transmissão de mensagens criativas

80

CA4: Rigor e limpeza

20

## Apêndice 5- Critérios de Avaliação: Atitudes e Valores

### Critérios de Avaliação aula 1- Caricatura

27/10/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	EX	SB	S	SB	S	SB
A2	SB	EX	EX	S	S	S
A3	SB	SB	S	SB	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	S	S	SB	EX
A6	SB	SB	S	S	SB	SB
A7	EX	S	S	SB	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	S	S	S	S	SB	SB
A11	S	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 2- Representação da figura humana

02/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	EX	SB	S	S	SB	S
A2	EX	EX	EX	S	SB	S
A3	SB	SB	S	SB	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	SB	S	SB	EX
A6	SB	SB	SB	S	SB	SB
A7	EX	S	S	S	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 3- Representação do retrato/Realismo

09/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	SB	S	S	S	S
A2	SB	S	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	S	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	S	S	SB	SB
A6	SB	SB	S	S	SB	SB
A7	SB	S	S	S	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	S	S	SB	SB	SB
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 4- Representação do retrato/Expressionismo

10/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	EX	SB	S	S	S	SB
A2	EX	SB	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	S	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	EX	SB	S	SB	S
A6	SB	SB	S	S	SB	EX
A7	SB	S	S	S	S	SB
A8	S	S	SB	SB	S	SB
A9	SB	SB	S	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	SB	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	EX	S	S	SB	SB	SB
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 5- Representação do retrato/ Cubismo

17/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	S	S	S	S	SB
A2	SB	S	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	S	EX	S	S	SB	SB
A6	SB	SB	S	SB	SB	SB
A7	SB	S	S	S	S	SB
A8	S	S	SB	S	S	SB
A9	SB	SB	S	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	SB	SB	S
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	EX	SB	SB	SB	SB	S
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

Cr terios de Avalia o Aula 6- Natureza-morta

07/12/2011

12�ano Turma F	Dom�nios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participa�o	Responsabilidade	Autonomia	Coopera�o
A1	EX	SB	S	SB	S	SB
A2	EX	SB	S	SB	S	S
A3	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A4	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A5	SB	SB	S	SB	SB	SB
A6	S	SB	S	S	SB	SB
A7	S	S	S	SB	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	S	S	S	SB	SB	SB
A11	S	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco    NS- N o Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

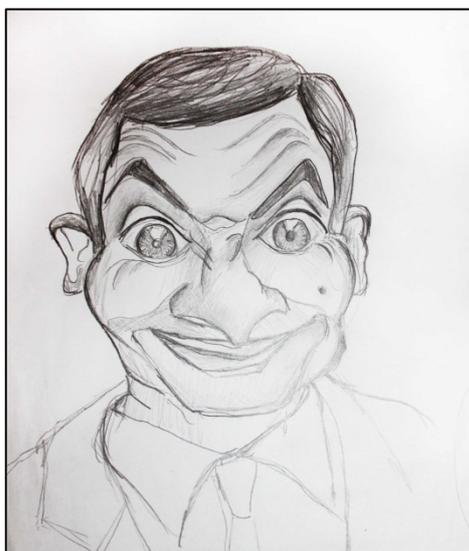
Critérios de Avaliação Aula 7- Natureza-morta/ Surrealismo

14/12/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	SB	S	EX	S	EX
A2	SB	SB	S	S	S	S
A3	EX	SB	EX	EX	S	S
A4	SB	SB	SB	SB	SB	EX
A5	SB	SB	SB	SB	S	SB
A6	SB	S	S	S	SB	S
A7	S	S	SB	SB	S	EX
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	S	S	S	S	SB	EX
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

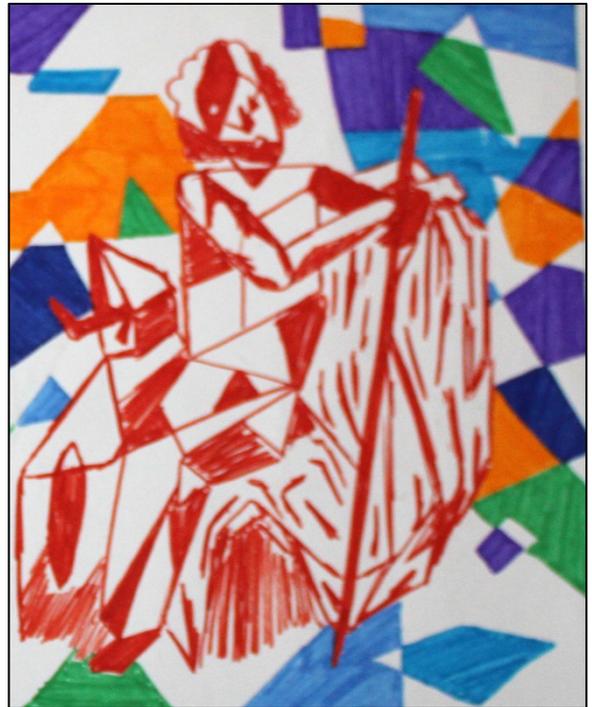
F- Fraco    NS- Não Satisfaz    S- Satisfaz    SB- Satisfaz Bastante    EX- Excelente

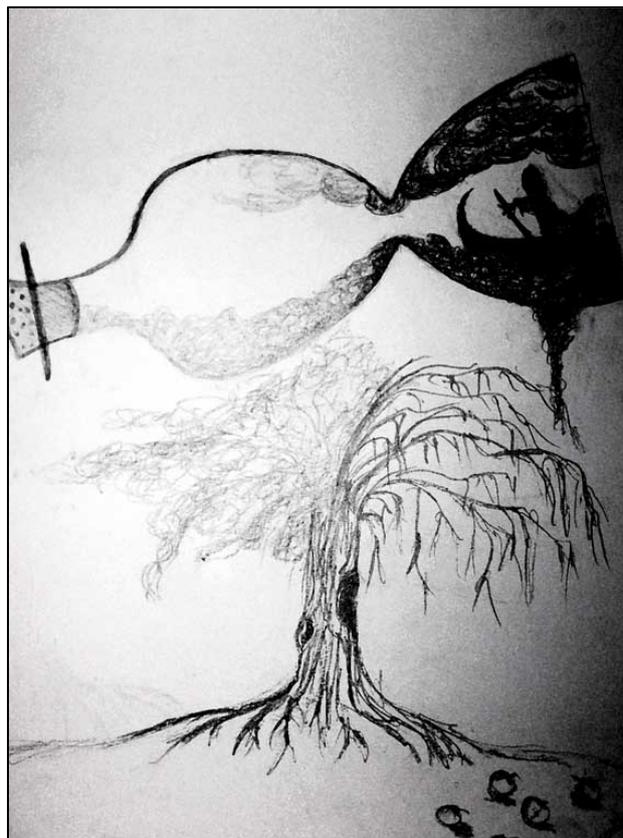
## Apêndice 6- Trabalhos realizados pelos alunos



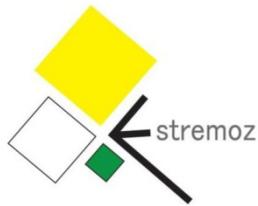
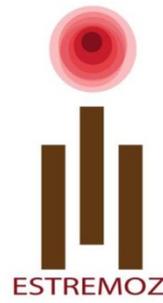








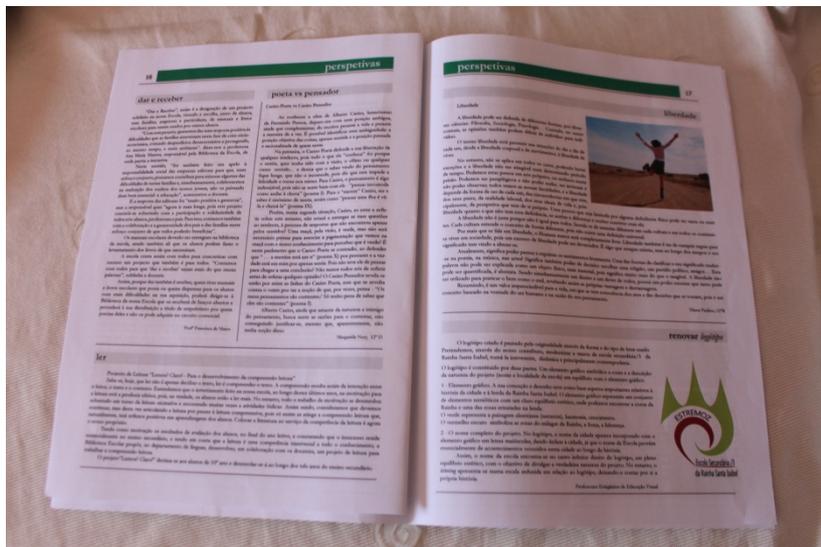
## Apêndice 7- Projeto para a Comunidade Escolar





Escola Secundária /3 da Rainha Santa Isabel

Escola Secundária /3 da Rainha Santa Isabel



## Apêndice 8-Planificações

Plano de Aula 1 - 11/04/2012

Sala - EDV    Início 11.45h / Término 13.15h

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p><b>Comunicação visual:</b> Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. <b>Elementos da forma:</b> Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p><b>Geometria no espaço</b> Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p><b>Comunicação</b> Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p><b>Forma</b> Percepção visual da forma</p> <p><b>Luz/Cor</b> A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Observação de diferentes sólidos</p> <p>Atividade a desenvolver: Concepções de planificações de poliedros regulares</p>	<p>Computador</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento inter-pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Material necessário para a atividade:</b> -Cartolina branca -Régua -Tesoura -Meios atuantes riscadores: grafite.</p>	<p><b>11:45 min</b> Início da aula</p> <p><b>11:50 min</b> Explicação do que são poliedros regulares e irregulares</p> <p><b>12:00 min</b> Início da atividade</p> <p><b>13:15 min</b> Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p><b>Comunicação visual:</b> Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. <b>Elementos da forma:</b> Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p><b>Geometria no espaço</b> Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p><b>Comunicação</b> Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p><b>Forma</b> Percepção visual da forma</p> <p><b>Luz/Cor</b> A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Atividade a desenvolver: Concepções de planificações de poliedros regulares</p>	<p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento inter-pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Material necessário para a atividade:</b> -Cartolina branca -Régua -Tesoura -Meios atuantes riscadores: grafite.</p>	<p><b>11:45 min</b> Início da aula</p> <p><b>11:50 min</b> Continuação da actividade da aula anterior</p> <p><b>13:15 min</b> Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p><b>Comunicação visual:</b> Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. <b>Elementos da forma:</b> Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p><b>Geometria no espaço</b> Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p><b>Comunicação</b> Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p><b>Forma</b> Percepção visual da forma</p> <p><b>Luz/Cor</b> A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Bullying.</p> <p>Atividade a desenvolver: Conceção de mensagens criativas e de sensibilização inscritas sobre um poliedro regular previamente planificado.</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento inter-pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Material necessário para a atividade:</b> -Planificação de um sólido em cartolina; -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.; -Cola.</p>	<p><b>12:30 min</b> Início da aula</p> <p><b>12:35 min</b> Exposição do tema com visualização de um Power Point</p> <p><b>12:50 min</b> Início da atividade</p> <p><b>14:15 min</b> Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p><b>Comunicação visual:</b> Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. <b>Elementos da forma:</b> Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p><b>Geometria no espaço</b> Representação de Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares em diferentes espaços.</p> <p><b>Forma</b> Percepção visual da forma</p> <p><b>Luz/Cor</b> A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Arte Pública</p> <p>Atividade a desenvolver: Esboço de um espaço da vila de Arraiolos inserindo os vários poliedros desenvolvidos pela turma na aula anterior.</p>	<p>Computador</p> <p>Projetor</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento inter-pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Material necessário para a atividade:</b> - Folha A4 -Papel Vegetal -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.;</p>	<p><b>14:25 min</b> Início da aula</p> <p><b>14:30 min</b> Exposição do tema com visualização de um Power Point</p> <p><b>14:45 min</b> Início da atividade</p> <p><b>15:40 min</b> Quiz de aprendizagem</p> <p>Inquérito/Avaliação da unidade</p> <p><b>15:55 min</b> Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p><b>Comunicação visual:</b> Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. <b>Elementos da forma:</b> Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p><b>Geometria no espaço</b> Representação de Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares em diferentes espaços.</p> <p><b>Forma</b> Percepção visual da forma</p> <p><b>Luz/Cor</b> A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Arte Pública</p> <p>Atividade a desenvolver: Esboço de um espaço da vila de Arraiolos inserindo os vários poliedros desenvolvidos pela turma na aula anterior.</p>	<p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento inter-pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p><b>Material necessário para a atividade:</b> - Folha A4 -Papel Vegetal -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.;</p>	<p><b>11:45 min</b> Início da aula</p> <p><b>11:50 min</b> Continuação do exercício da aula anterior</p> <p><b>13:15 min</b> Final da aula</p>

## Apêndice 9- Questionário aos alunos

### Questionário

Aula 15/05/12

Este questionário é realizado com a finalidade de dar a conhecer ao docente o resultado das aulas de hoje, para que melhor possam trabalhar em conjunto. Por esse motivo, responde atentamente às questões:

Como achas que as aulas de hoje contribuíram para a tua aprendizagem?

---

---

O que gostaste mais?

---

---

O que gostaste menos?

---

---

Comenta os exercícios práticos.

---

---



Obrigada

Até quarta-feira!

## Apêndice 10- Critérios de avaliação- Competências e saberes

### Projeto Arte Pública

	CA1	CA2	CA3	CA4	CA5	Final
<b>A1</b>	55%-11	60%-12	58%- 11.6	62%- 18.6	60%- 6	59.2 - 3
<b>A2</b>	60%-12	60%-12	59%- 11.8	58%- 17.4	70%- 7	60.2- 3
<b>A3</b>	40%- 8	53%- 10.6	55%- 11	51%- 15.3	65%- 6.5	51.4- 3
<b>A4</b>	51%- 10.2	54%- 10.8	53%- 10.6	55%- 16.5	60%- 6	54.1- 3
<b>A5</b>	70%-14	73%- 14.6	72%- 14.4	70%- 21	80%- 8	72- 3
<b>A6</b>	92%- 18.4	90%- 18	89%- 17.8	85%- 25.5	98%- 9.8	89.5- 5
<b>A7</b>	75%- 15	70%- 14	73%- 14.6	72%- 21.6	80%- 8	73.2- 3
<b>A8</b>	53%- 10.6	56%- 11.2	60%- 12	58%- 17.4	60%- 6	57.2- 3
<b>A9</b>	47%- 9.4	45%- 9	55%- 11	48%- 14.4	60%- 6	49.8- 3
<b>A10</b>	75%- 15	78%- 15.6	80%- 16	77%- 33.1	80%- 8	87.7- 4
<b>A11</b>	70%- 14	69%- 13.8	65%- 13	68%- 20.4	70%- 7	68.2- 3
<b>A12</b>	50%- 10	56%- 11.2	55%- 11	57%- 17.1	60%- 6	55.3- 3
<b>A13</b>	63%- 12.6	64%- 12.8	62%- 12.4	63%- 18.9	70%- 7	63.7- 3
<b>A14</b>	69%- 13.8	72%-14.4	63%- 12.6	63%- 18.9	70%- 7	66.7- 3
<b>A15</b>	84%- 16.8	86%-17.2	80%- 16	83%- 24.9	90%-9	83.9- 4
<b>A16</b>	52%- 10.4	55%- 11	60%-12	53%- 15.9	60%-6	53.3- 3
<b>A17</b>	33%- 6.6	45%- 9	46%- 9.2	44%- 13.2	60%-6	44- 2
<b>A18</b>	68%- 13.6	70%-14	72%- 14.4	71%- 21.3	80%-8	73.3- 3
<b>A19</b>	73%- 14.6	70%-14	72%- 14.4	74%- 22.2	80%- 8	73.2- 3

CA1: Saber executar processualmente os traçados geométricos (planificação de poliedro regular)..... 20%

CA2: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação.....20%

CA3: Conhecer e aplicar correta e criteriosamente as cores primárias, secundárias, as harmonias e os contrastes cromáticos .....20%

CA4: Criatividade.....30%

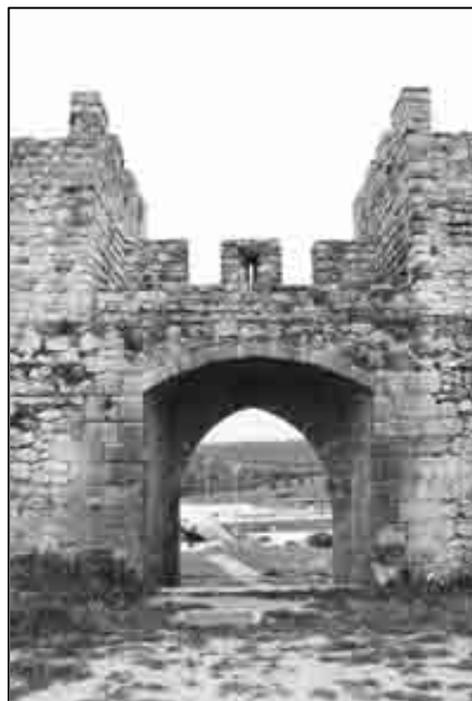
CA5: Rigor e limpeza.....10%

## Apêndice 11- Critérios de avaliação- Atitudes e Valores

### Projeto Arte Pública

	Comportamento				Participação				Realiz.Exerc.Proposto			
	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX
A1		X				X					X	
A2			X			X					X	
A3			X				X				X	
A4				X		X				X		
A5				X			X				X	
A6			X					X				X
A7		X					X				X	
A8				X			X			X		
A9		X				X				X		
A10			X					X				X
A11		X						X			X	
A12		X					X			X		
A13			X				X				X	
A14		X					X				X	
A15				X				X			X	
A16		X					X			X		
A17		X					X			X		
A18			X					X			X	
A19		X					X			X		

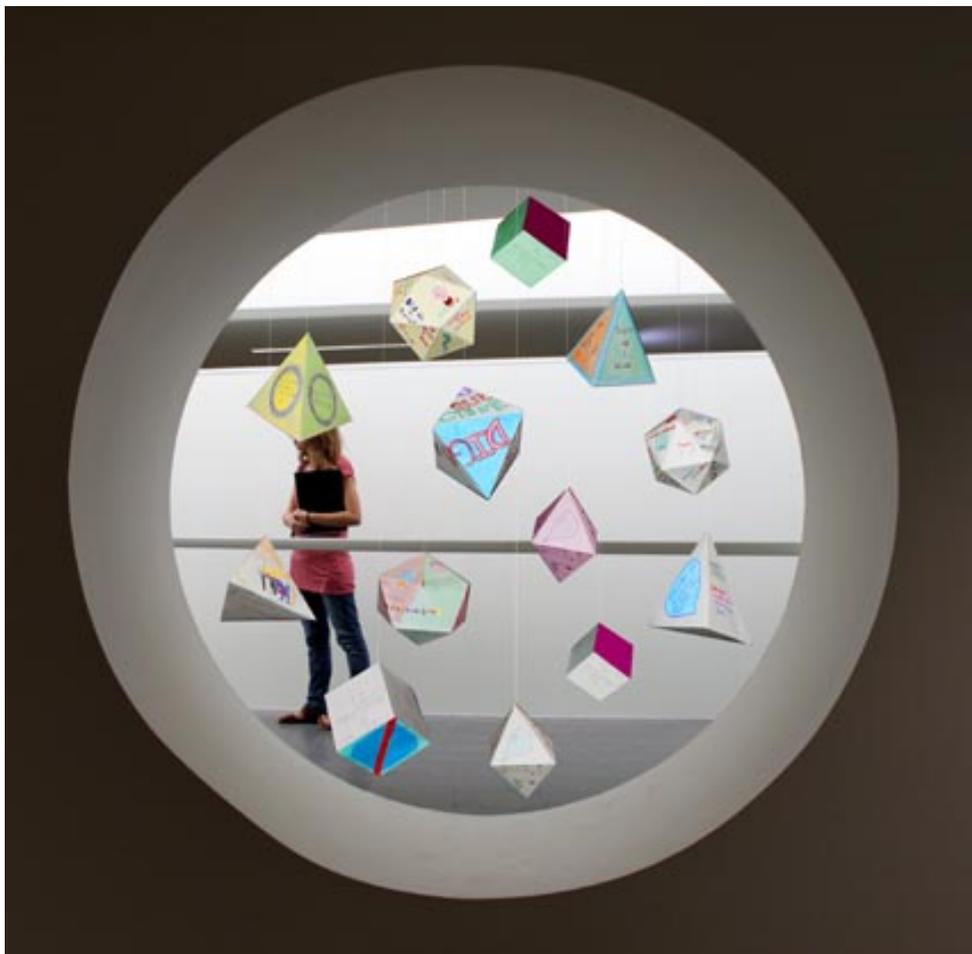
## Apêndice 12-Fotografias de espaços da vila de Arraiolos (2ª atividade)



## Apêndice 13- Trabalhos dos alunos: Projecto Arte Pública







## Apêndice 14- Enunciado do exercício do Workshop



Agrupamento de Escolas de Arraiolos

Educação Visual - 2011/12

### Descrição da Atividade - O Retrato -

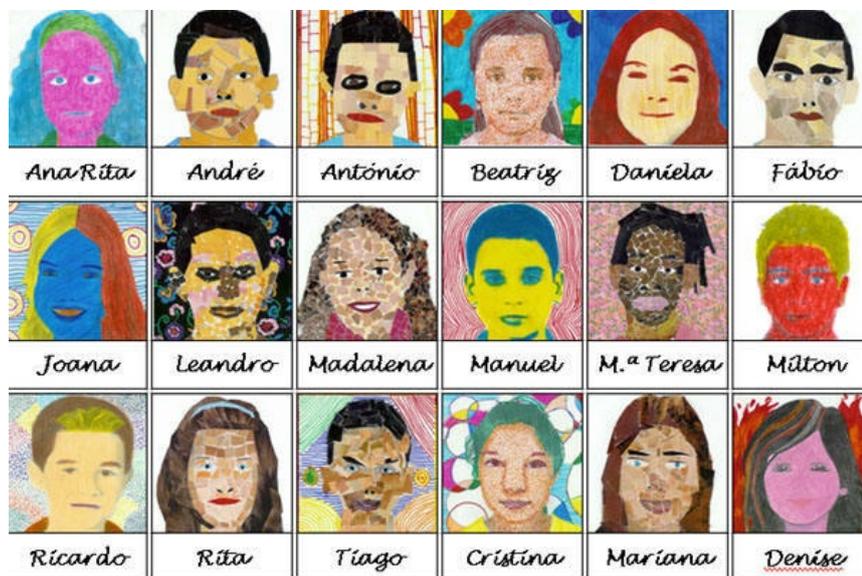
#### FICHA DE TRABALHO: Construção do auto-retrato

Deves desenhar num suporte de papel cavalinho formato A4, na vertical, o teu retrato.

Com recurso, se necessário a fotografia do teu cartão escolar, ou outro, faz a representação visual de ti mesmo, sem teres a preocupação de construíres uma reprodução fotográfica.

Procura que essa imagem revele a tua maneira de ser, os teus gostos...

Exemplos:



#### MATERIAL:

Papel cavalinho, A4

Lápis

Lápis de cor

Canetas de feltro

## Apêndice 15- Trabalho dos alunos (Workshop): Projecto Retrato

